



Universidade Federal do Amazonas – UFAM  
Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais – IFCHS  
Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA

## **DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**O impacto da religião evangélica na vida dos moradores da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, do município Careiro da Várzea, Amazonas: impasses e perspectivas**

**Mestrando:** Felipe Magno Silva Pires

**Orientadora:** Dra. Iraildes Caldas Torres

Manaus - AM

2022

**FELIPE MAGNO SILVA PIRES**

**O impacto da religião evangélica na vida dos moradores da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, do município Careiro da Várzea, Amazonas: impasses e perspectivas**

Dissertação de mestrado apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas. Área de concentração: Processos Socioculturais na Amazônia. Linha de pesquisa: Sistemas simbólicos e manifestações socioculturais.

**Orientadora:** Iraildes Caldas Torres.

Manaus - AM

2022

### Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

P667i Pires, Felipe Magno Silva  
O impacto da religião evangélica na vida dos moradores da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, do município Careiro da Várzea, Amazonas : impasses e perspectivas / Felipe Magno Silva Pires . 2022  
143 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Iraídes Caldas Torres  
Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Religião evangélica. 2. Comunidade. 3. Amazonas. 4. Assembleia de Deus. I. Torres, Iraídes Caldas. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

FELIPE MAGNO SILVA PIRES

**O impacto da religião evangélica na vida dos moradores da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, do município Careiro da Várzea, Amazonas: impasses e perspectivas**

Dissertação de mestrado apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas. Área de concentração: Processos Socioculturais na Amazônia. Linha de pesquisa: Sistemas simbólicos e manifestações socioculturais.

**Orientadora:** Iraildes Caldas Torres.

**Aprovado em:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dra. Iraildes Caldas Torres – Presidente**  
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

---

**Prof. Dr. Adelson da Costa Fernando – Membro**  
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

---

**Prof. Dr. Diogo Gonzaga Torres Neto – Membro**  
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

## AGRADECIMENTOS

Um trabalho desse porte não é construído por apenas duas mãos. Embora eu e a minha orientadora, a professora Doutora Iraildes Caldas Torres, a quem aproveito pra agradecer imensa e irrestritamente por todo empenho e dedicação à minha formação enquanto pesquisador, estejamos diretamente envolvidos em sua feitura, existem muitos aspectos que tornaram ele, senão possível, mais rico.

Agradeço, sobretudo, a Deus, Olorum, Shiva, Jah, Tupã, ou quaisquer outros nomes que essas entidades tenham, por terem possibilitado a minha existência.

Agradeço, também, a todos os professores do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, em especial às professoras doutoras e aos professores doutores Odenei Ribeiro, Alfredo Wagner, Renilda Aparecida, Iraildes Caldas Torres, Allan Barreto, Artemis Soares, Gláucio Matos, Renan Albuquerque, Alexandre Santos, Marilene Silva e João Luiz Barros. Obrigado por dividirem comigo uma grande parte de seus conhecimentos.

À minha mãe, por ter cuidado de mim com tanta dedicação. Sem você, eu não estaria aqui. Agradeço também a minha tia, Maria da Conceição, por sempre ter se importado com meu bem-estar. Ao meu tio Júnior, pela nossa parceria. Ao meu tio Fábio, por ter me feito enxergar a vida de outra maneira. Por ter me mostrado que com estudo e dedicação a gente consegue atingir nossas metas. Aos meus primos, Benedito, Kássya, Sandro, Flávio, Rhyanna e Alan, por toda irmandade, que nunca me fizeram sentir filho único.

Agradeço a minha esposa, Nathália, por ser a minha base, a minha estrutura, companheira e amiga, e aos nossos dois filhos, Arthur e Miguel, donos da minha alegria. É por vocês que o papai continua lutando.

Agradeço, também, aos meus colegas de mestrado, pela experiência compartilhada. Especialmente os “Panemas”, pela rede de apoio que conseguimos construir. Agradeço, ainda, aos companheiros do Grupo de Estudo, Pesquisa e Observatório Social: Gênero, Política e Poder (GEPOS), pela amizade e conhecimento compartilhado.

Agradeço aos comunitários e aos membros da Igreja Evangélica Assembleia de Deus – IEADAM da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, por toda gentileza, generosidade, altruísmo e contribuição incondicional com esta pesquisa. Mesmo pela dificuldade do método de entrevista (remota), todas as contribuições foram dadas sempre que solicitadas, todas as muitas vezes que foram necessárias. Agradeço, sobretudo, a Diamante, por ter colhido e enviado por barco as assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, solicitadas pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

Obrigado, professora Doutora Iraildes Caldas Torres, por todo empenho e dedicação com esta pesquisa. Obrigado por ter ministrado uma aula em cada uma das suas orientações. Aprendi muito nessa caminhada e posso dizer, sem hesitar, que saio desse Programa de Mestrado um ser humano muito mais consciente.

## DEDICATÓRIA

À minha filha, Yasmin Pires, que partiu dessa vida aos 3 meses e 27 dias, por ter me feito mais forte e menos preocupado com os problemas ínfimos da vida. Te amo.

À minha mãe, Maria Lúcia, minha heroína. Te amo.

À minha tia, Maria da Conceição, minha segunda mãe. Te amo.

À minha esposa, Nathália Guedes, minha companheira de todas as horas. Te amo.

Aos nossos dois filhos, Miguel Guedes Pires e Arthur Guedes Pires. Os maiores amores que tenho na vida.

Ao meu tio, professor Doutor Fábio Henrique Monteiro Silva, por ter me inspirado a persistir nos estudos. Te amo.

Ao meu tio, Raimundo Filho, por todas as nossas boas memórias. Amo você.

Aos meus primos, Kássya Rosete, Benedito Neto, Rhyanna Lindoso, Alan Júnior, Sandro Karlo e Flávio Rogério, por estarem em minhas melhores lembranças. Amo vocês.

E ao meu primo, Afonso Celso, meu pai não biológico. Todo amor.

### ***Epígrafe***

*A religião, a crença na onipotência punitiva ou premiadora de Deus, nunca teve em si um efeito civilizador ou de controle de emoções. Muito ao contrário, a religião é sempre tão “civilizada” como a sociedade ou classe que a sustenta*

(Norbert Elias)

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.....	36
Figura 2 – A Igreja Assembleia de Deus da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro/Inema.....	53
Figura 3 – Macrocosmo dos povos tradicionais da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.....	63
Figura 4 – A rebelde.....	82
Figura 5 – Cemitério da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.....	109

## **LISTA DE SIGLAS**

ADAM – Assembleia de Deus do Amazonas

ADTAM – Assembleia de Deus Tradicional do Amazonas

AGO – Assembleia Geral Ordinária

CEADTAM – Convenção Estadual da Assembleia de Deus Tradicional do Amazonas

CGADB – Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IEADAM – Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Amazonas

SEPROR – Secretaria de Estado da Produção Rural

TICs – Tecnologias de Informação e Comunicação

## RESUMO

Esta dissertação apresenta uma análise da atuação da Igreja Evangélica Assembleia de Deus – IEADAM na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, localizada no município do Careiro da Várzea, Amazonas, com o intuito de saber de que modo o povo tradicional avalia as práticas realizadas pela congregação no seio comunitário. O objetivo consiste em compreender de que modo a religião evangélica produz os sentidos de vida dos povos tradicionais que compõem a comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. A metodologia atende às orientações das abordagens qualitativas, sem se descuidar dos aspectos quantitativos, tendo por base a perspectiva interdisciplinar. O estudo assume uma inspiração rizomática, num franco diálogo entre a Sociologia, a Antropologia e a Filosofia, com ênfase numa análise fenomenológica. Os resultados demonstram que a Igreja Evangélica Assembleia de Deus influencia apenas uma parte das pessoas moradoras da comunidade, produzindo seus sentidos de vida, regendo seu comportamento em relação aos amigos, trabalho e família. A maioria dos comunitários é contrária à sua presença. A pesquisa aponta, por fim, que em geral, as igrejas evangélicas avançam significativamente, sobretudo nas comunidades tradicionais, influenciando seus modos de vida, normatizando suas consciências e retirando seus valores ancestrais, como é o caso das crenças populares.

**Palavras-chave:** Igreja evangélica. Comunidade. Amazonas.

## **ABSTRACT**

This dissertation presents an analysis of the performance of the Igreja Evangélica Assembly of God - IEADAM in the community Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, located in the municipality of Careiro da Várzea, Amazonas, in order to know how the traditional people evaluate the practices carried out by the congregation in the community bosom. The objective is to understand how the evangelical religion produces the meanings of life of traditional peoples that the community of objective is Nossa Senhora do Objetivo Socorro. The methodology to the guidelines of qualitative approaches, without neglecting the aspects to be examined, based on the interdisciplinary perspective. The study assumes a rhizomatic inspiration, in a frank dialogue between Sociology, Anthropology and Philosophy, with emphasis on a phenomenological analysis. The results that the Evangelical Assembly of God influences only a part of the people living in community, producing their senses of behavior, governing in relation to friends, work and family. The greatest amount of people is your presence. Finally, the research points out that, in general, evangelical churches advance significantly, especially in traditional communities, influencing their ways of life, normalizing their consciences and removing their ancestral values, as is the case of popular beliefs.

**Keywords:** Evangelical church. Community. Amazon.

## RESUMEN

Esta disertación presenta un análisis del desempeño de la Igreja Evangélica Assembleia de Dios - IEADAM en la comunidad Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, ubicada en el municipio de Careiro da Várzea, Amazonas, con el fin de conocer cómo los pueblos tradicionales evalúan las prácticas realizadas por la congregación en el seno de la comunidad. El objetivo es comprender cómo la religión evangélica produce los sentidos de vida de los pueblos tradicionales que la comunidad de objetivo es Nossa Senhora do Objetivo Socorro. La metodología a las orientaciones de enfoques cualitativos, sin descuidar los aspectos a examinar, basada en la perspectiva interdisciplinaria. También se busca conocer cómo la religión evangélica produce los sentidos de la vida de los pueblos tradicionales. El estudio asume una inspiración rizomática, en un diálogo franco entre la Sociología, la Antropología y la Filosofía, con énfasis en un análisis fenomenológico. Los resultados que la Asamblea Evangélica de Dios influye sólo en una parte de las personas que viven en comunidad, produciendo sus sentidos de comportamiento, gobernando en relación con los amigos, el trabajo y la familia. La mayor cantidad de gente es tu presencia. Finalmente, la investigación señala que, en general, las iglesias evangélicas avanzan significativamente, especialmente en las comunidades tradicionales, incidiendo en sus modos de vida, normalizando sus conciencias y despojando de sus valores ancestrales, como es el caso de las creencias populares.

**Palavras clave:** Iglesia evangelica. Comunidad. Amazonas.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>CAPÍTULO I – CAREIRO DA VÁRZEA: situação geográfica, sociocultural e religiosa</b> .....	20
1.1 – A Amazônia e o evangelismo: os primeiros raios .....	20
1.2 – A comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro: modos de vida e sociabilidade.....	30
1.3 – A chegada da Assembleia de Deus na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro .....	42
<b>CAPÍTULO II – O PAPEL RELIGIOSO DA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS NA COMUNIDADE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO</b> .....	55
2.1 – O <i>ethos</i> pentecostal e o controle das massas .....	55
2.2 – A moral pentecostal em impasses e desafios na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro .....	68
2.3 – Interdição das mulheres no culto religioso e seu papel de subalternidade na igreja Assembleia de Deus .....	78
<b>CAPÍTULO III – A IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS NA VISÃO DOS MORADORES DA COMUNIDADE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO: evangélicos e não evangélicos</b> .....	91
3.1 – As contribuições da igreja para a coletividade local .....	91
3.2 – Vozes dissonantes sobre o papel da igreja Assembleia de Deus na comunidade.....	102
3.3 – Voz do morador mais antigo: o antes e o depois da chegada da Assembleia de Deus na comunidade.....	115
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	129
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	133
<b>ANEXOS</b> .....	142

## INTRODUÇÃO

*Há deuses em tudo!*

(Tales de Mileto)

Este estudo assume o propósito de problematizar a influência de uma igreja evangélica na produção dos sentidos de vida de uma comunidade tradicional no Amazonas, dando ênfase à religiosidade como elemento de organização social. Trata-se de um debate interdisciplinar envolvendo a Filosofia, Antropologia e Sociologia, na busca de elucidação do problema de nossa pesquisa. A ideia consiste em verificar de que forma a religião causa impacto à vida dos fiéis, como ela organiza e embrutece o pensamento coletivo na indução de suas lógicas.

Comunidades rurais são caracterizadas por uma forte relação social, graus de parentesco estreitos, práticas de trabalho semelhantes e pontos comuns de convivência, mas isso não alude ao fato de que ela deva ser homogênea, pelo contrário, o modo de pensar nem sempre se assemelha ao modo de agir.

Deve-se reconhecer que a Igreja Assembleia de Deus tem forte influência no cotidiano dos moradores da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, nos seus modos de produção da existência, na sua relação com a comunidade na qual eles estão inseridos, na sua relação com o trabalho e com a família.

Mas racionalizar isso como justificativa para esta pesquisa é pouco. Numa perspectiva contemplativa, de quem olha para o passado a fim de compreender as decisões do presente, o interesse pela religião sempre esteve em mim, provavelmente pelos traumas pessoais que passei, como a perda da minha primogênita, pela doença de meu pai, que sofre de escoliose, pela luta de minha mãe para me criar sozinho, pela eterna contestação do “por que isso aconteceu logo comigo, com a gente”? Perguntas que sempre foram de encontro à deidade cristã.

Sempre acreditei que a religião é a maior das invenções humanas. O principal fundamento é de que, independentemente se Deus existe ou não, a simples ideia de ter alguém nos vigiando e nos julgando nos controla. É como se estivéssemos imersos na proposta panóptica foucaultiana<sup>1</sup>, numa vigilância constante que é fundamental não apenas para o

---

<sup>1</sup> Michel Foucault, no livro *Vigiar e Punir*, analisa um presídio panóptico, proposto pelo filósofo Jeremy Bentham, em que numa torre central um vigilante observa o comportamento dos prisioneiros em celas dispostas em círculo. Os prisioneiros não têm a certeza de que alguém os está vigiando, mas a presença da torre é suficiente para que eles se comportem. É essa a ideia de Deus no seio da humanidade.

controle, mas para o pleno funcionamento de nossa sociedade, principalmente aquelas onde as políticas públicas têm menor alcance.

A assertiva que mais me impressiona é que a religião, sobretudo nos municípios mais afastados dos centros urbanos, conforma o indivíduo, especialmente aqueles que se autodenominam cristãos. Independentemente do êxito ou do fracasso de quaisquer empreitadas, qualquer resultado será aceito porque “Deus quis assim”, “Deus tem planos para a sua vida”, “Deus pega as coisas loucas do mundo para confundir as sábias”, “Deus sabe o que faz!”. A religião não é um refúgio apenas para o espírito, é também para o corpo. A religião está atrelada à profissão, aos relacionamentos, à doença e à cura. É uma questão de esperança. E aqueles que se servem dela como instrumento de trabalho estão sempre em vantagem, pois Deus sempre está com a razão. O Deus Cristão é como um dono de cassino. Ele sempre vence, independentemente de qual seja o resultado.

O cristianismo é uma religião privilegiada. Toda a responsabilidade está em sua deidade, diferente das outras religiões, como a umbanda, o candomblé e o espiritismo, nas quais a falha do processo sempre será atrelada à inaptidão do espírita ou do pai de santo, enquanto as entidades e espíritos permanecem em seu panteão, regendo o cosmo religioso. O cristianismo desponta como a religião que mais se assemelha ao serviço social, pois ele organiza a liturgia e os rituais, dá esperança e consola aqueles que se apresentam como os mais necessitados em nossa sociedade. O cristianismo é a religião das urgências, o último refúgio do corpo e dos espíritos cansados, que, incapazes de lidar com seus problemas de outra forma, buscam no catolicismo, no evangelismo ou no islamismo a solução para todo e qualquer mal que os atinja.

Na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro residem 152 moradores dos 23.930 habitantes do município Careiro da Várzea (IBGE, 2010). Dessas pessoas, cerca de 45, segundo o pastor, são assembleianos, como eles próprios se denominam, membros da Igreja Assembleia de Deus. Seguem um modelo de vida idealizado pelo líder religioso, afastando os indivíduos daquilo que é considerado profano, como a reverência à natureza e o culto às imagens, bastante comuns no cenário rural.

Um desses aspectos centrais diz respeito à ascese intramundana, que, de acordo com Bourdieu (2011, p. 51), “[...] não é outra coisa senão a expressão socialmente determinada de um novo esquema de disposições em face da atividade econômica [...]”. Esse evangelismo ascético é a base do controle social, uma espécie de manual para tornar os “corpos dóceis”, como explica Foucault (1987, p. 127). A igreja condena, também, as festas profanas e o que eles chamam de maus hábitos, como o lazer sem propósito (jogo de baralho e o jogo de futebol,

apenas para citar alguns) e os vícios, a exemplo do tabagismo, das drogas ilícitas e da alcoolização.

Aparentemente a ação da congregação tem tido o efeito esperado, uma vez que é comum ouvir várias frases ao longo do dia começarem com o “a palavra de Deus diz que [...]”, além disso, é possível notar que muitos termos regionais têm diminuído ao longo do tempo, como o uso de palavras indígenas e a exaltação das lendas amazônicas, sendo a mais famosa a da visagem, do boto que se transforma em homem e seduz, e das aparições de outras entidades do folclore amazônico.

Parte-se do princípio de que o pré-requisito para a evangelização do indivíduo é o processo de desencantamento do mundo. Schweickardt (2002, p. 26-27) explica que esse “[...] *entzauberung*<sup>2</sup> acontece quando os espaços da vida social vão sendo tomados por um pensamento racional [...] em detrimento de uma visão tradicional e mágica [...]”. No contexto amazônico, repleto de lendas e magias que fazem parte do seu imaginário, onde as malhas sociais são tecidas pela ação do sobrenatural sobre o cotidiano dos povos tradicionais e pela forma como a crença impacta no modo de vida da comunidade, o processo de desencantamento do mundo torna-se bem mais impactante.

Quando se trata da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a assertiva supradita não encontra referência, com base no que foi explicado até aqui. O que se nota é a formação de três núcleos sociais naquele microcosmo: o formado pelos autodenominados evangélicos, o de não-evangélicos e o de organização política e social que se opõe à religião no seio daquele povo tradicional.

Essa pesquisa assume a perspectiva das abordagens qualitativas, sem exclusão dos aspectos quantitativos, tendo por base a inspiração da fenomenologia e dos estudos rizomáticos. Dentre os procedimentos adotados consta a pesquisa de campo, momento em que foram colhidas informações a respeito do objeto de estudo, ouvindo os moradores e as lideranças comunitárias sobre seus principais problemas e anseios, bem como de que modo aquelas pessoas se relacionam com a igreja que opera na comunidade.

A amostra é composta por 16 pessoas, sendo 10 moradores do chão de comunidade, em quantidade equilibrada entre homens e mulheres, evangélicos e não evangélicos. Ouvimos, também, 01 autoridade, 01 representante da Igreja Assembleia de Deus, 03 representantes dos movimentos sociais e 01 estudioso da religião. Todos foram ouvidos sob a técnica da entrevista profunda, como sugere Bourdieu, que é aquela em que podemos ouvir o mesmo participante da

---

<sup>2</sup>Desencantamento, em alemão.

pesquisa quantas vezes forem necessárias. Os nomes reais dos participantes da pesquisa foram substituídos por nomes fictícios. As mulheres receberam os nomes de pedras preciosas, e os homens foram identificados por nomes referentes a árvores amazônicas.

As perguntas da entrevista semiestruturada foram elaboradas com o intuito de identificar os perfis dos sujeitos da pesquisa, contendo questões fechadas sobre sua situação socioeconômica, e perguntas abertas a respeito das opiniões acerca da presença da igreja Assembleia de Deus. Todo esse processo ocorreu de forma remota, utilizando mídias sociais como WhatsApp e Google Meet, em razão das restrições sanitárias da pandemia do Novo Coronavírus. Um processo oneroso, mas que rendeu os resultados esperados.

No primeiro capítulo foi trabalhado a situação analítica, geográfica, sociocultural e religiosa do Careiro da Várzea, com ênfase na chegada da religião evangélica na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. No segundo capítulo, buscamos identificar o papel social e religioso da igreja na comunidade, pontuando seus impasses e perspectivas nas mudanças de condutas dos moradores. No terceiro capítulo, a proposta foi demonstrar de que forma os moradores veem a presença da igreja no seio da comunidade, assinalando seus aspectos positivos e negativos no convívio e sociabilidade local.

Ao final, apresentamos as considerações finais, o resultado da pesquisa de campo empreendida na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, uma comunidade amazônica que é parcialmente regida pela religião evangélica. Estamos nos referindo à Igreja Evangélica Assembleia da Deus, que produz seus sentidos de vida e influencia diretamente na forma como o povo tradicional lida com seus amigos, familiares e com as práticas trabalhistas.

O trabalho seguiu uma dinâmica de ir e vir no âmbito do processo de orientação, assim como a consulta à comunidade por meio da pesquisa de campo remota, o que permite melhor desenvolvimento da pesquisa em questão. Em razão do quadro pandêmico que o Brasil e o mundo vêm enfrentando, as visitas presenciais, por enquanto, estão suspensas, ainda que a vacinação esteja bastante adiantada no município.

Existe um crescimento perceptível da religião evangélica em todo o território brasileiro. Fernando (2018, p. 43) assinala dizendo que “fazendo uma projeção linear destas tendências até 2040, percebe-se que, em 2028, os evangélicos (com 37,2%) vão ultrapassar os católicos (com 36,4%). Em 2040, os católicos cairiam para 22,7% e os evangélicos subiriam para 45,4% [...]”. Esses dados são fortes indicadores para se justificar a pesquisa. Mesmo com as contradições religiosas do seu *ethos* e de sua moral, conforme poderá ser observado neste trabalho, o evangelismo continua crescendo na região amazônica.

Esta pesquisa se justifica não só no que diz respeito à sua contribuição aos estudos da religião na Amazônia, mas, sobretudo, porque poderá servir de instrumento para possíveis reivindicações de políticas públicas àquela comunidade, por parte dos movimentos sociais locais.

## CAPÍTULO I - CAREIRO DA VÁRZEA: situação geográfica, sociocultural e religiosa

*Ao desenhar a figura de uma árvore, a maioria de nós não fará as raízes. No entanto, as raízes de uma árvore são, com frequência, tão notórias quanto as partes que vemos. Além disso, numa floresta, as raízes de todas as árvores estão interligadas e formam uma densa rede subterrânea na qual não há fronteiras precisas entre uma árvore e outra.*

(Fritjof Capra)

### 1.1 A Amazônia e o evangelismo: os primeiros raios

A *noosfera* amazônica sempre esteve imersa no imaginário. A crença no mito faz parte da composição social dos povos amazônicos, assim como a cultura é arraigada à religiosidade. Antes mesmo da chegada dos colonizadores, os indígenas já professavam sua fé por meio do culto à natureza. Inclusive o paradigma maniqueísta já estava estabelecido: Tupã e Jurupari, o bem e o mal. Essas entidades são fundamentais para o equilíbrio social, uma vez que as ações do grupo são tomadas com base no afastamento do mal e no acolhimento do bem, ritos que demovem os espíritos agourentos do seio das etnias e que possibilitam a chegada de boas vibrações de energia que ajudam na agricultura, na caça e na pesca.

Mas essa é apenas uma das composições dos povos tradicionais que formam a sociedade amazônica. Quilombolas e agricultores também professam sua fé de diferentes modos, seja pela prática dos ritos das religiões de matriz africana, seja pela doutrina católica. A Amazônia é composta por povos ecumênicos que buscam resistir às constantes intervenções da religião evangélica, com o pentecostalismo despontando como principal vertente na desestruturação secular da religiosidade desse povo. Ricardo Castro, estudioso da religião ouvido nesta pesquisa, explica que

*A religiosidade do povo é essencialmente sincrética, pluralista e resistente na manutenção e reinvenção constante de sua identidade basicamente indígena, católica e afro-amazônica. É uma religiosidade que reflete a luta pela vida, a festa, a busca de transcendência que sustente valores identitários amazônicos (Entrevista, 2022).*

De acordo com Wagley (1988, p. 226), “essas crenças religiosas nativas entravam inevitavelmente em conflito com a ideologia cristã que fornecia outras explicações para a origem das coisas”. Um processo que levou à desestruturação da fé amazônica, transformando

a identidade dos indivíduos numa cópia inexata composta por aquilo que preconiza a religião cristã.

A fé amazônica não é um ato estático, é um modelo de vida pulsante, que ajuda a sustentar a malha social dos povos que vivem na região. É uma questão cultural, uma vez que uma parte dessas pessoas é descendente de imigrantes nordestinos, que deixaram a seca em busca do seu sustento e do sustento de suas famílias nos seringais, trazendo consigo suas vivências, tradições e costumes, que são passados para as gerações seguintes. A intervenção pentecostal não é apenas uma questão religiosa, diz respeito, também, à desestruturação da cultura dos povos tradicionais, como os que formam a comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

No início da ocupação do invasor europeu, as missões religiosas, a fim de facilitar a comunicação com os indígenas, promoveram adaptações ao credo católico, possibilitando mudanças de conduta entre os aldeados, contribuindo, desse modo, no processo de implantação da língua geral e da evangelização. “Alguns sobrenaturais tupis tiveram a sua importância acentuada pelos missionários [...]. Tupã, um sobrenatural [...] ligado ao trovão, tornou-se o [...] Deus cristão, oposto a Jurupari, um ser da floresta, apontado como a personificação do diabo” (GALVÃO, 1995, p. 9).

As asserções supracitadas deixam claro que as estratégias para arregimentar fiéis existem desde o começo da ação religiosa em território amazônico, quase sempre em prejuízo aos povos tradicionais, uma vez que, de acordo com Galvão (1995, p. 9), “na Amazônia, o contato entre europeus e indígenas não resultou na adoção e assimilação gradual pelo índio de elementos culturais do Velho Mundo. Sociedades tribais desapareceram rapidamente [...]”. Esse tipo de estratégia também foi adotado pela religião evangélica, sobretudo pela vertente pentecostal, de onde é oriundo um novo movimento astuto, conhecido como neopentecostalismo, uma forma menos rígida, porém igualmente incisiva, que busca arregimentar novos fiéis para a religião evangélica, sobretudo quando agem no seio das comunidades tradicionais.

Conforme Ricardo Castro,

*O arregimento ocorre sob as bases do autoritarismo deixado pelo catolicismo e as formas dominadoras coloniais, principalmente na pessoa do pastor. Uma outra forma é de responder de forma sobrenatural as necessidades básicas humanas, como a doença através da oração e do paternalismo religioso. A valorização das lideranças locais que assumem de forma mimética ou imitadoras seus líderes superiores e formadores de sua nova identidade, sem*

*levar em conta suas bases culturais-religiosas, que devem ser rejeitadas como coisas do demônio* (Entrevista, 2022).

Os mitos e os modos de vida amazônicos são progressivamente substituídos pela *práxis* religiosa denominada neopentecostalismo, cujas bases são firmadas exatamente na orientação pentecostal, embora seja mais inclusiva. Uma das principais características do movimento neopentecostal é o “carisma”, explicado por Weber (1984, p. 193). Seus pastores, conforme assinala Ricardo Castro, são capazes de inspirar tanto seus fiéis, que eles acabam imitando o comportamento de seus líderes. Esse mimetismo adapta o mito a uma nova realidade, incorporando-o de racionalidade, e se torna real somente quando esse mito passa a ser “[...] incorporado num culto, em rituais e cerimônias que tinham um impacto estético sobre os devotos, inspirando-lhes um senso de significado sagrado e habilitando-os a aprender as correntes mais profundas da existência” (ARMSTRONG, 2009, p. 15).

O neopentecostalismo está impregnado pelas correntes religiosas que o sucederam, rememorando o início do processo de colonização, quando as missões se adaptavam, com o intuito de facilitar a ação evangélica no seio dos povos tradicionais. O método de arregimento é secular, e para que se compreenda de que modo esse movimento modernista, com ênfase na corrente neopentecostal, alcança, ainda que de forma não oficial, a comunidade tradicional Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, é necessário entender o início da ocupação desse território pelo cristianismo.

A religião evangélica no Amazonas tem início com a “Igreja Metodista, em 1886, quando o Reverendo Marcus Ellsworth Carver e o Reverendo Justus Henry Nelson, dirigiram-se a Manaus para iniciar as primeiras atividades missionárias no Estado” (OLIVEIRA; PINTO, 2017, p. 118). Àquela época, as missões religiosas, sobretudo as de credo evangélico, eram muito comuns, pois os esforços eram desinentes do dever que os religiosos tinham com a fé, não como parte preponderante do processo de expansão; era uma decisão pessoal, visto que nada tinha a ver com a administração das congregações. Portanto, “nasciam desse ‘*modus operandi*’ as Sociedades Missionárias, [...] que ordenavam pastores e missionários voluntários a ir além da congregação local, até mesmo ‘nos confins da terra’ (como a Amazônia era vista)” (TORRES NETO, 2019, p. 45). Esse ordenamento não era uma imposição da igreja, mas sim uma espécie de título ou diploma que os tornava aptos a realizar esse trabalho.

A religião se estabelece no território de modo bastante lento, trazendo novas perspectivas ao cenário complexo no que tange a vida espiritual das comunidades amazônicas. A existência da igreja com raízes na Reforma é o que há de mais novo no século XX no que se

refere à região amazônica. “[...] Competindo liturgicamente com o Catolicismo estariam as missões evangélicas interdenominacionais, como a Igreja Evangélica Amazonense e a Igreja Evangélica Assembleia de Deus” (FIGUEROA, 2002, p. 26). Essas igrejas representam uma nova proposta cristã, muito mais focada nas questões particulares do indivíduo e da comunidade na qual elas estão inseridas, como a busca pela prosperidade oriunda do trabalho. Sua ação é gradual, encontrando adeptos em todos os setores do agrupamento local.

Logo no início, as missões evangélicas realizavam práticas litúrgicas divergentes, desde as vestimentas, passando pelos discursos religiosos e incidindo no cotidiano da comunidade. Esses costumes tiveram larga influência nas relações sociais, bem como nas representações que ajudaram a formar o conjunto religioso da região amazônica. Algumas igrejas que aderiram a esse novo movimento evangélico chegaram a agir entre as comunidades indígenas da região com programas de tradução da Bíblia, educação e formação evangélica. As igrejas, nesse caso, Presbiteriana, Assembleia de Deus, Deus é Amor, Luterana, Pentecostal Unida do Brasil, Batista, Quadrangular, dentre outras, que fazem parte desse movimento, são conhecidas atualmente por Igrejas Evangélicas, cuja presença delas em todo o Estado do Amazonas é irrefutável.

Com a expansão do movimento, já imerso no cenário rural, o movimento evangélico se deparou com uma população enraizada nas tradições católicas, “sobretudo no culto aos santos, nas missas compartilhadas com seus parentes, amigos e vizinhos, nas festas em honra aos santos que a população era devota” (OLIVEIRA, 2010, p. 5). Portanto, o evangelismo surgiu na área rural brasileira para ser uma nova proposta, em decorrência das desigualdades religiosas e sociais que existiam nas localidades rurais em que esse movimento chegava; a despeito de ter acontecido a aceitação da mensagem que era pregada, o modo como essa pregação foi praticada no seio do sistema social e religioso não era igual à praticada em outras localidades (RIBEIRO, 2009). Quer dizer, os problemas e as soluções rurais divergem das questões urbanas, são muito mais íntimos, por isso necessitam de um processo de evangelização específico, que atinja o âmago da população.

No que se refere ao evangelismo no meio rural brasileiro, Ribeiro (2009, p. 3) afirma que ele “[...] vem despido de simbologias mágicas. Os poucos símbolos e ritos que restaram [...] recebem uma nova roupagem no rural, ou seja, são reinterpretados: a água batismal, o pão na cerimônia de Santa Ceia, o vinho e o templo”. Embora o movimento evangélico não apresente uma ênfase concisa ao templo, o local de culto toma para si a função de local sagrado e de símbolo da presença divina. Conforme Ribeiro (2009, p. 4),

No Protestantismo rural, observa-se que, mesmo após a conversão, o morador da zona rural não perdeu seu significado mágico-religioso. Os rituais coletivos e individuais, o pão, o vinho e o templo fazem parte de um universo sagrado. A natureza é o veículo da força divina e também o seu meio de comunicação com os homens. Dessa forma, o homem rural protestante continua a “ler” nos eventos meteorológicos, nas manifestações de animais ou no canto dos pássaros as mensagens de Deus para os seus problemas cotidianos, como o dia para plantar, colher, para castrar a criação e até para calcular o parto das fêmeas em geral. As manifestações do sagrado na natureza têm a finalidade de serem transmissoras e comunicadoras do poder de Deus. Cabe ao protestante que vive no rural conhecer a linguagem de Deus na natureza.

Para os povos tradicionais, a fé no divino é inabalável, uma vez que a religiosidade está além do mundo material, ou seja, ela está presente em todos os momentos do cotidiano da população, na enfermidade, economia, cheia e vazante do rio, e na pesca escassa. Quando surgem essas dificuldades, o sujeito busca fundamento na fé, clama a Deus e entrega os seus caminhos nas mãos do Senhor. A respeito dos povos tradicionais, “a religiosidade [...] também consiste na convicção de que existe um Ser Superior. Religiosidade fundamentada nas suas crenças, nos seus costumes e na relação direta com a natureza [...]” (OLIVEIRA, 2012, p. 14).

Durante anos os seres humanos vêm acreditando na existência de um Ser Maior, variando apenas a natureza da crença, bem como o adorado, de acordo com cada religião. A religião é um sistema cultural. Em sentido mais amplo, “[...] a religião nunca é apenas metafísica. Em todos os povos, as formas, os veículos e os objetos de culto são rodeados por uma aura de profunda seriedade moral” (GEERTZ, 2017, p. 93). O sagrado carrega consigo uma obrigação, não somente estimula a devoção, como a impõe; não somente conduz à aceitação pelo intelecto, também exige um compromisso emocional, as regras são rígidas e atingem a todos os membros que congregam na igreja. São questões que incidem na vida particular, no âmbito da família, e na vida profissional, ou seja, todos os aspectos devem ser adotados como um modelo de vida do indivíduo. Não obstante, esse modelo tem de ser estendido a todos que fazem parte do seu ciclo, só assim o intrincado sistema cultural e religioso logrará êxito no seu intento e fará sentido.

As construções religiosas fazem parte de um todo sistema simbólico, que, uma vez inserido em uma comunidade tradicional como a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, molda a sua estrutura cultural, sobretudo pela sua pequena extensão territorial, seja pela outorga dos princípios que regem a doutrina, seja pela necessidade de cada um dos indivíduos sentirem-se parte da malha social. Qualquer pessoa à margem do sistema religioso é passível de sofrer

sanções, não físicas, mas, também, sociais<sup>3</sup>, o que pode levar os sujeitos a um estado profundo de consternação. Em função desses fatores é que a doutrina religiosa tem facilidade em se adaptar à realidade dos povos tradicionais, levando em consideração o que preconiza Weber (1984, p. 193), que “as camadas mais baixas do proletariado [...] e as camadas da pequena burguesia - em decadência proletária ou em constante indigência e ameaçadas de proletarização - são presa fácil de missões religiosas”.

Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é uma “comunidade emocional”<sup>4</sup> (MAFFESOLI, 2018, p. 15), é solo fértil para a aplicação da doutrina religiosa, em seu caso, a religião evangélica, representada pela igreja Assembleia de Deus, formalmente pentecostal, mas que apresenta características neopentecostais, no que se refere à condução da congregação no seio daquela coletividade.

Deve-se reconhecer que “ainda que a Igreja Metodista tenha tido uma origem voltada à pregação da Bíblia da parte de pregadores leigos, o metodismo logo assumiu caráter acadêmico quanto à preparação de líderes” (WREGGE, 2011, p. 2453). Esse processo pode ser considerado o início da formação de líderes carismáticos, uma das principais características de pastores neopentecostais. Outro traço do metodismo adotado pelo neopentecostalismo, de acordo com Dornelles (2002, p. 73), é que ele “enche as igrejas, enfatiza os dons do Espírito Santo, e provoca mudanças radicais na liturgia tradicional”.

Uma das mulheres ouvidas em nossa pesquisa, Esmeralda (57 anos), quando indagada sobre suas vivências no culto, revela que

*É sobrenatural. Só Deus mesmo pra realizar tantas bênçãos na minha vida. Tudo que eu coloquei diante Dele, no altar, tem se realizado. Meu Deus é fiel! Eu sinto uma força dentro de mim, uma presença que me acompanha sempre. Esse é o poder de Deus! (Entrevista, 2022)*

É o que Weber (1984, p. 93) aponta, quando a religião assume uma forma mágica, “[...] sem dúvida é mais fácil prosperarem sobre esse solo os elementos emotivos do que os racionais de uma ética religiosa”. A emoção, já acentuada antes por Maffesoli (2018), é o que rege uma comunidade como a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

---

<sup>3</sup> Exclusão de reuniões e festas comunitárias, dentre outros.

<sup>4</sup> Sob a perspectiva de Maffesoli, a comunidade emocional se sobressai em relação à comunidade abstrata. Os indivíduos abstratos dão lugar a seres que pertencem a tribos, onde as manifestações sociais são mais comuns, como a solidariedade e a comunhão. Essas tribos são compostas por um sentimento de irmandade, onde a razão é exceção.

O que diferencia o neopentecostalismo do movimento pentecostal é uma visão empresarial da religião, para isso é necessário que os pastores a frente de suas igrejas não sejam apenas carismáticos, mas possuam “dons” de natureza espiritual, como cura milagrosa, e apoio em vários campos da vida humana. Wrege (2011, p. 2452) considera que as igrejas neopentecostais oferecem “[...] um tratamento mais próximo dos problemas do dia-a-dia [...]”. Quer dizer, é uma nova proposta capaz de transformar a realidade do povo tradicional da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que, isolados dos grandes centros urbanos, enxergam a sua religiosidade como fundamental para a resolução dos seus impasses, uma vez que o movimento neopentecostal, do qual a igreja, informalmente, faz parte, é mais popular nos extratos mais pobres da população.

A cura instantânea do vício também é um dos pontos principais do neopentecostalismo, pois é muito comum que o dependente químico vá à frente da congregação para que o pastor, por meio de orações, imposição de mãos e palavras em línguas estranhas, expulsa o “demônio” que tomou o corpo e a alma daquele homem ou daquela mulher para si. De acordo com Ricardo Castro, “[...] o movimento [...] tem como centro [...] a experiência do Espírito Santo, o batismo no Espírito Santo e oração em línguas estranhas. De alguma forma, esse movimento se torna uma expressão inovadora, que relativiza as outras formas de expressão do cristianismo” (Entrevista, 2022). Esse processo tem dois objetivos: demonstrar o poder da igreja no combate ao mal, e incutir o medo nos fiéis, para que eles entreguem seus caminhos ao Senhor e para que aqueles que permanecem nesse caminho, jamais saiam dele.

O movimento neopentecostal foi trazido ao Brasil por Robert McLister, com uma estratégia proselitista, na década de 50, mas sua congregação, a Igreja Nova Vida, só foi fundada em 1960. A respeito de Robert McLister, Wrege (2011, p. 2451) aponta que ele era “[...] ex-membro da Igreja do Evangelho Quadrangular [...] e a sua Igreja Nova Vida possui um caráter neopentecostal de fundo moderno quanto à maneira dos membros se vestirem [...] e tem como fundamento teológico conhecido como Teologia da Prosperidade”, cujo objetivo é incutir na mente de seus membros que Deus tem um plano para suas vidas, que eles foram escolhidos para serem empregadores, não empregados. Que seu destino é ser empresário.

Dois dos principais discípulos da igreja de Robert McLister são Edir Macedo, atualmente líder da Igreja Universal, e Romildo R. Soares, fundador e líder da Igreja Internacional da Graça de Deus. Edir Macedo, que permaneceu na Igreja Nova Vida durante 10 anos, se desligou da congregação por considerar que a proposta de evangelização não era favorável ao recebimento de dízimos (WREGE, 2011). Macedo, que é cunhado de Romildo Soares, acabou chamando o missionário para integrar a sua nova igreja, a Cruzada do Caminho

Eterno, que mais tarde se tornaria a Igreja Universal. Mas a parceria não durou muito tempo, pois além de Romildo Soares perceber que não havia tantas oportunidades para ascensão dentro da congregação, ele também saiu porque “[...] Edir Macedo imprimia um tom agressivo aos rituais de exorcismo existentes nos cultos, principalmente na parte destinada ao tratamento de membros” (WREGE, 2011, p. 2451).

Esses processos de ruptura são muito comuns dentro do universo religioso, sobretudo o evangélico, conforme será explicado mais tarde neste capítulo, sobre a cisma que levou à separação da Igreja Assembleia de Deus e deu origem a duas congregações, uma tradicional e a outra com características neopentecostais, como a que atua na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, embora ela se identifique como uma congregação pentecostal com exigências menos rígidas.

Alguns autores, como Bitun (2007), classificam o movimento pentecostal em três momentos: no primeiro, que compreende a década de 1910, estão igrejas como a Assembleia de Deus; no segundo, décadas de 1950 e 1960, estão as igrejas do Evangelho Quadrangular e Deus é Amor; no terceiro, entre as décadas de 1970 e 1990, estão as igrejas neopentecostais, como a Universal, Sara Nossa Terra, Renascer em Cristo, e Mundial do Poder de Deus. Essas últimas, de acordo com Bitun (2007, p. 33-34), são “as principais, de maior destaque no cenário nacional mediante sua capacidade de levar sua doutrina midiática e conseguir um maior número de membros e fiéis”.

As igrejas neopentecostais fazem bom uso da tecnologia para expandir seu domínio. Os próprios Edir Macedo (dono de sua própria rede de televisão) e Romildo Soares lançam mão de programas televisivos, jornais e revistas com o propósito não apenas de disseminar suas ideias, mas arregimentar cada vez mais pessoas para o seu séquito religioso. Para isso, fazem uso largamente de três ferramentas: a guerra contra o demônio, a teologia da prosperidade e a liberação dos usos e costumes pentecostais, como vestimenta, lazer e comportamento. “A não separação do mundo é o que diferencia [...] das igrejas pentecostais” (WREGE, 2011, p. 2452). Essa característica é observada na igreja Assembleia de Deus.

Contudo, esse novo comportamento neopentecostal vai contra tudo aquilo que a religião evangélica tem buscado representar. Se o objetivo principal sempre foi a santificação da vida terrestre para a conquista da vida eterna, essa nova proposta de comportamento não é apenas paradoxal, como afasta o fiel da promessa divina de que existe vida após a morte, se o indivíduo seguir as escrituras sagradas.

Ametista (56 anos), uma das mulheres ouvidas nesta pesquisa, quando indagada a respeito da liturgia da Igreja Assembleia de Deus na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, revela o seguinte:

*A gente canta, dança, louva ao Senhor. O pastor gosta de ouvir nossos testemunhos, algumas de nós (mulheres) até falam A Palavra lá em cima (no altar). Tem muita cura e libertação, é uma igreja avivada, muitas bênçãos são conseguidas nela. Um homem do cambixe<sup>5</sup> tava com a costa travada tinha dias e conseguiu a cura lá no altar. O pastor perguntou se ele acreditava (no poder de Deus), ele aceitou Jesus e resolveu a doença (Entrevista, 2022).*

Um dos principais alvos de igrejas neopentecostais, conforme Silva (2007, p. 10-11), é a crença de que os problemas são oriundos da “presença do demônio, e este, em geral, é associado a divindades de outras denominações, como as religiões de matriz afro-brasileiras”. Trata de uma apropriação do simbolismo que pertence ao universo candomblecista e umbandista, que as igrejas pentecostais utilizam não apenas para disseminar o medo entre os fiéis, mas também para eliminar a concorrência pelo mercado de bens simbólicos, degradando a imagem das outras religiões em benefício próprio, numa lógica capitalista, essencialmente empresarial. Esse subterfúgio é muito utilizado pela igreja Assembleia de Deus que atua na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

No livro *A Morte Branca do Feiticeiro Negro*, Ortiz (1999) explica como foi difícil para os descendentes da África professarem a sua fé no seio de uma sociedade essencialmente católica como a brasileira. Os negros tiveram de adaptar uma nova religião, chamada umbanda, que reunia aspectos do catolicismo, a fim de que eles pudessem cultivar suas entidades com mais tranquilidade. “Na umbanda, esta característica do transe regulamentado pela tradição africana – a repetição dos mitos, as aventuras e desventuras dos deuses – desaparece completamente” (ORTIZ, 1999, p. 70).

Para os umbandistas que tiveram de se adaptar a uma religiosidade aceita pela sociedade brasileira, é oneroso acompanhar a apropriação de seu simbolismo, com vistas ao lucro por meio de bens religiosos, por uma religião que declaradamente é intolerante com relação a práticas que divergem da sua liturgia, mas é favorável à “presença” dos orixás ou entidades desinentes da cultura africana quando lhe convém. A religião de matriz-africana é apenas um reflexo de problemas muito mais profundos de nossa sociedade. Ortiz (1999) esclarece que os negros, recém-libertos, tiveram de aceitar a imagem de passivos e humildes a fim de serem

---

<sup>5</sup> Região próxima à comunidade, também no Careiro da Várzea

aceitos pela sociedade brasileira, de modo que isso interferiu também na prática umbandista, uma vez que “na umbanda, não há lugar para os negros quilombolas [...]. Como a memória coletiva umbandista coincide com os valores dominantes da sociedade brasileira, ela somente conserva os elementos que estão em harmonia com essa mesma sociedade” (ORTIZ, 1999, p. 74). Isso porque os quilombolas eram considerados rebeldes, por se insurgirem contra o regime escravocrata.

É preciso acentuar que essa é a realidade de vinte anos atrás, e embora a umbanda também tenha se reconfigurado durante esse tempo, o ponto central das asserções anteriores é evidenciar que as religiões cristãs, sobretudo em suas características mais incisivas, como a pentecostal e a neopentecostal, solapam as outras religiões e perpetuam a intolerância e o preconceito inerentes à sociedade brasileira.

As igrejas evangélicas, há muito tempo, vêm passando por um processo de renovação, mas foi somente com o neopentecostalismo que essas congregações conseguiram atuar mais fortemente com a lógica empresarial-capitalista, um comportamento que vai completamente na contramão daquilo que Lutero defendeu durante a Reforma Protestante, cujo início, em 1517, na Alemanha, foi responsável pela ruptura com a Igreja Católica, imersa, àquela época, em corrupção e desvios de conduta, como a venda de indulgências. Marshall (2017, p. 24) afirma que “as indulgências eram certificados perdoando uma parte do castigo a ser cumprido no purgatório [...], os papas argumentavam que, como chefes da igreja na terra, podiam usar o ‘excedente’ das boas ações dos santos para emitir indulgências”. O problema é que esse sistema era passível de abusos, uma vez que o objetivo era arrecadar fundos para a construção da nova Basílica de São Pedro. O negócio do perdão de pecados em troca de dinheiro estava gerando lucros.

As indulgências foram motivo de discussão de muitos pensadores e reformadores da época, mas foi Lutero quem observou que “[...] se a Igreja e o papa não podiam ou não queriam reformar um franco abuso como eram as indulgências, devia haver algo de errado em toda a estrutura da teologia e da autoridade” (MARSHALL, 2017, p. 25). Se transportamos para a época moderna, com base no mercado de bens simbólicos largamente negociados pelas igrejas neopentecostais, é possível afirmar que a religião evangélica, por meio do protestantismo, que, no seu início, defendeu o retorno às escrituras e condenou a corrupção, não somente faz livre uso da estratégia adotada pela Igreja Católica no Século XVI, como se adaptou à modernidade, e hoje já opera não apenas no pessoal, mas, também, por plataformas midiáticas.

Esse imaginário da necessidade de obtenção de bens simbólicos é muito explorado por igrejas neopentecostais no Amazonas, e, também, é alimentado pela produção dos bens, das

imagens e dos rituais carregados de simbolismo. Eliade (1992, p. 17) deixa claro que a aquisição desses objetos “[...] não se trata de uma veneração da pedra como pedra [...]. A pedra sagrada, as árvores sagradas, não são adoradas como pedra ou como árvore, mas justamente porque são uma manifestação do sagrado”. Essa cultura mercantilista imerge o fiel num todo aglomerado espiritual que a sua salvação só fará sentido se ele consumir os serviços religiosos, como se isso fosse pré-requisito para que ele, de fato, garantisse o ingresso no céu. Assim surge e se estabelece o mercado gospel, que inclui livros, revistas, CDS, DVDS, óleo ungido, e demais objetos abençoados, que trarão, segundo os evangélicos, paz e equilíbrio financeiro aos lares.

Parte dos ensinamentos das igrejas evangélicas diz que a idolatria, como o culto aos santos, é terminantemente proibida pelos evangelhos, mas isso não impede que a mercantilização de objetos, como livros, garrafas com óleos ungidos, indução ao pagamento de dízimos com base nas leis de Deus, ofertas e primícias<sup>6</sup>, comuns a muitas igrejas evangélicas, ocorra sem censura. Paradoxalmente, essas também são formas de idolatria. A própria utilização da Bíblia (que é um objeto) em ambientes de culto, ou como referência para os fiéis, é uma forma de idolatria. Mas as igrejas neopentecostais não estão preocupadas com isso. A lógica empresarial é o que prevalece, muito além da existência ou não de Deus.

## **1.2 A comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro: modos de vida e sociabilidade**

O Careiro da Várzea é um município do Estado do Amazonas que está localizado a 22km da capital, Manaus. Ele se estende por quase toda faixa marginal do rio Solimões, sendo que 90% do seu território é assentado em solo de várzea, daí a origem do seu sobrenome. De acordo com Bezerra (2016, p. 32), “[...] Careiro vem do idioma nheengatu *caareru*”, que os indígenas denominavam a planta cujo nome científico é *portulaca mucronata*, popularmente conhecida como *João Gomes*.

O que se sabe de fato vem do ano de 1938, por meio do Decreto Lei nº 176, que deu autonomia ao Careiro da Várzea, surgindo assim como município, sendo a Vila do Careiro elevada à condição de cidade independente de Manaus (IBGE, 2013). Bezerra (2016, p. 135) explica que “o novo município foi criado pela Lei nº 1828, sancionada pelo então governador do Estado, Vivaldo Frota, mediante desmembramento, e passou a denominar-se Careiro da Várzea”. A sede do município foi retirada da região de várzea e foi transferida definitivamente

---

<sup>6</sup> Quando os fiéis dão a primeira parte do seu salário aos pastores. A lógica funciona da seguinte forma: o montante líquido do salário é dividido por 30 (que é o número referente à quantidade de dias em um mês). O resultado é o valor que deve ser dado aos pastores.

para a terra firme, nas proximidades do lago do Castanho, próximo à BR 319. No contexto político, Tomé Ferreira Santiago foi o primeiro prefeito eleito constitucionalmente, no ano de 1959. Antes a administração do município ficava a encargo de prefeitos nomeados, cujo primeiro foi um senhor de nome João Diniz (BEZERRA, 2016).

Os indígenas da etnia Mura foram os primeiros habitantes da região onde hoje está localizado o Careiro da Várzea. Enquanto os povos originários puderam, eles resistiram ao processo de colonização dos europeus, entretanto, tendo pouca força, desistiram e acabaram fugindo para outras localidades. Muitos morreram nos embates e nas fugas, e aqueles que sobreviveram acabaram por fazer um acordo com a Província, sendo uma das suas exigências a reintegração de posse daquelas terras, o que foi negada, ocorrendo o processo contrário: os colonizadores foram progressivamente se apossando de mais terras, porém eles não contavam com o fracasso pelo desconhecimento do terreno e das dinâmicas necessárias para a sobrevivência. De acordo com Dias (2003, p. 4), “é necessário salientar que este território representava um espaço de deslocamento utilizado por pequenos grupos Mura e também que os Mura utilizavam quase que unicamente os rios e as várzeas”, daí a insistência dos indígenas em lutar pelo território. Aos poucos o local foi deixando de ser interessante para os colonizadores, o que os levou a explorar outros lugares, tornando a região atual do Careiro da Várzea “disponível” para novos interessados.

Ao longo do processo de ocupação, algumas áreas de florestas foram destruídas para dar lugar ao ambiente necessário para a agropecuária, bem como para a construção de moradias e demais áreas de sociabilidade. Foram levantadas, também, construções mais altas, chamadas de *marombas*<sup>7</sup>, para que a criação de gado não fosse prejudicada pela cheia do rio Solimões. Esses aspectos denotam o modelo de vida dos povos tradicionais não indígenas, que se instalaram ao longo do município, práticas que precisam ser adaptadas em consonância com a natureza, uma vez que aquela é uma área de grande instabilidade socioeconômica.

Estas condições impostas pela natureza vêm carregadas de desafios aos moradores, os obrigando a desenvolver mecanismos de trabalho e demais vias de sobrevivência, que contemplem tanto o período de cheia quanto o período de vazante do rio. Tal fenômeno possibilita uma característica peculiar ao estudo dessas comunidades, posto que seus comportamentos, sobretudo no que se referem às formas de trabalho, mudam constantemente, o que dificulta mais fielmente a percepção da identidade local.

---

<sup>7</sup> Construções em madeira, altas, que ficam sobre as águas, a fim de proteger o gado e os demais animais das enchentes que acontecem no solo de várzea

Embaúba (41 anos), um dos membros do chão de comunidade ouvidos na pesquisa, descreve o município nos seguintes termos:

*A vida no Careiro não é fácil, mas eu até gosto. A gente tem que se adaptar, né? Não tem o que fazer. Deus quis assim. A gente planta o que pode, tira o leite das vacas, vez em quando mata um boi aqui, e outro, e aí a gente vai vivendo. A gente não pode é desistir, aqui tem muita coisa pra fazer. Dá pra sobreviver até quando Deus quiser (Entrevista, 2022).*

De acordo com Bezerra (2016, p. 258), quando ocorre a enchente anual, “a produção agrícola é rigorosamente comprometida, provocando prejuízos financeiros para o agricultor e sua família, afetando seu meio de subsistência. Realidade que não o faz desistir de um recomeço”. Uma das principais características do careirense é a facilidade em se adaptar às circunstâncias da natureza. Em sua maioria, são pescadores e agricultores, a depender da cheia do rio ou quando a pesca artesanal fica proibida durante o período de proteção de algumas espécies. Em razão desse impedimento, os pescadores cadastrados recebem o Seguro Defeso<sup>8</sup>.

No campo da agricultura, o careirense planta de tudo: aipim (utilizada principalmente para a feitura de farinha), banana, jambu, ingá, abacaxi, limão, manga, maracujá, melancia, maxixe, quiabo, chicória, pimenta verde, pimenta vermelha, tomate, couve, feijão de praia, dentre outros. Eles são, também, grandes produtores de queijo coalho, além de cuidarem de seus rebanhos de gados, de criarem porcos, cabras, galinhas e patos. Cultivam especiarias e criam animais para a venda dos produtos e também para a subsistência de sua família.

Esse cenário demonstra a forte relação que o povo tradicional tem com a natureza, a sua adaptabilidade e habilidade na captação de recursos que os fortaleçam e lhes garantam a sua sobrevivência. As constantes mudanças naturais modificam o estilo de vida dos habitantes do Careiro da Várzea, que chegam a ter muitos prejuízos durante o período de cheia, tanto na questão de moradia, quanto na prática da agricultura, que reduz quase que integralmente, além dos problemas de abastecimento de água e dos gastos materiais e de mão de obra para a construção de pontes que possibilitem passar sobre as águas. O ponto central destas assertivas é que “o careirense é totalmente dependente do rio”, como preconiza Sternberg (1998, p. 26), mas é também ele que causa alguns dos principais problemas relacionados à enchente, pois é o desmatamento, às vezes necessário à produção da existência daquelas pessoas, que aumenta o fluxo da cheia e diminui a calha dos rios em razão dos materiais sólidos descartados por essa prática.

---

<sup>8</sup>O pescador artesanal que se cadastra recebe do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), órgão gerido pelo Ministério da Economia, um salário mínimo mensal durante o período máximo de 5 (cinco) meses.

Sternberg (1998, p. 31-32) aponta que naquela região “[...] existe uma estrada de quase 24km denominada Careiro-Cambixe”, uma área mais alta e nivelada por onde transitam pessoas e animais, por meio da qual se tornam possíveis as negociatas relacionadas à produção local. Antigamente, na época da enchente, a estrada se tornava um amontoado de marombas para a proteção de todo o rebanho bovino, suíno e a conservação de patos, galinhas e demais animais de pequeno porte de toda a região do Cambixe. Nos dias atuais, as marombas estão cada vez mais raras, pois os rebanhos e as criações são levados para terra firme no período da cheia do rio.

O Careiro da Várzea possui 2.642km<sup>2</sup>, e a Ilha do Careiro, a maior da região, 738 km<sup>2</sup>, onde a maior parte dos careirenses habita. Aquela ilha possui cerca de 62 lagos repletos de peixes, sendo todos alagados no período da cheia do rio. Esse processo origina os paranás, “[...] chamados desse modo pela população local, canais que se formam entre duas linhas, onde a maior parte dos careirenses habita” (STERNBERG, 1998, p. 34). Os paranás são os braços do rio, locais de difícil acesso às embarcações, por menores que elas sejam, também propícios para esconder jacarés e arraias, causadores de mortes e de ferimentos graves por ferroadas, situações as quais os indivíduos são expostos porque precisam descer das embarcações para desencilhadas, o que ocorre com bastante frequência, a depender do período do ano.

Um lugar como o Careiro da Várzea é incapaz de existir apenas geograficamente, o que dá vida a ele é a sua população, que constrói relações e laços afetivos com o lugar. Para Merleau-Ponty (1996, p. 1), “o mundo não é aquilo que penso, mas aquilo que vivo”, um argumento que nos lembra o conto de Machado de Assis, chamado Ideias de Canário (1997), no qual um pássaro, que vive numa loja de Belchior e jamais saiu de sua gaiola, acha que o mundo é apenas aquilo que ele vê, um amontado de coisas em um espaço pequeno, alienado em relação ao que poderia existir, e de fato existe, lá fora. A despeito do ambiente ser apenas um recorte do mundo, é também tudo que há de mais importante para o pássaro, embora a experiência, dada a sua condição de existência, não seja positiva.

O conto machadiano exemplifica a relação do careirense com o seu lugar de vivência, não como uma analogia da alienação, pelo contrário, o careirense compreende o caráter externo à sua comunidade, mas, também, no que se refere ao fator interno, que é o agrupamento de significados e significações, que compõe a sociedade na qual o careirense está inserido. É naquele lugar que está o seu coração, o sentimento de pertencimento, todas as coisas que lhe importam, a sensação de paz e segurança que é mais possível encontrar em ambientes rurais. É lá que as estrelas se sobressaem na noite densa, onde os grilos e os sapos cantam mais alto,

livres e tranquilos, porque sabem que vivem em um lugar que não lhes impõe riscos que não sejam naturais.

Um dos aspectos comuns à maioria das comunidades amazônicas é que raramente existe algum registro físico dos seus surgimentos, ou seja, os discursos orais são passados de geração para geração e assim são construídas e preservadas as suas histórias, suas crenças, suas culturas e seus modelos de vida. O interessante em investigar uma comunidade como a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é poder apresentar suas figurações, geográfica e socialmente, como se constroem suas malhas, quais são suas principais fontes de renda, o que pensam sobre lazer, religião, política, esportes, enfim, todos os aspectos do lugar que os habitantes chamam de lar.

Wiggers (2012, p. 32) explica que “[...] comunidade é um termo que contém inúmeros significados, ora é uma unidade mínima territorial ou localidade; ora é unidade político-administrativa por ser sede de prestação de serviços públicos comunais”. Dentro disso, se encontram a escola (educação), a capela (religião), o campo de futebol (lazer) e a sede da associação de produtores (trabalho), apenas para citar alguns exemplos. Contudo, mais que isso, ela é a visão interna de seus moradores; bem além de um simples espaço legitimado pelo Estado para justificar a política, ela é a ação de seu povo, pois é ele quem constrói a *práxis* e explica o *ethos* do lugar. Assim, os dados colhidos a partir daqui tanto têm a ver com as nossas observações de campo quanto pelos diálogos com as pessoas que formam a comunidade.

No Porto da Manaus Moderna<sup>9</sup>, especificamente na balsa amarela, em meio a inúmeras embarcações, repousam sobre as águas irrequietas do rio Negro as lanchas com destino ao município do Careiro da Várzea. Exceto feriados ou outras datas excepcionais, como a proximidade dos festejos de final de ano, por exemplo, onde são oferecidos horários diferenciados, as lanchas partem todos os dias em dois horários fixos: às 9:00h da manhã e ao meio dia.

Maria Cecília (47 anos), líder dos movimentos sociais do Careiro da Várzea, ouvida nesta pesquisa, desenha o seguinte quadro sobre o município:

*Aqui a gente é uma grande família, e o Careio é o nosso lar. Existem, sim, dificuldades, mas a força coletiva sempre consegue vencer essas barreiras. É uma característica da terra, alagar, cair, a várzea é assim. O que resta é aquilo que sempre fizemos: quando não podemos pescar, nos dedicamos em dobro com a plantação e os animais. Quem não tem farinha, empresta, quem não tem verdura, pega com o outro. São poucos os lugares que permitem isso (essa fartura), produzir tanta coisa. Sempre tem o que fazer e de onde tirar o sustento na nossa terra. Aqui a gente dá jeito até na morte (Entrevista, 2022).*

---

<sup>9</sup>Região na beira do rio Negro, próxima ao centro da cidade, com feira, mercado e vendas de produtos e passagens para barcos e lanchas que viajam por todo território amazonense e por regiões próximas de outros estados.

De acordo com Bauman (2003, p. 8), “[...] numa comunidade podemos contar com a boa vontade dos outros. [...] Quando passamos por momentos difíceis e por necessidades sérias, as pessoas não pedirão fiança antes de decidirem se nos ajudarão”. Um local como o Careiro da Várzea não pode existir sem uma força coletiva, que é desinente do sentimento de irmandade que emana do seu povo.

A erosão fluvial tem se apresentado como um dos principais entraves para as comunidades do Careiro da Várzea, que, à margem das políticas públicas, têm de enfrentar, além da vazante dos rios, o risco de morte iminente e de destruição de seus lares. Uma das principais características da várzea é o deslizamento e desabamento de terras, um processo popularmente conhecido como terras caídas, que carrega para dentro dos rios, na maioria das vezes, algumas das coisas mais importantes para os grupos locais, como moradias e vidas de seus entes queridos.

A incessante ação do rio, que abre cavernas subterrâneas sob a várzea, é uma das causas do deslizamento e desabamento, “o processo erosional, ou terras caídas, é causado por fatores naturais (hidrodinâmicos, litológicos, climáticos, neotectônicos) e pelas ações do homem, denominadas de antropogênicas” (MATOS, 2015, p. 167). Trata-se de um fenômeno que tem se adensado nos últimos anos, ocasionando muitas mortes, sobretudo os pescadores que, em busca do seu sustento e do bem-estar de seus familiares, foram atingidos por grandes pedaços de terra, morrendo afogados ou de outras causas relacionadas ao impacto.

Muitas famílias têm ficado desabrigadas nos últimos anos, pois elas não possuem condições financeiras de construir casas flutuantes ou de contratar trabalhadores para desmontar e remontar as casas em zonas mais afastadas da margem do rio. Além disso, não é incomum encontrar uma família que perdeu algum parente próximo em razão do desmoronamento de terra.

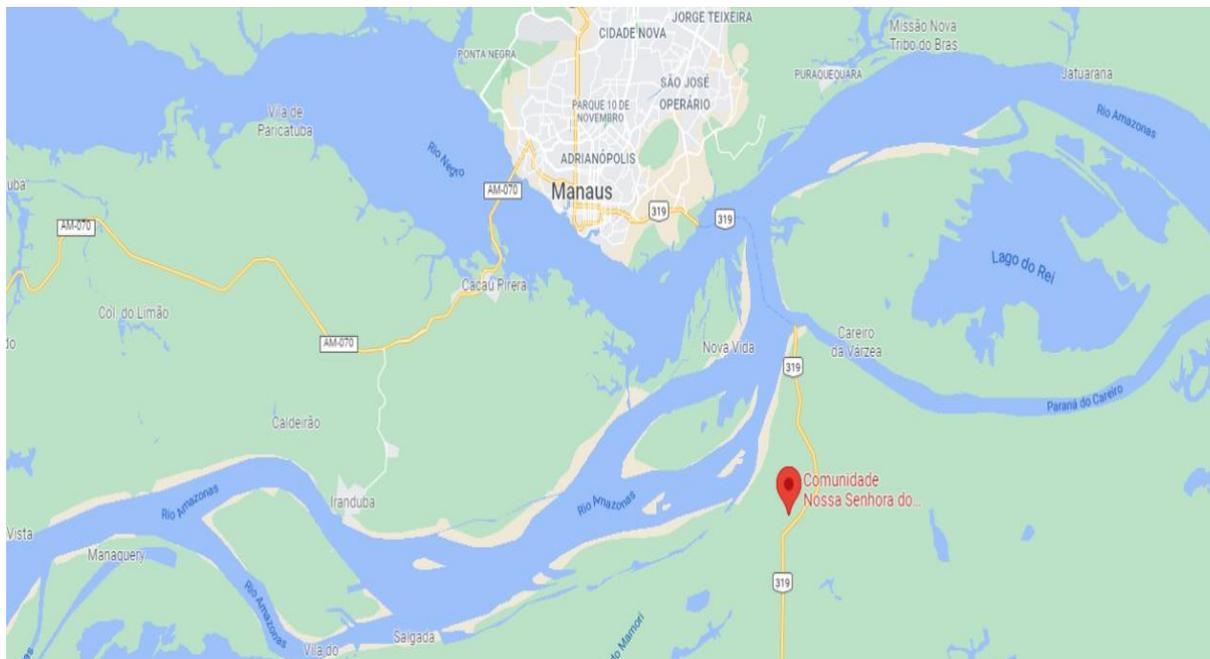
Cada balsa comumente recebe o nome do membro familiar mais ilustre, quase sempre o mais antigo, ou alguém que é mais dado à sociabilidade ou que tenha realizado contribuições consideráveis para a sua comunidade. E, assim, as lanchas vão descendo o rio Solimões em meio a maparás, botos, pacus e sardinhas, até alcançarem as primeiras balsas das famílias que vivem na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Lugar composto por descendentes de nordestinos, cujos antepassados, durante a 2ª Guerra Mundial, foram convocados pelo governo Vargas para o chamado 2º ciclo da borracha, para trabalhar na extração de látex<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Com a inserção da borracha asiática no mercado internacional, os seringueiros perderam seus trabalhos durante o 1º ciclo da extração, contudo, com a necessidade do produto à época da 2ª Guerra Mundial, muitos trabalhadores

(MATOS, 2015). Quando a demanda diminuiu, sobretudo em razão do final da guerra, os trabalhadores fixaram moradia na comunidade.

**Figura 1** – Localização da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro



Fonte: Mapbox, 2020.

Ao subir o barranco<sup>11</sup> íngreme por meio de escadas de madeira precariamente instaladas, é possível notar os primeiros sinais da ação do rio que ocasiona o desabamento e o deslizamento de terra. Após um pequeno esforço, chega-se à comunidade de casas espaçadas, construídas em madeira, alguns metros acima do solo, no sentido de evitar que as águas do Solimões inundem tudo. Logo as pessoas surgem nas janelas, as crianças começam a correr entre os recém-chegados, observando tudo com seus olhares atentos. São abraços, acenos e sorrisos, e depois é o cheiro do café fresco passeando por toda comunidade, um convite à sociabilidade.

É assim que os assuntos são colocados em dia: nas varandas das casas, entre assopros e o barulho de sucção das canecas e dos copos aproveitados dos extratos de tomate. Nas varandas, as pessoas compartilham algumas das suas formas preferidas de lazer: o dominó e o baralho, mas o futebol também tem bastante espaço entre os locais. Muitas coisas tinham acontecido

---

foram convocados para extração do látex entre os anos de 1942 e 1945 por meio do Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMATA). Uma ação promovida por Getúlio Vargas, sendo que os trabalhadores tinham duas opções, aceitar a oferta de trabalho ou lutar na guerra. Daí o termo *soldados da borracha*. Fugindo da seca, a maioria dos trabalhadores vieram da Região Nordeste do Brasil.

<sup>11</sup> Nome popular dado pelos moradores para esse tipo de terra, alta e de forte vertente, ocasionada por chuva, deslizamento ou pela ação do homem.

entre a partida e o regresso de parte daquela população, é sempre dever dos que ficaram e dos que chegaram ouvir.

E são muitas as histórias, desde o quase afogamento de uma das crianças da comunidade, ou que quase foi devorada por um jacaré, ou de alguém que tinha visto um homem muito alto na densa escuridão da noite, que teria descido o barranco e entrado no rio para assumir a forma de um boto e logo depois desaparecer sob as águas. Esses testemunhos quase sempre são seguidos por repetidos beijos nos dedos indicadores cruzados, um sinal de que podiam confiar na palavra de quem contava o caso. Essas visagens, como os locais chamam os fenômenos sobrenaturais, se repetem por toda a comunidade, que já está habituada a essas situações, sobretudo porque seus cemitérios ficam no mesmo terreno de suas casas. Portanto, essa relação com o inexplicável já faz parte da cultura do careirense, e é assunto recorrente nas rodas de conversa.

À moradora mais antiga da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Turmalina (81 anos), ao indagarmos se ela já tinha visto algo sobrenatural, ela revelou o seguinte:

*Muito, muito mesmo, meu filho. Quando eu conto, o povo fica de cabelo em pé. Uma vez eu vinha ali por trás do lago, isso faz anos, aqui tinha muita terra ainda, e tava muito escuro, quando eu vi um homem muito alto vindo, assim, de frente pra mim; Quando tava dali pra cá, mais ou menos, ele deu boa noite, eu respondi e segui meu caminho. O homem era alto mesmo, dava uns dois de mim. Aí quando eu me virei ele tava indo pra direção do barranco, o rio tava cheio, e eu só vi ele diminuindo e sumindo dentro do rio. Nunca me esqueci disso. Fiz o sinal da cruz e andei o mais rápido que eu podia pro prumo de casa (Entrevista, 2022).*

A religião nas comunidades amazônicas, segundo Galvão (1955), possui uma forte influência ameríndia, composta de lendas, mitos e visagens, forças essas confrontadas com os santos, considerados benéficos àqueles indivíduos, por isso são cultuados e aproximados, enquanto que esses seres míticos são evitados. Santos e bichos “visagentos” são encarados pelos membros dessas comunidades como pertencentes ao mesmo universo. Quer dizer, essas forças se equilibram dentro da religião católica, mas ganham contornos mais nítidos de diferenciação quando inseridos na religião evangélica.

Na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a morte do boi é anunciada de casa em casa, para saber quem tem interesse na carne fresca e quais os cortes mais desejados. Naquele lugar, um boi só morre pela anuência de uma boa parte dos moradores, ou quando o dono do boi tem alguma pendência financeira urgente para resolver e vende a carne fora do município. A compra é certa! Embora a sua fome seja suprida pelo rio, o careirense tem a

necessidade de trazer novos elementos à sua dieta. O mesmo ocorre com o abate dos suínos. Quando patos e galinhas, criados nos quintais de suas casas, são mortos, os vizinhos mais íntimos são chamados para o banquete, regado a refrigerantes menos saborosos, pois as marcas mais famosas são caras, e jarras de sucos naturais. Na maioria das vezes, as conversas são amistosas, sobre as suas semelhanças, não as diferenças.

Às vezes, os pescadores passam oferecendo carne de jacaré, de tracajá ou de arraia, que têm mercado dentro da comunidade; em outras ocasiões, são as benzedeiras quem vêm de outras comunidades para resolver algum problema de mau olhado ou espinha alojada na garganta de alguém que teima em não sair. As mulheres que realizam essas práticas entendem que esse é um dom recebido de Deus, por isso não aceitam pagamento. Quase todos os moradores ofertam e compram serviços, desde aquele que pesca, passando pelo produtor de farinha, por quem tem plantação de milho, os marceneiros, até os prestadores de trabalhos religiosos.

Nas primeiras horas da manhã e lá pelo meio da tarde, os padeiros passam em suas rabetas<sup>12</sup> oferecendo seus produtos, basta as pessoas acenarem do alto do barranco para que eles se dirijam até as balsas. Às vezes os pães são comprados para a semana inteira, sobretudo os caseiros, aqueles cujas pontas são mais finas, os preferidos na comunidade. São nesses momentos em que os rádios, especialmente os que funcionam a pilha, mais são ligados, na chamada hora do café, um hábito que não se perdeu, mesmo com a chegada da energia elétrica e da televisão. Geralmente, no nascer e no pôr do sol, é também quando os telefones tocam. Somente as famílias de poder aquisitivo melhor possuem telefone fixo em casa, pois os sinais de celulares ainda são muito precários na região, portanto, quando se quer falar com alguém na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, liga-se para uma dessas casas e quase sempre uma criança é a encarregada de dar o recado. Em razão disso, ali quase não existem segredos.

Um dos maiores momentos de integração da comunidade é quando chegam os agentes de saúde, oferecendo vacinas, exames que visam a prevenção da saúde da mulher, ofertas de serviços de pediatria e de odontologia. É quando os careirenses ficam mais alvoroçados, é um momento de muita alegria para a comunidade, que, em razão da carência, não dispõem de outros meios para manutenção da saúde da população, uma vez que não existe ali, minimamente, uma Unidade Básica de Saúde. Essas iniciativas dependem do calendário da prefeitura, que nem sempre é fixo. Nessas ocasiões também são organizadas palestras sobre os principais riscos à saúde. Há exposição de tema sobre gravidez na adolescência, um fator recorrente naquelas comunidades, doenças sexualmente transmissíveis, e há distribuição de preservativos.

---

<sup>12</sup> Pequenos motores de propulsão que, acoplados na parte de trás de pequenas embarcações, são conduzidos manualmente por meio de um bastão.

Quando morre um comunitário, a comunidade toda se reúne para realizar o ritual fúnebre. A prefeitura costuma dar a urna funerária, entretanto, na maioria das vezes, são os próprios moradores que constroem o caixão com a madeira que eles dispõem no momento. Geralmente é o sacerdote católico que conduz o rito fúnebre, contudo a igreja católica vem perdendo força na comunidade, e esse espaço, ainda que pequeno, vem sendo ocupado pela religião evangélica, então são os pastores que agora com mais frequência realizam a parte cerimonial dos enterros, embora a maior parte da população se autodenomine católica.

A morte é um processo delicado, uma vez que a presença do outro, mesmo na ausência do corpo, é sentida e constantemente lembrada nas rodas de conversa. “A morte, de certo modo, continua mesmo depois de o corpo estar morto, proporcionando aos que ficam a experiência de desligamento gradual, que ocorre graças aos ritos fúnebres” (RODRIGUES, 2006, p. 22). Esses ritos, com ênfase na liturgia católica, são ainda muito comuns na comunidade, mesmo que a IEADAM tenha ganhado força ao longo dos anos e tenha se colocado terminantemente contra o culto aos corpos.

Na data em que se comemora o dia da padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, 12 de outubro, é quando a comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro promove também uma das suas maiores festas, o Dia das Crianças. Na ocasião, toda a comunidade se reúne para homenagear não apenas a santa, mas também o futuro de sua população, os jovens, que são contemplados com muitos presentes e atividades lúdicas, como gincanas. São distribuídos brinquedos, a maioria oriunda de doações, geralmente bolas de plástico, popularmente conhecidas como “dente de leite”, bonecas e carrinhos, também de plástico, e lanches. Às vezes alguns dos comunitários se vestem de palhaço ou procuram outras fantasias a rigor para alegrar a criançada.

Embora seja uma data mais voltada para o público infantil, os adultos também costumam se divertir bastante. Esse é um dos aspectos mais característicos das pequenas comunidades: a integração das pessoas por meio de atividades de lazer, independentemente de seu público alvo. Comunidades como a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro expressam melhor a sua sociabilidade nessas ocasiões, portanto qualquer data comemorativa se torna motivo para uma grande celebração. É assim que eles fortalecem os seus laços afetivos e aperfeiçoam e colocam em prática a sua cultura. Para Cedro (28 anos),

*Bom é quando tem festa, que a gente pode esquecer os problemas. Não importa se o Na Raça<sup>13</sup> ganha ou perde, tem festa. O casamento é bom, o*

---

<sup>13</sup> Time de futebol da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, formado por agricultores e pescadores.

*aniversário é bom, Natal, quando tem festa de algum santo. Aqui tem até pouca (festa), tem mais é pro lado da vila, Inema, ali pro Cambixe. A gente gosta de dançar. No outro dia é só o comentário (Entrevista, 2022).*

É possível notar que a festa é um momento de celebração, sendo, pois, fundamental para a boa vivência da coletividade. De acordo com Maffesoli (2018, p. 147), “[...] redescobrimos que o indivíduo não pode existir isolado, mas que ele está ligado, pela cultura, pela comunicação, pelo lazer e pela moda a uma comunidade [...]”. São muitos os aspectos que dão à comunidade a sua forma. Maffesoli (2018, p. 148), expõe que “se é inegável que existe uma sociedade ‘política’, [...] ‘econômica’, existe [...] uma realidade que dispensa qualificativos, [...] que proponho chamar socialidade, e que poderia ser a forma lúdica da socialização”.

O caráter espontâneo dessas comunidades é o que de fato dá a ela a sua identidade. Não apenas o conjunto de aprendizagens passadas de geração a geração, mas sim nas suas formas de lazer, no curso das coisas à margem da formalidade, do *habitus*. Assim, é necessário o acesso ao lúdico para que essa espontaneidade tenha a possibilidade de surgir. Com base nessas asserções, “o lúdico [...] nada tem a ver com finalidade, utilidade, ‘praticidade’, ou com o que se costuma chamar ‘realidades’. É, ao invés, aquilo que estiliza a existência, que faz ressaltar a característica essencial dela. [...] O estar-junto é um dado fundamental” (MAFFESOLI, 2018, p. 148).

Independentemente de alguma determinação ou qualificação, é a espontaneidade que dá força à cultura, que a torna sólida. Essa mesma espontaneidade é passível de se *civilizar*, o que leva à construção de obras de cunho artístico, político e econômico, de grande valia. Sempre será fundamental o retorno ao seu modo de sociabilidade mais puro, que Maffesoli (2018) chama de *estar junto à toa*.

A comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é formada por pessoas que estão ali há muito tempo, é como se todos fizessem parte de uma grande família. Cada nascimento é festejado, assim como cada óbito é lamentado e sentido por todos. Imersa nesse cenário a relações sociais se tornam mais evidentes, pois todos fazem parte de uma grande malha de interdependência, é o que Capra (2006) chama de ecologia profunda. “A percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos” (CAPRA, 2006, p. 25), pois ela se trata de uma percepção religiosa, espiritual, na qual o sujeito tem um sentimento de pertencimento e de conectividade.

É o importar-se com o outro, sobretudo porque a comunidade tem passado por um fenômeno que têm levado para longe alguns jovens, pois os pais, estafados da labuta diária, enviam seus filhos à capital com vistas a um futuro melhor. Às vezes são os próprios jovens

que resolvem ir embora para se distanciar da vida onerosa que seus pais levam. Um processo de ruptura da perpetuação cultural. Mas alguns desses filhos não vão tão longe, vão para a vila, trabalhar com a Juta e com a Malva, matérias-primas da sacaria, plantadas às margens do rio Solimões, uma boa fonte de renda. A Secretaria de Estado da Produção Rural (SEPROR) estimula o cultivo das plantas.

Essa é a realidade da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Em geral esses grupos sociais se organizam ao redor da fé, pois o que se percebe, na maioria das comunidades, é que existe uma forte relação com a igreja católica. Assim, “o plano de afiliação religiosa é [...] o de maior força de pertencimento a uma comunidade. A igreja [...] e atividades fins (festejos, bingos) [...] podem ser tomados como indicativos do grau de coesão [...]” (PANTOJA, 2005, p. 169). Mas o que relaciona um indivíduo a uma comunidade não é apenas o fator religioso, uma vez que as pessoas que compunham aquela sociedade podem se identificar com outras correntes religiosas. Na verdade, são muitos os aspectos, pois quanto menor o lugar, maior a relação de interdependência dentro de uma malha social que o indivíduo é incapaz de se esquivar. É uma teia da vida, como explica Capra (2006, p. 45), “[...] redes dentro de redes [...]”, que os comunitários criam para produzir a si mesmos, seus modos de vida. Uma dessas teias é a religiosa, onde uma vez inserido em seus processos, a probabilidade que o sujeito permaneça é muito grande.

Fazer parte de uma comunidade quer dizer estar presente nos cultos, oferecer ajuda na organização do agrupamento local por meio de mutirões que tragam benefícios àquelas pessoas, unir-se a grupos comunitários e suas respectivas diretorias, como as que envolvem a religião, por exemplo, fazer parte de atividades que incidam na conservação da natureza, como o meio ambiente, e identificar as potenciais formas de agressão a ele. Para ser um comunitário de fato, é necessário se envolver com a comunidade, fazer parte de todos os seus processos. Algumas pessoas apenas vivem nesses locais, mas pouco se envolvem com essas ações. Os aspectos mais encontrados nas comunidades dizem respeito a “obrigação fraterna, de partilhar as vantagens entre seus membros, independente<sup>14</sup> (*sic*) do talento ou importância deles” (BAUMAN, 2003, p. 56). Ora, é um agrupamento de ações concebidas em favor daqueles que compartilham a vivência no lugar.

A religiosidade é um fator central na vida dos povos das comunidades tradicionais. Cunha (2011), ao expor o episódio de Judas-Asvero, chama a atenção para a condição de resignação, pois o povo tradicional se acostumou a não reclamar das agruras, vistas como a

---

<sup>14</sup>A palavra correta é independentemente

vontade de Deus. Portanto, nesses locais, se encontram os cenários ideais para a aplicação de doutrinas religiosas, que quase sempre têm um poder transformador no que tange as relações sociais desses povos.

Se o catolicismo opera no seio das comunidades pelo seu poder coercitivo, a religião evangélica, por seu caráter mais regulador, e por meio de uma de suas vertentes mais incisivas, o pentecostalismo, atua e transforma mais contundentemente os povos tradicionais. No caso da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a igreja pentecostal Assembleia de Deus é quem de forma lenta, porém gradativa, vem assumindo o controle informal do povo, transformando os comportamentos dos comunitários no que se refere às suas relações com a natureza, com os amigos, com a família e com o trabalho.

### **1.3 A chegada da igreja Assembleia de Deus na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro**

Pelo seu caráter democrático, a propagação do ministério pentecostal Assembleia de Deus logrou êxito logo em seus primeiros anos, expandindo para a região do Amazonas e depois para o restante do país. Uma das suas principais proposituras é justamente o seu caráter insurgente, de abalar a relação, que Elias (2020) denomina *estabelecidos versus outsiders*. Nesse caso, o *outsider* (negro, analfabeto, indígena, lavrador, dentre outros) não possui mais a posição figurativa, agora ele tem voz, é atuante nos cultos, pode emitir uma opinião e dar o seu testemunho em uma atmosfera capaz de envolver completamente seus membros. Uma experiência extática jamais vista, inebriante e alienante, que se fortalece na fragilidade humana.

Até o período moderno, a Igreja Assembleia de Deus passou por três fases, definidas por Farjado (2018, p. 26) como a “*Era Vingren*” (do início até 1946), que tornou legítima a sua teologia; a *Era da tradição da santidade do pensamento* (de 1946 até 1980); e a vigente *Era do esgarçamento*, que vem desde 1980. Essa primeira Era foi a novidade religiosa: o *batismo com o espírito santo*. A segunda Era, vista, também, como *Era comportamental*, deixou de lado a experiência extática e focou na santidade humana, em moldar os padrões de costumes dos membros da igreja. O intento era criar uma identidade do assembleiano, uma forma de se diferenciar das outras denominações religiosas, que eles julgavam erradas em suas tradições e atos.

Alguns desses padrões de comportamento, conforme expõe Alencar (2010, p. 13), dizem respeito “à proibição das mulheres terem o seu ministério, de alcançarem o título de pastoras”, sendo a diaconisa o maior posto que elas poderiam atingir, bem como não eram entusiastas da

educação teológica e de que seus membros tivessem qualquer tipo de associação ou participação política. Seus membros não eram encorajados à diversão de qualquer ordem, nem mesmo à prática de esportes, ainda que isso fosse prejudicial à saúde dos indivíduos, tampouco acompanhar o rádio ou os programas de televisão eram aconselháveis. Qualquer expressão oral ou física fora do que o pentecostalismo preconiza, seja dançar, ingerir bebidas alcólicas ou consumir tabaco, não era bem vista pelos demais membros da congregação. O comportamento era o cerne e o orgulho do assembleiano, era o que os colocava, segundo seus próprios manuais de conduta, acima dos outros.

Imerso na estrutura hierárquica da igreja, os homens eram os mais privilegiados, uma vez que poderiam ser ministros, evangelistas, pastores e missionários, os responsáveis pela abertura de novas igrejas, mas eles também podiam ser auxiliares, presbíteros ou diáconos, reconhecidos como os obreiros da congregação, cargos menores, porém importantes (ALENCAR, 2010). Ora, o que se percebe, em suas primeiras Eras de atuação, é que existia um forte sentimento de repressão da figura feminina, mas esse cenário sofre uma grande mudança quando ocorre o rompimento da direção da igreja.

O período atual, a *Era do esgarçamento*, também denominada de *Era da racionalidade econômica*, se trata de um longo processo de reestruturação e fortalecimento, cujo fator preponderante para a manutenção do seu sucesso é a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB). Conforme Alencar (2012, p. 16), “isso não passa de uma ilusão, considerando que eles não poderiam estar mais distantes dessa realidade”, uma vez que os constantes embates internos, além da competição com igrejas pentecostais mais modernas e não tão incisivas nas suas exigências de comportamento, têm acelerado o processo inverso, de desestruturação. Embora a Assembleia de Deus esteja consolidada em todo território brasileiro, seus conchavos e comportamentos nepotistas, e que vislumbram, sobretudo, o aumento de seu poder econômico e político, têm contribuído com as divergências entre os próprios assembleianos.

No Estado do Amazonas, segundo Câmara (2011, p. 23), a igreja chega no primeiro dia de janeiro de 1918, quando o casal de missionários, Samuel e Lyna Niströn, “[...] fundou a Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Manaus, com sede à na Rua Henrique Martins (antiga 13 de maio)”. Ao longo dos anos ela foi espalhando seus domínios por todos os municípios do Estado, mas durante a *Era do esgarçamento*, precisamente no ano 2000, os líderes assembleianos romperam laços e fundaram duas novas instituições: a Assembleia de Deus Tradicional do Amazonas (ADTAM) e a Assembleia de Deus do Amazonas (ADAM) (CÂMARA, 2011). A primeira buscava a preservação dos seus princípios e costumes, ao passo

que a segunda, era um pouco mais liberal, de característica neopentecostal, como é a igreja Assembleia de Deus que atua na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Naquele mesmo ano foi criada a Convenção Estadual da Assembleia de Deus Tradicional do Amazonas (CEADTAM), órgão que viria a ser juridicamente responsável por essas novas igrejas, o que deu a elas um caráter mais profissional no que tange a sua forma de organização, bem como estruturou melhor as igrejas existentes em todos os municípios amazonenses, além das obras missionárias realizadas no Peru, Argentina e Colômbia. Em razão do seu modelo de atuação, em 2011, “por meio da Assembleia Geral Ordinária (AGO), a CEADTAM é aceita como filiada da Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil (CGADB)” (CÂMARA, 2011, p. 29).

Um dos aspectos mais interessantes desse processo de desmembramento ocorrido no Amazonas diz respeito à insistente afirmação da identidade da igreja no seio de outras congregações, uma vez que ao colocar o tradicional no nome, ela não só reitera o seu compromisso pentecostal, como também destituiu a importância da ADAM, de modo que esse desligamento veio a ser encarado por seus membros como um passo importante para se aproximar do divino, uma ramificação mais pura e compromissada com os princípios de Deus, os mesmos que reprimem a participação efetiva da figura feminina<sup>15</sup>, que busca controlar, por meio de seus dogmas, o comportamento de seus membros, cuja maior referência é a condução do indivíduo a uma vida terrena santa.

Uma das razões que levaram ao rompimento da direção das Assembleias de Deus é justamente a intenção de tornar a igreja mais inclusiva. O pentecostalismo clássico da ADTAM permaneceu praticamente imutável, com as mulheres sendo orientadas a vestir-se com roupas que não marquem o corpo, preferencialmente saias alguns centímetros acima do tornozelo, os homens também devem estar apresentáveis, ainda que tenham mais liberdade de vestimenta em comparação com as mulheres. Não se deve bater palmas durante os cultos, tampouco fazer menção a qualquer manifestação que atrapalhe a ministração do pastor, que é direta, como se todos estivessem em uma sala de aula formal. Em contrapartida, a ADAM promoveu algumas mudanças relativamente importantes no que diz respeito à sua hierarquia. Algumas igrejas Assembleias de Deus não tradicionais permitem que as mulheres, após o título de diaconisa, se tornem também missionárias e até mesmo pastoras. No último levantamento, já “[...] eram mais de 1500 pastoras atuantes no Estado do Amazonas” (CEADAM, 2020, p. 1).

---

<sup>15</sup> A justificativa é de não haver respaldo bíblico para ofertar a elas posições mais importantes na organização da igreja.

A Assembleia de Deus da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é uma igreja menos coercitiva e mais permissiva, sobretudo no que tange a figura feminina, e embora não exista um ministério de pastoras, elas até são reconhecidas informalmente como tais, se forem casadas com pastores, apesar de não poderem assumir a função caso os seus maridos venham a falecer ou se desligar da igreja, os impedimentos, com relação a uma congregação pentecostal tradicional, são relativamente menores. As mulheres, a despeito de ainda utilizarem as vestimentas tradicionais, são bastante participativas, até mais que os homens, atuam como missionárias e diaconisas, dão seus testemunhos, cantam, servem e ministram *A Palavra* durante os cultos. O que se percebe é que a igreja em questão mescla características tradicionais e flexíveis, de modo que ela se adaptou à realidade encontrada, como o neopentecostalismo têm feito nos últimos anos.

A ADAM se estabeleceu na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro no dia 14 de março de 1986<sup>16</sup>, fundada pelo missionário Gilberto Gomes, que também foi o primeiro pastor da igreja. De acordo João Ramalho (58 anos), pastor atualmente à frente da congregação, esse missionário Gilberto Gomes

*Foi enviado pelos diretores da sede em Manaus, primeiro para evangelizar os comunitários durante um curto período, mas sua visita acabou se estendendo até que ele manifestou a necessidade de fundar uma igreja em nossa comunidade. Ele recebeu um chamado (Entrevista, 2022).*

Essa necessidade é desinente dos princípios éticos do estatuto da CGADB, sobretudo o encontrado no artigo 3º - “promover e incentivar a proclamação do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, por meio da obra missionária...” (CGADB, 2016, p. 1). Por causa dos argumentos do missionário Gilberto Gomes, a IEADAM permanece atuante na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, independentemente da força empregada para que seja necessário o prevalecimento do evangelho. A ortodoxia cristã, de acordo com Holloway (2019, p. 75) “[...] começa como heresia”. Quer dizer, um dito profeta responde a um chamado que põe a prova a opinião atual, o que leva a um processo de ruptura, em que o indivíduo dá início a uma corrente religiosa nova, que se torna concorrente daquela que ele contestou.

João Ramalho afirma ainda que “um dos principais traços da personalidade do pastor Gilberto Gomes era a afabilidade, ele era um sujeito fácil de dialogar, compreensivo e

---

<sup>16</sup> O pastor João Ramalho não sabe se a fundação da igreja foi realmente no dia 14 de março, pois ouviu isso de outro pastor que passou pela congregação. Mas tem certeza de que o ano foi 1986. A incerteza do dia e do mês tem a ver com a enchente na metade dos anos 2000, que acabou estragando os documentos da IEADAM da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

carismático” (Entrevista, 2022). Em razão desses adjetivos, não teve dificuldade em reunir fiéis ao seu redor, de modo que a congregação não demorou a se expandir. No cenário rural, onde o modelo de vida é mais simples, onde impera o emocional em detrimento do racional, a religião encontra um ambiente “[...] perfeito para o surgimento de lideranças carismáticas de cunho religioso ou político, de salvadores” (WEBER, 1984, p. 193).

Com a ajuda da comunidade, a igreja foi erguida em madeira de seringueira, material mais viável na época, mas em razão da cheia do rio Solimões, com a ajuda financeira e de mão de obra dos fiéis, bem como em razão das terras caídas, ela foi transferida para a outra margem, conhecida como Inema, sendo reconstruída em alvenaria e permanecendo assim até hoje. De acordo com o pastor João Ramalho, “em seus primeiros anos, sua principal missão era evangelizar os comunitários e salvar suas almas, sendo pouquíssimos os fiéis que acompanhavam os cultos, cerca de três, quatro pessoas” (Entrevista, 2022). Esse processo de consolidação, de fato, leva tempo, afinal, de acordo com Bourdieu (2011, p. 42), “uma igreja não é simplesmente uma confraria sacerdotal; é a comunidade moral formada por todos os crentes da mesma fé”.

Essa coesão supracitada já existia por meio da crença arraigada nos santos católicos, sobretudo pela presença da igreja católica Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que dá nome à comunidade. Além disso, a crença nos mitos e lendas também eram pontos desfavoráveis à expansão do projeto de evangelização. Conforme explicado anteriormente, os demônios e espíritos que povoam o imaginário de outras religiões e da fé que os povos tradicionais professam, são constantemente utilizados pelos evangélicos como exemplo de força negativa. É o que Galvão (1955) chama de *mana*<sup>17</sup> negativo, uma força da natureza que atrapalha a energia vital que controla todas as ações humanas. De acordo com Galvão (1955, p. 111), “é a crença na *panema* ou *panemice*, uma força mágica, não materializada, que a maneira do *mana* polinésio, é capaz de infectar criaturas humanas, animais ou objetos”.

Em razão da nossa presença nos cultos realizados na IEADAM da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, meses antes da pandemia do Novo Coronavírus, foi possível observar de que modo os pastores fazem uso do *mana* em favor da imposição de sua crença. Muitos pescadores e agricultores, quando convidados a repartirem com os outros fiéis seus testemunhos, falaram como eles estavam atravessando um período de azar nos seus trabalhos. Os peixes não eram pegos pelas redes, tampouco as plantações estavam dando fruto. De acordo

---

<sup>17</sup> Trata-se de um conceito de origem polinésia. É a emanção da força espiritual, uma substância da qual a magia se faz, capaz de trazer poderes negativos ou positivos para as pessoas, animais ou objetos que a possuem.

com os testemunhos, bastou trazer suas ferramentas de trabalho à igreja, para que o pastor as ungesse, que em poucos dias tudo havia voltado ao normal.

Não é apenas esse caráter mágico que inebria os fiéis, mas também existem rituais para quebrar objetos supostamente infectados por uma energia negativa que reflete na vida dos indivíduos e dos seus familiares. Dentre os objetos quebrados, os preferidos são aqueles que fazem menção aos santos católicos. Quando a igreja católica Nossa Senhora do Perpétuo Socorro caiu em razão do processo de erosão fluvial, alguns evangélicos disseram que aquela era a vontade de Deus. Na ocasião, muitas imagens de santos ficaram boiando nas águas do rio Solimões. Algumas foram recuperadas pelos que professam a fé católica, mas outras foram resgatadas por membros da IEADAM para serem expurgadas da comunidade, pois a crença é de que elas estão cheias de energia negativa.

A IEADAM, atualmente, tem o monopólio da religião não apenas na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, mas também nas comunidades vizinhas. Isso só foi possível em razão do empenho inicial do pastor Gilberto Gomes. Como teve dificuldades no início, o pastor Gilberto resolveu mudar o processo, se tornando mais ativo. Ao invés de esperar que as pessoas fossem à igreja, resolveu ele mesmo “levar a igreja às pessoas”, como explicou João Ramalho (Entrevista, 2022), ministrando ao ar livre, indo de casa em casa falar do evangelho e mantendo as suas ministrações pessoais pautadas nas dificuldades de seus ouvintes e nos problemas gerais da comunidade. Aos poucos ele foi ganhando a simpatia dos moradores, que começaram a visitar os cultos e a levar convidados, geralmente amigos mais próximos e membros de suas famílias.

Segundo o pastor João Ramalho, “mais da metade da comunidade chegou a frequentar a Igreja Evangélica Assembleia de Deus” (Entrevista, 2022). De acordo com Weber (2015, p. 27), “os camponeses optaram pela magia. Sua vida econômica estava particularmente sujeita à natureza e os submeteu às forças elementares. Estão predispostos a confiar em uma feitiçaria [...] contra os espíritos, ou creem [...] na possibilidade de comprar a boa vontade divina”. Baptista (2017, p. 115) esclarece que um dos traços da atuação das Assembleias de Deus é a “manifestação do espírito santo por meio de sinais e maravilhas”. Essas assertivas denotam o grande interesse do povo tradicional pela igreja que tinha chegado à comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

A atuação do pastor Gilberto Gomes foi crucial para a abertura de novas igrejas em comunidades próximas, sendo a última fundada no dia 12 de outubro de 2019, a IEADAM Nova Jerusalém, na comunidade Nossa Senhora da Conceição, Careiro da Várzea. Atualmente são 52

Igrejas Evangélicas Assembleia de Deus espalhadas pelo município. Ao ser perguntado o que essas igrejas buscam nessas comunidades, João Ramalho revela o seguinte:

*É a nossa missão. Temos a intenção de evangelizar todo este território. Do baixo Amazonas a São Gabriel da Cachoeira, local onde existe uma forte cultura indígena. É de difícil acesso, mas nós estamos nos estabelecendo aos poucos, levando A Palavra, salvando vidas. Eu já andei por vários municípios realizando o trabalho. Em todos deixamos bons frutos. Agora estamos aqui com os ribeirinhos do Careiro. Você pode ver a dificuldade (de realizar o trabalho missionário, pelas características do município), mas quem tem a fé e o propósito de Jesus Cristo, não pode parar. (Entrevista, 2022).*

É possível notar, na fala do pastor, que aquilo que ele chama de missão, é, na verdade, o que chamamos de guerra de ocupação, visto que, num trecho da entrevista, o mesmo afirma que “a igreja batista é a que tá mais próxima da gente” (Entrevista, 2022), ou seja, mais perto de atingir os números da IEADAM no Careiro da várzea (52 congregações, dos mais de 4 mil templos no Estado do Amazonas), portanto a sucessiva implementação de igrejas não tem a ver apenas com aspectos técnicos ou de ordem documental, trata-se, também, de uma política imperialista, onde quem vence é aquele que consegue conquistar mais unidades territoriais e adeptos, a fim de monopolizar o poder do evangelho, independentemente do tamanho do território, e ainda que os concorrentes professem a mesma religião, mesmo que sob termos semelhantes.

A esse respeito, Berger (1985, p. 196) endossa que “a religião não legitima mais o ‘mundo’. Na verdade, os diferentes grupos religiosos procuram, por diversos meios, manter seus mundos parciais em face da pluralidade de mundos parciais concorrentes”. Um desses meios é essa guerra de ocupação, que vai muito além do evangelho.

Na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a IEADAM se fortaleceu pela queda literal da igreja católica em razão do processo de erosão fluvial, embora os autodenominados católicos já tenham começado a construir uma nova igreja, com a ajuda dos próprios comunitários. Maria dos Santos (42 anos), membro dos movimentos sociais da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, é também uma liderança católica e secretária da coordenadora da comunidade. Ela esclarece que a construção da nova congregação

*É para demarcarmos o nosso território. Eu sou Ministra da Palavra<sup>18</sup>, estou todo domingo na missa, porque a igreja católica é importante. São poucas as*

---

<sup>18</sup>Alguém que não tem formação teológica, mas que é designado para fazer um curso de ministração na Vila do Careiro, a fim de conduzir a missa na igreja, uma vez que só existe um padre na Vila do Careiro, que atende a

*peças que vão pra missa, mas muitas as que são beneficiadas pelo nosso trabalho. Eu e a coordenadora somos, sem exagero, as responsáveis pela comunidade. A gente reúne as necessidades do povo e leva pra nossa liderança católica, que tem contato com a Cáritas<sup>19</sup>. Aí se a comunidade precisa de algum serviço de saúde, se precisa de alimento, é a igreja católica que faz esse trabalho, o intermédio. Muitas famílias aqui foram ajudadas na pandemia. Por isso a igreja católica não pode acabar. Não só por isso. Mas isso é o principal (Entrevista, 2022).*

Wiggers (2012, p. 30-31) expõe que “comunidade é um termo de uso recente, inspirado na atuação da Igreja Católica, junto às populações rurais do Amazonas. É um termo carregado de significados referentes à mobilização política [...], harmonia a comunhão”. A IEADAM também realiza trabalhos sociais, mas esses trabalhos não são fixos, embora tenha sido muito atuante por meio do seu Ministério de Mulheres durante a pandemia do Novo Coronavírus, o que será explicado melhor no item 2.3 do 2º capítulo.

Ao longo de 34 anos, 6 pastores atuaram na IEADAM, em um processo de chegada que consistia na apresentação do novo pastor pelo pastor que estava saindo, com o intuito de familiarizá-los e de manter a obra de Deus estável e em expansão. Um desses pastores foi condenado a 16 anos de prisão por um crime de estupro<sup>20</sup>, ocorrido durante seu período de atuação na IEADAM de Curari, também município do Careiro da Várzea, próxima a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, congregação da qual ele fez parte entre os anos de 2009 a 2011.

Segundo relatos dos comunitários, o pastor supracitado também fez vítimas na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, embora não existam provas contundentes, sequer os depoimentos das supostas vítimas. Por causa desse episódio, uma boa parte dos membros se desligou da congregação, sobretudo em razão da suspeita de que outros pastores poderiam ter realizado, ou realizar, infração semelhante, ou até mesmo estarem omitindo tal prática. João Ramalho, ao se referir ao pastor, esclarece que “Wanderson Garcia sempre foi problemático, em todas as igrejas que passou. Ele arrumou confusão em Alvarães, Tefé e Barreirinha. Quando ele foi pastor aqui, muito irmão saiu. Tinha um pouco mais de oitenta membros, ficaram só dois”. (Entrevista, 2022).

A assertiva supracitada do pastor encontra eco na fala de uma das lideranças dos movimentos sociais, Maria Cecília (47 anos), quando ela afirma que o pastor Wanderson

---

todas as comunidades, visitando a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro cerca de duas vezes ao ano, especialmente quando tem festa da padroeira que dá nome ao local.

<sup>19</sup> Organização Não Governamental (ONG) cristã que ajuda pessoas em situação de vulnerabilidade social.

<sup>20</sup> Um dos pastores auxiliares foi denunciado por abuso um jovem do sexo masculino

*Era como todos os pastores que passaram por aqui, comprometido com a igreja, compreensivo, atuante. Ele era um dos que mais se envolvia com a comunidade. Alguns vieram aqui e quase não apareciam, a não ser nos cultos. Desses eu não tenho o que dizer. Mas ele sempre ajudava alguém a pescar, a plantar. Gostava de tomar café nas casas dos crentes. Era um cara gente boa, mas todo mundo que a gente não conhece direito é (gente boa). Ninguém desconfiava dele, que ele fazia essas coisas. E não foi só a acusação em Curari não, tiveram outras, aqui mesmo na comunidade. Mas as pessoas não falavam, com medo. Agora nossa liderança tá mais atenta com essas coisas. A gente sempre pergunta se tá tudo bem com as pessoas. Alguns crentes não gostam, acham que a gente é contra a igreja, mas a gente acha que fazer isso é importante (Entrevista, 2022).*

A fala de Maria Cecília apresenta indícios de que o crime cometido por aquele pastor é uma das razões para que os movimentos sociais se coloquem contra a presença da igreja. Ainda que a informante evidencie em sua fala que não é contra a atuação da congregação, o seu corpo dizia o contrário. O corpo fala. O gestual da entrevistada, mesmo que o contato tenha ocorrido de forma remota, deixava claro que o movimento social que ela representa não é a favor da Assembleia de Deus naquele território. “Os movimentos da palavra e do gesto estão mesclados num sistema e não podem ser estudados isoladamente” (LE BRETON, 2012, p. 47).

Essa análise possibilita uma leitura mais ampla do objeto de estudo. Possivelmente existem outras razões para que os movimentos sociais se coloquem contra a presença da igreja, sendo uma delas a existência de um membro efetivo da IEADAM, recém acusado de estupro, durante o ápice da pandemia do Novo Coronavírus, por duas meninas de 10 anos, que congrega na igreja, sendo, inclusive, batizado após as acusações, fato que será melhor explicado em outro capítulo.

De acordo com Bourdieu (2020, p. 41), “quanto à igreja [...], inculta [...] explicitamente uma moral [...] dominada pelos valores patriarcais e principalmente pelo dogma da inata inferioridade das mulheres”. Talvez a liderança condenada pelo crime de estupro encontre na referência cristã o fundamento para a sua ação, assim como o autodenominado evangélico, que responde criminalmente pela mesma transgressão.

Dadas as condições encontradas na pesquisa de campo, no que tange a atuação da IEADAM, é possível afirmarmos que ela está num processo de transição, deixando de ser pentecostal e apresentando, majoritariamente, características neopentecostais, uma vez que a presença das mulheres é maciça, tanto como membros quanto organizadoras e condutoras dos cultos. O trabalho missionário é todo realizado por elas. São as mulheres que organizam as

visitas guiadas<sup>21</sup>, as reuniões, preparam estratégias de ação, enfim, são bem mais atuantes do que numa igreja pentecostal tradicional, como a IEADTAM.

A Assembleia de Deus da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro segue a tendência neopentecostal, “[...] o fenômeno religioso mais bem sucedido dos últimos tempos” (MARIANO, 2014, p. 121), sobretudo em oposição ao que eles consideram ser força maligna, representada pelas entidades das religiões de matriz africana, do espiritismo, e até mesmo pelos santos do catolicismo. A produção e o comércio de bens simbólicos também ocorrem na igreja da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. E o que se percebe, nas observações de campo, é que os fiéis costumam seguir à risca quase tudo que o pastor diz. A relação da Assembleia de Deus da comunidade mais parece uma negociata, em que a empresa oferta o produto e o fiel o adquire, quase sempre sob a promessa de que a aquisição daquele bem simbólico é substancial para os propósitos de Deus sobre a vida do adepto.

Nossa participação em alguns cultos da igreja contribuiu para compreendermos o seu funcionamento, bem como de que modo se dá a relação dos fiéis com o pastor. A atmosfera é inquietante, não apenas pela aura espiritual que a liderança religiosa é capaz de invocar, mas pelo aspecto físico do processo, uma vez que o ambiente não é adequado ao conforto do fiel. A iluminação é precária, e a noite, muitos *carapanãs*<sup>22</sup> zumbem lá dentro. Como a iluminação das comunidades do Careiro da Várzea é espaçada, a grande fonte de luz oriunda da igreja atrai uma quantidade maciça de insetos, que permanecem lá dentro até as luzes serem apagadas. A igreja não dispõe de condensador de ar, por isso as janelas precisam ficar abertas. No último culto que pudemos ir, entre a primeira e a segunda onda do covid-19, quando as medidas foram relaxadas, o pastor perguntou aos fiéis quem estaria disposto ou disposta a ofertar as redes de proteção que impediriam a entrada dos mosquitos. Muitos levantaram as mãos.

As políticas públicas não alcançam a comunidade, a fé é o que resta. Apenas isso é capaz de explicar como os fiéis conseguem se manter de pé e louvando durante um culto que nos incomodou fisicamente do início ao fim. Essa religiosidade, que é fé, trabalho, família e cultura, é a força motriz da vivência do careirense. Conforme Durkheim (1996, p. 214),

[...] Um deus não é apenas uma autoridade da qual dependemos; é também uma força sobre a qual se apoia nossa força. O homem que obedeceu a seu deus e que, por essa razão, acredita tê-lo consigo, aborda o mundo com

---

<sup>21</sup> Procissões onde os membros da igreja descem e sobem o rio Solimões com suas lanchas e barcos para visitar os membros atuantes e arrecimentar novos membros nas comunidades circunvizinhas.

<sup>22</sup> Termo tupi utilizado para se referir aos mosquitos sugadores de sangue. O termo não é permitido durante os cultos da Igreja Assembleia de Deus, dada a sua origem indígena, pois, segundo os assembleianos, está associado ao universo místico das entidades consideradas opositoras do cristianismo.

confiança e com o sentimento de uma energia acrescida. Do mesmo modo, a ação social não se limita a reclamar de nós sacrifícios, privações e esforços.

É muito comum nas ministrações o pastor insistir que aquelas pessoas foram escolhidas por Deus para prosperar, quase sempre enfatizando a força da fé do indivíduo, a crença, que somente assim Deus iria promovê-los, mas eles precisam ser fiéis para que isso ocorra, e o modo de acelerar esse processo é devolvendo a Deus os 10% que Ele, supostamente, havia lhes dado. É o dízimo. E as ofertas não são apenas financeiras, elas vêm, também, por meio de objetos, como cadeiras, mesas e, geralmente, eletrodomésticos de pequeno porte, como liquidificador, ventilador, dentre outros, quase sempre para vender em alguma rifa a fim de levantar recursos financeiros para a congregação. Tem morador que oferta rabeta, mesmo que essa seja fundamental para a prática do seu trabalho da pesca, e mesmo que a pessoa não tenha outra para substituir.

Animais também são ofertados. Aqueles que dispõem de gado, às vezes dão leite ou abatem os bovinos para ofertar à igreja, sem sequer analisar se existe alguma lógica naquilo que eles estão fazendo. De acordo com Durkheim (1996, p. 213), “se um povo não tiver fé na ciência, nenhuma demonstração científica terá influência sobre os espíritos”. Quer dizer, a igreja só tem efeito sobre o careirense porque a religiosidade já é algo inerente ao povo tradicional. A rede que o pescador lança ao rio é uma extensão de si mesmo, uma malha por onde se dá a relação espiritual com o trabalho material. É necessária a interferência divina para que a pesca seja farta, e isso apenas a religiosidade torna possível. Quando o assunto é o careirense, “antes de ser uma teologia, ou mesmo uma moral definida, a religião é um lugar” (MAFFESOLI, 2018, p. 235). É por meio de sua religiosidade que se dá a força do trabalho dos povos tradicionais.

Um dos pontos assertivos da Igreja Assembleia de Deus é reforçar esse pensamento que já pertence aos povos tradicionais. Basta dizer para os fiéis que eles precisam fazer justamente aquilo que já faz parte de sua rotina, só que para potencializar o sucesso, é imprescindível que dízimos e ofertas sejam devolvidos à casa do Senhor. O asceticismo<sup>23</sup>, que foi um “[...] brusco rompimento com todo contentamento com o mundo e uma vida segundo o estrito modelo dos apóstolos” (WEBER, 2004, p. 132), tão comum às doutrinas evangélicas oriundas da Reforma Protestante, sobretudo o Calvinismo, se faz presente.

---

<sup>23</sup> Conjunto de práticas e comportamentos disciplinados que buscam cumprir evitações morais sugeridas aos fiéis, de modo a práticas que agradem a Deus, como a obediência às leis sagradas.

Esse modelo de predestinação defendia que apenas alguns indivíduos eram escolhidos para prosperar (WEBER, 2004), desde que seguissem à risca um conjunto de regras morais relacionadas a essa ascese intramundana. Isto dá lugar à Teologia da Prosperidade, numa perspectiva voltada muito mais para as questões do mundo que para as coisas de Deus. Conforme Mariano (2014, p. 186), é possível que a Teologia da Prosperidade, “[...] ao se configurar como conjunto de crenças altamente mágicas e ao renegar o velho ascetismo protestante, possa estar jogando por terra [...] o elemento de natureza ética do protestantismo”. Isso dificulta o alcance daquilo que ela promete principalmente: a prosperidade material.

**Figura 2** – A Igreja Assembleia de Deus da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro/Inema



**Fonte:** Felipe Pires, 2021

A orientação neopentecostal da Igreja Evangélica Assembleia de Deus da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro rege o modelo de vida dos seus fiéis. Atualmente são 45 membros e 16 congregados, que representam cerca de 30% dos habitantes da comunidade. Os congregados são pessoas que ainda não receberam o batismo nas águas do rio Solimões, sendo que crianças até 11 anos não podem ser batizadas. João Ramalho é o pastor líder da igreja desde

2019. Ele tem sido atuante na comunidade, mantendo equilibrado o número de membros. Aos poucos os cultos presenciais vêm retornando, dado o relaxamento das medidas de distanciamento social.

## CAPÍTULO II - O PAPEL RELIGIOSO DA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS NA COMUNIDADE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO

*Se há funções sociais da religião e, em consequência, a religião é passível de análise sociológica, é porque os leigos não esperam dela (ou não somente dela) justificativas de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e do sentimento de abandono, ou mesmo da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte, mas também, e sobretudo, justificativas sociais de existir enquanto ocupantes de uma determinada posição na estrutura social*

(Pierre Bourdieu)

### 2.1 O *ethos* pentecostal e o controle das massas

Mais que qualquer outra corrente religiosa, a religião evangélica é composta por um *ethos* capaz de identificar aqueles que a professam, seja pela forma de se expressar, pela vestimenta ou pelos objetos que eles carregam consigo, como a Bíblia Sagrada. Esses traços dão ao evangélico uma identidade única, que revela de que modo ele age conforme os ideais morais e religiosos que regem a sua visão de mundo. Seus hábitos, muitos mais que sua crença proferida, são o que mais os distinguem de outros grupos. De acordo com Weber (2004, p. 107), “[...] só com uma transformação radical no sentido de toda a vida, a cada hora e a cada ação, o efeito da graça poderia se comprovar com um arranque do *status naturae*<sup>24</sup> rumo ao *status gratiae*<sup>25</sup>”.

Essa incursão pela via religiosa faz parte *do ethos* que o evangelismo representa. A característica principal é o comportamento santificado, com muitos impedimentos sociais, sobretudo relacionados à diversão, e uma vida inteiramente voltada aos princípios do cristianismo. O *ethos* não produz somente mudanças na mente, mas também no corpo, com base nas características supraditas, como o modo de se vestir. Durkheim (1996, p. 171-172) esclarece que “[...] a religião nasceu da consciência do indivíduo, que ela responde antes de tudo a aspirações individuais e que só secundariamente adquiriu uma forma coletiva”. Ora, embora esse sentimento religioso tenha uma base idiossincrática, é somente pela sua configuração coletiva que o *ethos* pode ser colocado em prática. Um dos modos de compreender

---

<sup>24</sup>Estado da natureza

<sup>25</sup>Estado de graça

essas assertivas é por meio de um experimento científico, cujo intuito é trazer clareza àquilo que vamos discutir ao longo desta pesquisa.

Cinco macacos foram colocados dentro de uma jaula com espaço suficiente para que todos convivessem de modo relativamente confortável. No centro havia uma escada de ferro que levava a cachos de banana, estreita o bastante para que subisse um primata por vez. Quando um dos animais subia a escada para tentar apanhar a fruta, todos os macacos recebiam uma descarga elétrica. Quando outro primata tentava subir a escada, os outros o impediam e o surravam, a fim de que ninguém sofresse a punição, apenas aquele que tomou a decisão de arriscar.

Passado algum tempo, nenhum macaco se atreveu a tentar pegar as bananas. Todos estavam com medo. E assim, sem aviso prévio, um dos macacos foi substituído. A primeira coisa que o novato fez foi tentar alcançar as bananas, mas ele foi sumariamente impedido pelos outros, pelo mesmo mecanismo da pancadaria desenfreada. Os primatas foram substituídos um a um, sendo o novato sempre submetido ao castigo pelos demais companheiros de jaula, a um ponto em que os primatas não sabiam a razão de estarem apanhando, tampouco a razão de estarem batendo, uma vez que não havia mais nenhum dos macacos que foram encarcerados no experimento original.

Essa fábula, embora não se saiba ao certo quem a escreveu pela primeira vez, é reproduzida largamente na Internet. Ela se trata de um experimento controlado por cientistas. Sua função é explicar de que modo surgem os paradigmas, nos quais os animais (as pessoas) reproduzem comportamentos sem, contudo, compreender as razões de estarem fazendo aquilo. Tal exemplo também serve para a cultura, que se estabelece em agrupamentos sociais e se prolifera sem que, talvez, se tenha a consciência do que significa uma palavra, um gesto, um ato, um ritual, ou até mesmo um impedimento socialmente estabelecido.

Uma das teorias de Berger (1985, p. 23) é de que “o homem sapiens é o animal social”, e é esse seu aspecto de sociabilidade que o conduz a produzir a sociedade que produz a ele próprio. “Biologicamente privado de um mundo do homem, constrói um mundo humano. Esse mundo, naturalmente, é a cultura” (BERGER, 1985, p. 22). Dessa cultura, também, a religião faz parte.

Ora, ao se fazer um breve retorno para analisar a fábula dos macacos, o que se percebe é que o mecanismo, embora tenha sido criado por cientistas (aqueles que o precederam, a exemplo dos que primeiro constituíram e construíram determinadas sociedades, seus antepassados), ele é regulado pela sociedade atual, que é quem determina seus processos, suas leis e o que é desencadeado por suas transgressões. Berger (1985, p. 26) explica que “o homem

produz valores e verifica que se sente culpado quando os transgride. O homem forja instituições, que o enfrentam como estruturas controladoras e intimidatórias do mundo externo”. A igreja desponta como uma dessas instituições.

Ametista (56 anos) é membro efetiva da IEADAM. Ao ser indagada de que modo a religião evangélica controla suas ações, ela explica:

*De várias maneiras. Eu era uma pessoa altamente alheia ao mundo. A separação do meu marido me levou a bebedeira. Eu bebia antes, mas passei a beber de tudo. Parecia coisa do inimigo mesmo. Era na festa direto. Eu não parava. Chegava final de semana eu não tinha hora pra voltar pra casa. Não queria nem saber se meus filhos tinham comido, se tinham chegado. Era o meu lazer. Mas aí vieram as irmãs diaconisas e eu passei a frequentar a Assembleia. Fui muito bem recebida. Hoje vivo pra minha família, para as coisas de Deus. Logo que eu comecei (a frequentar a igreja), os colegas viviam me oferecendo bebida, “jogando” piada, me chamando pra “bater” um dominó, que eu gostava também. Uma amiga, que só depois eu percebi que não era minha amiga nada, perguntou qual era a diferença das festas da igreja para as festas que eu ia antes, ela disse que era tudo igual, que agora eu queria ser a certa, aí eu respondi: ‘a diferença é que a festa que eu vou é a da igreja, a que você vai é do mundo’. Desde esse dia ela não fala mais comigo. Até me evita. Tudo bem. Eu continuo orando por ela. (Entrevista, 2022).*

De acordo com Foucault (1987, p. 128-129), “[...] todo detalhe é importante, pois aos olhos de Deus, nenhuma imensidão é maior que um detalhe [...]. Nessa grande tradição da eminência do detalhe viriam se localizar [...] todas as meticulosidades da educação cristã”. Esse modelo de controle das massas, quando se trata do *ethos* do evangelismo praticado pela Assembleia de Deus, é desinente do movimento puritano<sup>26</sup>. “A ética puritana era contrária a toda forma de mundanismo, manipulação política e diversões tipicamente mundanas” (BAPTISTA, 2017, p. 38). É dessa maneira que o fenômeno religioso produz os sentidos de vida do careirense, sobretudo por meio do batismo do Espírito Santo, que, em termos simbólicos, significa a “morte” e o “renascimento” para uma nova vida, agora regida pelos preceitos que a religião evangélica preconiza.

Quando perguntamos de que modo a IEADAM pode influenciar os modos de vida dos povos tradicionais, o intelectual da religião, Ricardo Castro, esclarece que

*A religião pentecostal é mais uma forma colonial de destruição do modo de vida, da cosmovisão e das expressões identitárias dos povos tradicionais. A*

<sup>26</sup>Movimento iniciado por John Wesley, contrário ao comportamento e às atitudes mundanas. Esse movimento deu início à corrente metodista, que prega a necessidade da santificação, bem como a inauguração de uma nova obra da graça, intitulada *batismo no Espírito Santo*.

*religião pentecostal é uma das mãos invisíveis do capitalismo depredador da Amazônia e de suas formas de vida, atingindo o aspecto mais básico de sua resistência: a compreensão cosmobiótica das relações vitais do ser humano com a natureza e com seus semelhantes (Entrevista, 2022).*

Essa fala de Ricardo encontra eco na assertiva de Munduruku (2009, p. 28), ao considerar que “as sociedades tradicionais são filhas da memória, e a memória é a base do equilíbrio das tradições. A memória liga os fatos entre si e proporciona a compreensão do todo”. A memória é uma parte fundamental dos meios de vida dessas populações, e é contra a perpetuação dessa memória, que também é cultura, que a igreja evangélica se coloca, num embate que de um lado se equilibra a história de um povo e suas tradições, e do outro a visão positivista e estruturalista do evangelho.

Essa compreensão do todo, explicada por Munduruku (2009), é a malha social do povo tradicional, composta por um vasto cosmo que reúne não apenas o mundo material, mas também o que está no campo da metafísica, que é o mais importante. Morin (2012, p. 53) explica que “o indivíduo humano, na sua autonomia mesma, é, ao mesmo tempo, 100% biológico e 100% cultural”. Desse modo é composto o careirense. Sua humanidade é indissociável da natureza, incapaz de se separar de sua cultura; ainda que o movimento pentecostal se ramifique ao longo da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a memória social, seus ritos e tradições, permanecem.

Na primeira vez que fomos à comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, antes da pandemia do Novo Coronavírus, a fim de colher informações que possibilitassem a elaboração do projeto de pesquisa do qual este trabalho é desinente, tivemos a oportunidade de conversar com alguns membros da IEADAM. Numa dessas conversas, surgiu a oportunidade de estarem na mesma mesa duas amigas, que professam religiões diferentes, sendo uma católica e a outra evangélica, mas que não deixam que essa diferença interfira na sua relação. Para o careirense, a comunidade sempre está em primeiro lugar, embora algumas relações tenham ficado estremecidas, como será explicado mais a frente.

Nossa visita aconteceu num período de cheia do rio, o que atraía muitos animais que fugiam da água, sobretudo os peçonhentos, para dentro das casas. Nessa época é comum, também, o aparecimento de muitas sucuris, formigas de fogo, sapos, jacarés e rãs. Terminamos o café e a conversa na casa da comunitária católica e nos despedimos. Sua amiga evangélica lhe deu um forte abraço, e depois, quando já começava a descer a escada na frente da casa em direção a sua canoa, a evangélica manifestou o seu receio de ter de atolar o pé no alagado até o tornozelo e ser vítima de um desses animais citados. A amiga católica, então, perguntou se ela

lembrava da música que elas cantavam na infância, ensinada pela avó católica da comunitária evangélica. Ela disse que sim, sorriu, enfiou os pés na água e começou a cantar:

*São Bento, São Bento,  
Água benta no altar,  
Afastai todos esses bichos  
E deixa a gente passar!*

As amigas sorriram, muito contentes. Nós, também, nos despedimos uma vez mais da dona da casa e seguimos pela água até a canoa, onde a amiga evangélica já ligava a rabeta a nossa espera. Quando descemos em frente à sua casa, já longe da residência de sua amiga, a comunitária evangélica retomou a cantoria. Aquela memória lhe dava uma sensação de proteção, que a gente, curiosamente, também conseguia sentir. Alcançamos a escada de sua casa e respiramos, aliviados. A comunitária sustentava um ar de que graças à música nós chegamos à sua varanda, sãos e salvos.

Pela memória, a rede de proteção foi ativada, mas isso só foi possível pela força da tradição. A comunidade Nossa Senhora Perpétuo Socorro é formada por aquilo que Capra (2006, p. 45) chama de “a teia da vida”, que são redes dentro de redes, que não se separam, mas se integram, formando um único sistema vivo. Ainda que o evangelismo tente criar um microcosmo que exclui todos aqueles que não professam sua religião, a tradição dos povos tradicionais é mais forte. Porque, para o careirense, a fé é uma coisa só. Ela é parte integrada do todo que o movimenta, que dá a ele a razão e a força da sua existência. Explicaremos isso melhor um pouco mais a frente.

Na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, cada comunitário desempenha um papel único, mas que é integrador. Já foi explicado neste trabalho que a morte de um careirense representa a perda de toda comunidade. O sentido é o mesmo. Os comunitários se tornam, dessa maneira, um único corpo, como uma rede de bactérias. Segundo Capra (2006, p. 190), “diferentes espécies cooperam e ajudam-se umas às outras com material genético complementar. Grandes reuniões dessas equipes de bactérias podem operar com a coerência de um único organismo, executando tarefas que nenhuma delas pode realizar individualmente”.

Foi pela ação das bactérias, que regularam a temperatura da terra e coevoluíram nos primórdios de nossa existência, por meio da técnica cooperativa supracitada, que a humanidade ainda permanece aqui. Assim é a cooperação do careirense, que se empenha para formar uma única malha social que possibilite a comunidade evoluir. Se a comunidade evolui, os careirenses

também evoluem. Essa relação ocorre porque um é incapaz de verdadeiramente existir sem o outro.

Ainda que o sentimento coletivo permaneça inalterado, a religião evangélica consegue produzir os sentidos de vida de parte do povo que forma a comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro por meio do seu *ethos* religioso. O pastor João Ramalho, ao ser perguntado sobre de que modo o evangelismo influencia no controle das massas, ele se expressa nos seguintes termos:

*Nossa principal função é o trabalho missionário. Mas a gente trabalha também no controle dos vícios e na manutenção da família. Nossos resultados são ótimos. Desde que começamos o trabalho aqui (ele se refere ao seu desempenho como pastor), temos ajudado muitas famílias. Hoje somos 60 evangélicos fiéis, um povo comprometido com o Evangelho. A missão no Careiro da Várzea é coletiva. Se não for pela permissão das pessoas, a gente jamais poderia entrar nas casas. Se estamos com esses resultados, é porque aquilo que planejamos para os fiéis vêm ocorrendo pela vontade de Deus. Antigamente era comum você ver as pessoas em rodas mundanas (música, bebida), mas graças a Deus essas pessoas estão com a gente agora. Alguns manifestam, fraquejam, mas eu e os irmãos estamos sempre de prontidão para trazer essa alma de volta aos caminhos do Senhor (Entrevista, 2022).*

É uma estratégia muito simples. O controle das massas é regulado pelo próprio dispositivo religioso, cujas estruturas já foram estabelecidas pelo paradigma social, reforçado na infância de todos os comunitários, independentemente da religião que eles professavam antes do pentecostalismo. Foucault (1987, p. 150), ao se referir à disciplina, concebe que ela “[...] utiliza quatro grandes técnicas: constrói quadros; prescreve manobras; impõe exercícios, enfim, para realizar a combinação das forças, organiza táticas”. É dessa maneira que os corpos são domesticados, que se tornam docilizados. Ora, se a manifestação do Espírito Santo é uma evidência de que a IEADAM da comunidade vem se tornando aberta a um novo *ethos*, daí é oriunda a afirmativa de que ela vem se tornando cada vez mais neopentecostal.

Uma das características que identificam o evangélico dessa nova corrente, bem como do pentecostalismo, que a sucedeu, é falar em línguas estranhas. “Falar línguas estranhas é a evidência bíblica do Batismo no Espírito Santo” (BAPTISTA, 2017, p. 62). Muitos autodenominados evangélicos da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro se dizem capazes de realizar tal ato.

Quando se trata de evangelização dos povos tradicionais, e das estratégias de conversão, Schweickardt (2002, p. 3) dá pistas ao apontar que “[...] a religião não era necessariamente o fim da magia, mas sim uma questão de poder, pois a própria igreja fez uso das formas mágicas

para conquistar as populações nativas e mestiças para o interior da sua cosmovisão”. Essas estratégias de conversão são largamente utilizadas por aqueles que professam a religião evangélica. É uma batalha travada, uma guerra espiritual contra as “entidades” de outras religiões, como as de matriz-africana. As manifestações são tratadas como forças ocultas, que precisam ser exterminadas, de acordo com o que preconiza os membros da IEADAM, da comunidade, a fim de que ela possa prosperar e estar aberta aos planos proposto por Jesus Cristo.

Embora exista uma política de liberalismo, posto que, de acordo com Mariano (2014, p. 30), a congregação “[...] Assembleia de Deus [...] mostra-se mais flexível e disposta a acompanhar certas mudanças que estão se processando no movimento pentecostal e, apesar da defasagem, na sociedade”, ainda são muitos os instrumentos de impedimento que a IEADAM faz uso, sobretudo quando envolve a questão espiritual.

Uma das lideranças comunitárias, Maria dos Santos (42 anos), explica sua experiência com a guerra espiritual que faz parte do cânone religioso da IEADAM da seguinte maneira:

*Uma das minhas filhas, a mais nova, um dia, começou a se debater em casa. Espumava pela boca e eu não tinha força pra manter ela sob controle. Eu comecei a rezar, mas os evangélicos vieram dizendo que precisavam fazer uma corrente de oração, que ela estava manifestando um espírito ruim. Isso deixou muita gente surpresa, porque parecia que a oração fazia efeito. Eles gritavam palavras ordenando que o espírito saísse, que a minha filha era uma alma de Cristo. Deu certo. Minha filha voltou ao normal, mesmo com um pouco de dor de cabeça e se sentindo cansada. Passei a noite acordada. No dia seguinte, a última lancha já tinha passado pra Manaus, quando a gente resolveu chamar o SOS<sup>27</sup>, com medo que ela pudesse ter aquilo de novo. Levamos a menina pra Manaus, pra ela ver um médico. O que ela tinha é ataque epilético. Hoje ela toma o remédio e nunca mais deu ataque. Mas muitos ainda acreditam que a minha filha recebeu algum tipo de feitiçaria. Os crentes ficam falando pra gente ir visitar a igreja deles, pra afastar o espírito (Entrevista, 2022).*

Morin (2018, p. 239) explica que “quando assistes a uma cerimônia de vodu ou de candomblé, não podeis deixar de ficar impressionado pelo fato de que os deuses chegam, se encarnam [...], falam [...] em toda religião vivida, a existência de Deus é incontestável”. A religião evangélica faz uso desse subterfúgio para validar a sua imprescindibilidade na evangelização dos povos tradicionais. “A relação de Deus com a comunidade de fiéis é, ao que pensamos, uma relação típica de sistemas e ecossistemas. Não apenas a sociedade, são os

---

<sup>27</sup>No Careiro da Várzea há uma lancha privada, chamada SOS, que transporta os comunitários a qualquer hora para a capital, mediante pagamento.

cérebros humanos, coletiva e individualmente, que são os ecossistemas dos deuses” (MORIN, 2018, p. 239).

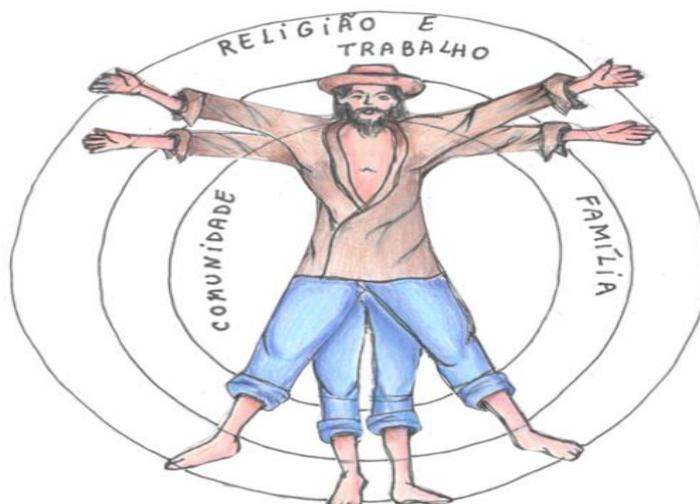
A relação, portanto, é nuclear. Ela é constituída por meio dos fios que formam a malha social da comunidade. Fios esses que são produzidos e fortalecidos pelo próprio povo tradicional. São caminhos abertos, pois a comunidade é aberta a novas experiências, desde que essa proposta agregue à sua cultura. A despeito de existir essa abertura, a comunidade se fecha e se mantém homogênea por meio de seu ideário de construção social, de modo que as integrações de quaisquer paradigmas só serão possíveis se estiverem alinhados com a tradição do agrupamento.

A malha social que forma os povos tradicionais é tecida por ancestralidade, por ritos e tradições inerentes às suas ações. Quando o careirense não põe em prática seu *habitus*, a sua vivência e sociabilidade passam por um processo de desequilíbrio, que afeta todas as instâncias de sua existência. É como se estivesse lhe faltando um ponto de referência, um pilar indispensável à sustentação de seu macrocosmo. O careirense se sente suspenso em um mundo intangível. Ele precisa de conexões com seus coirmãos e com a natureza que o cerca para que ele se sinta integrado à teia da vida. Aos povos tradicionais, é impossível viver à margem de sua própria razão de existir.

Qualquer coisa que esteja aquém daquilo que os comunitários entendem como seu manual de conduta, seja com relação aos seus habitantes, familiares, relações de trabalho e de fé, é sumariamente apartada. A *doxa* dos povos tradicionais já foi delimitada no início de sua história, é um legado passado para as gerações seguintes, como os membros de um formigueiro, que se comunicam pela materialidade e pela vivência, só assim os parâmetros para a sua produção de existência permanecem estabelecidos. A *doxa* é tão consolidada que nenhuma anomalia ou fator de desequilíbrio poderá integrar a sua malha social, num processo que não tem início nem fim, tal qual o universo.

Com base nas asserções supracitadas, para que núcleos religiosos se formem, é indispensável a anuência da maior parte dos comunitários, senão de sua totalidade. Isso não significa que o careirense é passivo nesse processo, a questão é que a religião, ou melhor, a fé, é parte preponderante da sua cultura. Ela está atrelada a duas das coisas mais importantes para aquelas pessoas: a relação com a natureza e com o trabalho, sendo o último o fator de maior relevância, conforme pode ser observado na imagem a seguir, que expõe de que forma o homem e a mulher que integram os povos tradicionais não-indígenas se inserem no seu macrocosmo.

**Figura 3** – Macrocosmo dos povos tradicionais da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro



**Fonte:** Felipe Pires, 2022.

Os careirenses são completamente integrados à sua natureza metafísica e biológica. Para eles, o mais importante é a comunidade, que é vista como uma grande família, enquanto que sua família consanguínea vem em segundo plano. Em terceiro plano, um inerente ao outro, estão a religião e o trabalho. Porém, todas essas coisas são natureza. Para aquele povo, não existe prática trabalhista sem que a fé esteja atrelada. É um processo cultural, cuja força originária advém dos primórdios da construção das comunidades que formam o Careiro da Várzea, sobretudo pelo catolicismo, que pode ser ratificado pelo fato de a maioria das comunidades receberem os nomes de santos católicos.

Sagan (2008, p. 198) esclarece que “uma parte de nós foi induzida à hierarquia de dominação e não gosta da incerteza de termos que lidar sozinhos com as coisas”. Os povos tradicionais do Careiro da Várzea agem dessa maneira. A fé é uma extensão de si mesmos, é algo que eles comungam com a natureza, é uma parte importante da malha social que forma o *nós*. Conforme Holloway (2019, p. 90), “desde o momento de nosso nascimento, somos sustentados numa rede de relações [...]”.

Essa rede relacional comporta tudo aquilo que é importante para os comunitários da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, porque assim a cultura se formou. Desse modo não é a definição exata da religião específica, é o fator crença que pesa para o careirense. Ele necessita dessa relação, independentemente da religião que ele professa. A vazante e a cheia do rio têm fatores cosmológicos.

O careirense talvez não possua um conhecimento amplo sobre importância da Lua para o seu trabalho enquanto pescador. “A influência gravitacional permanente da Lua mantém a Terra girando na velocidade e no ângulo certos para proporcionar o tipo de estabilidade necessária ao longo do bem-sucedido desenvolvimento da vida (BRYSON, 2005, p. 257). Mas o careirense compreende que, sem a Lua, a forma como ele produz seu trabalho jamais seria possível. E ele só consegue prever isso por meio de sua total integração com a natureza. Para eles, tudo é natureza. Inclusive eles próprios.

Para os povos tradicionais, a própria natureza é uma divindade. Sagan (2008, p. 170) chama atenção para o fato de que é “[...] uma tolice [...] negar as leis da natureza. E se é isso que falamos quando dizemos Deus, [...] ninguém que se diga ateu seria capaz de dar uma explicação coerente sobre por que as leis da natureza são inaplicáveis”. É a isso que o pentecostalismo se opõe. A religião pentecostal considera essa forma de comungar a natureza como idolatria. Para os autodenominados evangélicos, qualquer prática religiosa que fuja daquilo que preconiza as leis divinas deve ser combatida.

O pentecostalismo, como vimos anteriormente na fala de Ricardo Castro, é uma das mãos invisíveis do capitalismo, uma religião de aspecto colonial, que se espalha por todo o Amazonas a fim de submeter os povos tradicionais a seu *ethos*. Seu modo de ação é semelhante àquele do “descobrimento” do Brasil. Para os evangélicos, os povos originários precisam ser “salvos” de um mundo de feitiçaria, idolatria e más condutas. Mas não somente isso, os evangélicos também condenam as festas regadas a bebidas e o lazer exacerbado. Segundo Eliade (2018, p. 32), essas comemorações são “[...] uma espécie de ‘outro mundo’, um espaço estrangeiro, caótico, povoado de espectros, demônios, ‘estranhos’ (equiparados, aliás, aos demônios e às almas dos mortos)”. O combate ao inimigo, portanto, é a força propulsora da evangelização. Somente dessa maneira será possível que o careirense, segundo os evangélicos, assuma postura que seja do “agrado” do Senhor.

O sistema de anuência, que já é próprio da comunidade, permite que a religião se desenvolva, especialmente a evangélica, que utiliza de diversas ferramentas que fortalecem a relação dos povos tradicionais com os modos que eles produzem sua existência, sobretudo o instrumento neopentecostal, que promete a ascensão a uma vida de fartura, distante, muitas vezes, da realidade da própria comunidade. Essas estratégias facilitam que a religião evangélica encontre meios para produzir os sentidos de vida dos comunitários.

Também faz parte do cosmo religioso da IEADAM o trabalho social. Contudo esses trabalhos são voltados, em sua maioria, para os membros da igreja. Recentemente, um homem, autodenominado evangélico, que frequenta regularmente a Assembleia de Deus, foi acusado de

abusar sexualmente de duas crianças do sexo feminino, ambas com 10 anos de idade. Segundo as vítimas, o acusado, que conduzia a lancha-escola, se aproveitava do fato de que as meninas desciam por último para realizar o ato na cabine da embarcação.

De acordo com Almeida (2020, p. 44), “[...] as crianças [...], por sua condição de dependência [...], formam o grupo etário mais vulnerável, sendo que as crianças mais novas, principalmente as do sexo feminino e das camadas mais pobres, estão ainda mais expostas [...]”. Não resta dúvida que essas crianças que sofreram abuso sexual sejam pertencentes às camadas subalternizadas, um grupo etário de alta vulnerabilidade social.

Este fato criminoso foi relativizado dentro da igreja evangélica onde o acusado congrega. Enquanto o indivíduo estava detido, os membros da igreja se reuniram para ajudar a família dele, uma vez que, além de fazer o transporte escolar, ele também tinha uma lancha SOS que conduzia os comunitários enfermos para a capital amazonense, de onde era oriunda a maior parte de sua renda.

Independentemente se o indivíduo é culpado ou não pela acusação, uma vez que ainda não houve julgamento, toda a congregação se mobilizou para fazer rifa, reunir doações em dinheiro e alimentos para ajudar a família dele, tendo em vista que só o homem trabalhava no seu núcleo familiar. Opala (60 anos), membro de sua igreja, relativiza o fato dizendo que “a gente não vai ficar esperando pra saber se ele vai ser culpado ou não. A gente tem o dever cristão de ajudar um membro da nossa igreja” (Entrevista, 2022).

Para Maffesoli (2018, p. 32), “o comerciante [...] racista vai proteger o árabe da esquina, assim como o pequeno burguês ‘securitário’ não denunciará o pequeno vigarista do bairro [...]. Não é só a máfia que tem a lei do silêncio. Os policiais [...] sabem muito bem disso”. Isso depõe a favor da comunidade emocional (MAFFESOLI, 2018). Significa que, às vezes, em razão da comunidade estar sempre em primeiro lugar, conforme a última figura, os outros aspectos são sumariamente ignorados, se isso significar o fortalecimento do agrupamento.

Janderson França (37 anos) é membro dos movimentos sociais, e já foi, também, o coordenador de comunidade quando tinha 18 anos. Sobre o acusado de estupro, ele se pronuncia nos seguintes termos:

*Ele é amigo pessoal meu, e é membro da Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. A gente tem que ajudar, não importa o que ele tenha feito. Eu tenho minha opinião sobre isso, mas a gente tem que respeitar as meninas que acusaram e a família delas também. Nossa obrigação aqui é não deixar ele nem a família dele na mão. As pessoas se reuniram e ajudaram. Ele era o provedor daquela família, e a acusação fez ele perder o emprego. A SOS (lancha) dele afundou quando ele estava preso, por causa da queda do barranco. Ele gastou 15 mil*

*pra ser libertado provisório, e gastou com os mergulhadores que vieram de Manaus pra ver se recuperavam a lancha, mas não teve jeito. Uma lancha daquela, com Motor 115 HP, custa uns 100 mil. A acusação deu a ele um prejuízo muito grande (Entrevista, 2022).*

Para Fernandez (2012, p. 38), “no caso de abuso sexual contra crianças, o adulto utiliza [...] sua autoridade [...], fazendo prevalecer seus interesses sexuais. Todo abuso é uma forma de violência, uma relação de dominação em que o mais forte impõe sua vontade ao mais fraco”. Embora Janderson França ponha à margem a agressividade do fato em razão dos desfalques materiais que o acusado tenha sofrido, o prejuízo é muito maior para as vítimas, pois além de ser uma violenta ruptura da inocência daquelas crianças, uma agressão física, é também uma violência psicológica, capaz de gerar traumas para o resto de suas vidas.

Uma das passagens da opinião de Janderson sobre o fato fortalece o patriarcalismo que impera na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, quando ele afirma, mesmo que indiretamente, que tem uma opinião sobre o fato, mas que tem que respeitar as meninas. Essa opinião, com base em nossas observações, é de que as crianças fizeram uma falsa acusação sobre o seu amigo. Fernandez (2012, p. 49) expõe que “a criança, devido a sua imaturidade [...], à ausência de força [...], é obrigada a participar do abuso numa relação que é assimétrica, desigual. [...] É um mito a ideia de que a criança é responsável, de que ela provoca o adulto”.

A fala de Janderson expõe as relações sociais dentro da Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que se caracteriza por certa preocupação com seus membros. Independentemente dos desvios de conduta do sujeito, o comunitarismo sempre prevalece. Essa rede comunitária é a sobrevivência dos seus membros enquanto grupo. É assim que eles progredem dentro do universo onde eles coexistem. A solidariedade é sua garantia de futuro. Enquanto não houver julgamento, não existe culpa. Para os povos tradicionais, não é admissível esperar o desenrolar e a conclusão de um processo para que eles tomem a decisão de estender ou não a mão a um membro que esteja necessitado. A decisão, quase sempre, será favorável.

Esse senso de comunitarismo é encontrado em Bauman (2003, p. 8), quando ele esclarece que quando alguém passa “[...] por momentos difíceis e por necessidades sérias, as pessoas não pedirão fiança antes de decidirem se nos ajudarão; não perguntarão como e quando retribuiremos, mas sim do que precisamos”. Ainda que se trate de uma acusação grave, a comunidade não hesita em ser solidária. “As relações sociais [...] são mais frequentes e intensas entre os integrantes da mesma comunidade que entre os de duas diferentes comunidades, mesmo vizinhas” (NOGUEIRA, 1953, p. 1). Dentro das comunidades tradicionais, portanto, as relações sociais ocorrem de modo diferente.

Diamante (47 anos), membro da IEADAM, revela o seguinte:

*Nossa igreja sempre vai primar pelo bem-estar do fiel, daquele que caminha com Cristo. Nosso objetivo é também com o social. O dever religioso é cristão, não tem nada a ver com a lei dos homens. A igreja se dispõe a realizar o trabalho de caridade. A gente tem associação com a Cruz Vermelha<sup>28</sup>, que sempre vem aqui, por ação da gente, servir o povo da comunidade. Aqui é o único lugar da comunidade que tem energia 220V, então a igreja acaba se tornando o centro social, onde o pessoal da Cruz Vermelha realiza o atendimento, onde a comunidade, também, pode fazer as suas coisas. Antes tinha muita queda de luz. Hoje a gente já possui o nosso próprio transformador. Aqui mudamos muitas vidas. A responsabilidade não é apenas missionária. A gente tem obrigação com a comunidade. O pessoal é que tem isso na mente, que a gente só faz por nossos irmãos de fé. Pra gente não tem esse negócio de religião, não, de só atender quem for fiel da nossa igreja. O pastor cansa de ir à casa dos fiéis que não são evangélicos. Teve um dia que eu fui com ele visitar uma família que tinha 16 ídolos em casa (imagens de santos católicos, dentre eles um de aspecto indígena), e isso não foi impedimento pra que a gente ajudasse (Entrevista, 2022).*

Weber (2004, p. 99) defende que “[...] Deus quer do cristão uma obra social porque quer que a conformação social da vida se faça conforme seus mandamentos e seja endireitada de forma a corresponder a esse fim. O trabalho social [...] é [...] trabalho *in majorem Dei gloriam*<sup>29</sup>” Em razão do aspecto do transformador de energia, a IEADAM atrai para si a maioria dos eventos realizados pela comunidade, não apenas os de caráter social. As pessoas, sobretudo as que não professam a religião evangélica, são induzidas a frequentar a congregação, uma vez que não lhes resta outra opção no que tange a aplacar alguma de suas necessidades, sobretudo quando essa necessidade envolve questões de saúde e lazer. Travestido pelo dever cristão se encontra uma estratégia de arregimento de novos fiéis.

Faz parte do *ethos* religioso da Assembleia de Deus, além do trabalho missionário e do trabalho social, projetos educacionais, nos quais os membros, principalmente aqueles que exercem ou exerceram o magistério, se dispõem a alfabetizar a população, independentemente da faixa etária do comunitário. Atrelada à alfabetização tradicional, está o estudo bíblico. Há projetos, também, voltados para a formação de músicos, sobretudo para que possam servir no altar, bem como projetos voltados para a aprendizagem de alguma profissão, seja marceneiro, pescador, agricultor, dentre outros. A formação de novos missionários, dada a demanda das 52

---

<sup>28</sup> Organização Não Governamental (ONG) que desponta, segundo ela, com a principal instituição de ajuda humanitária do mundo. Ela atende pessoas em situação de vulnerabilidade. A Cruz Vermelha Brasileira está presente em 21 estados brasileiros, dentre eles o Amazonas

<sup>29</sup>Para aumentar a glória de Deus.

congregações da Assembleia de Deus que estão espalhadas pelo Careiro da Várzea, é constante dentro dos projetos de expansão da religião evangélica.

## **2.2 A moral pentecostal em impasses e desafios na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro**

Não existe sagrado sem profano! Na comunidade que desponta como objeto de pesquisa deste estudo, essa relação se torna ainda mais evidente, uma vez que a moral religiosa, representada, em sua maioria<sup>30</sup>, pelo catolicismo e pelo evangelismo, vem carregada de tradicionalismo e rituais, unidos pelos fios que formam a grande malha social. Eliade (2018, p. 27) aponta que “a revelação de um espaço sagrado permite que se obtenha um ‘ponto fixo’, possibilitando [...] a orientação na homogeneidade caótica, a ‘fundação do mundo’, o viver real. A experiência profana, ao contrário, mantém a homogeneidade e [...] a relatividade do espaço”. No lado profano, a orientação genuína já não é uma possibilidade, contudo a profanidade é o contrapeso que mantém o indivíduo equilibrado, portanto se torna indispensável para que o ser se torne completo.

Todo o processo é construído desde a idade mais tenra, a exemplo da proposta de Platão (2015), em que indivíduos se encontram presos numa caverna e tudo que eles conseguem ver, em suas posições estáticas, são sombras de objetos materiais, cujas formas exibidas nas paredes são, para eles, a sua realidade. “Estão ali desde a infância, fixados no mesmo lugar, com pescoços e pernas sob grilhões, unicamente capazes de ver à frente, visto que seus grilhões os impedem de virar de costa” (PLATÃO, 2015, p. 9). O indivíduo, dessa maneira, é conduzido a ocupar aquele espaço pela força de sua cultura, mas o que verdadeiramente o prende é o seu sistema moral e religioso.

O mito da caverna é utilizado neste estudo para perceber que a religião aliena, que ela mantém o indivíduo encerrado num universo religiosamente construído, possuindo todas as respostas para as suas dúvidas e necessidades, porque quando se fala em religião, “a instalação num território equivale à fundação de um mundo” (ELIADE, 2018, p. 46). A força desse novo mundo é evidenciada pela inerência do ser. O indivíduo só existe quando ele se relaciona com o ambiente no qual ele está integrado. É por meio dessa relação, que é ôntica e ontológica, que ele se produz enquanto ente, matéria, e ser, metafísico.

---

<sup>30</sup> Existem comunitários que professam outras religiões, como as de matriz-africana e o espiritismo

Heidegger (2015, p. 87) afirma que “para uma interpretação ontológica desse ente, a problemática de seu ser deve ser desenvolvida a partir da existencialidade de sua existência”. Ora, o que a filosofia propõe é que se estabeleça uma diferenciação entre o humano e a humanização. Sabe-se que esse indivíduo existe, pois ele é vida, a questão é saber quais são seus meios de existir, o que o torna diferente perante uma humanidade homogênea, como a contraposição entre suas idiossincrasias, do seu ente individual e do seu ente coletivo, numa relação que, paradoxalmente, é única, mas também é múltipla, pois ela transita por toda a malha social. A moral religiosa forma um dos fios por meio do qual se realizam essas construções sociológicas, pois a moralidade é imanente ao ser.

Eliade (2018, p. 85) aponta para o fato de que “quanto mais o homem é religioso tanto mais dispõe de modelos exemplares para seus comportamentos e ações”. Tais ideais se projetam mais fortemente quando inseridos no cânone religioso evangélico de vertente pentecostal. Embora a moralidade religiosa esteja inserida na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, seja por meio do catolicismo ou do evangelismo, às vezes ela se traduz em impasses e desafios para os comunitários, sendo a procissão católica, que reúne aspectos do sagrado e do profano, despontando como um desses exemplos.

Embora se cultue a santa que dá nome à comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, uma das referências a Maria, mãe de Jesus, que possui o seu cortejo, em data não específica, a procissão mais importante, e que mais reúne fiéis, é a de São Lázaro, o homem que, morto há quatro dias, foi ressuscitado por Jesus Cristo.

“Estava, então, enfermo, Lázaro [...]. Senhor, eis que está enfermo aquele que tu amas [...]. Chegando, pois, Jesus, achou que já havia quatro dias que estava na sepultura. [...] Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá [...]” (BÍBLIA, Jo, 11:1-45, 1995, p. 1593-1594). Muitos são os comunitários que fazem promessas a Lázaro, sendo ele, portanto, o santo mais popular na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Sua procissão atrai fiéis de outras localidades próximas.

Janderson França (37 anos), representante dos movimentos sociais, expõe que, quando ele era coordenador de comunidade, em 2004, foi que o primeiro impasse começou. Vejamos:

*Lázaro sempre foi a maior festa católica da comunidade. A comunidade fervia com a proximidade da festa. Todo mundo se envolvia. Naquela época, uma senhora, que hoje é da igreja evangélica, era a responsável pela organização da festa. Tudo ocorria muito bem. Era uma época de muita comida, bebida, dança, festa. O problema foi quando um pastor, amigo meu, que já tinha a igreja evangélica do outro lado do rio, pediu o espaço da igreja católica para realizar cultos desse lado. Eu não vi problema. Afinal, se eu era coordenador*

*de comunidade, eu tinha de dar espaço a todos. O pessoal católico ficou indignado, apesar de eles utilizarem a igreja uma vez por semana, aos domingos, de 8 a 10 horas da manhã. O resto do dia e da semana a igreja ficava vaga. Das primeiras vezes, ocorreu tudo bem, mas depois foi só problema. Os católicos expulsavam os evangélicos a base de pauladas e pedradas. Tinha um senhor aqui, hoje já falecido, que sempre que os crentes se reuniam de noite, ele cortava os fios de energia próximo a sua casa, pra expulsar. O que desenvolveu mesmo o problema foi os evangélicos falarem que os católicos precisavam ser salvos, e também os depoimentos contra os festejos católicos, sendo o principal o de São Lázaro (Entrevista, 2022).*

Janderson França explica que ele teve, também, problemas em casa, “por causa da minha mãe, católica. Ela e os outros queriam que eu expulsasse o pastor da comunidade. Mas ele era meu amigo, sempre me tratou bem. Eu conversei com o pastor e ele se foi” (Entrevista, 2022). Na ocasião, os membros da comunidade conseguiram afastar o pastor, que teve de retornar ao outro lado do rio pra continuar seu culto. Muitos membros da comunidade o seguiram. Anos depois, foi construída uma igreja evangélica na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, onde começou, de fato, a IEADAM, que só mais tarde foi transferida para a terra firme no Inema.

De acordo com Weber (2015, p. 17), “os oprimidos, [...] tinham necessidade de um redentor e de um profeta. [...] por isso, o comum foi que uma religião salvadora encontrasse seu lugar habitual nas classes menos privilegiadas [...]”. Basicamente é o que está exposto na figura 3, macrocosmo do povo tradicional não-indígena. Toda composição do careirense envolve as forças de fé, independentemente de qual seja a sua fonte. Contudo, nesse processo, a religião evangélica desponta como opositora, pois sua moral não inclui os aspectos sociais dos povos tradicionais, apenas aquilo que preconiza o seu *ethos* religioso. Daí o surgimento da anomalia social dentro da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Desde a Reforma Protestante, a religião evangélica, por sua construção totalmente desvinculada do catolicismo, pôde criar seu *ethos* e sua moral a sua maneira. Ela é uma religião cujas bases se alteram, que se adapta, agregando, até mesmo, elementos sagrados de outras religiões, como as de matriz africana, que fazem parte de seu séquito de entidades opositoras aos seus “princípios de luz”, a exemplo de sua mais recente corrente, o neopentecostalismo. Portanto, por meio do seu caráter transfigurador, o evangelismo encontra meios de se instalar nas comunidades mais recônditas. Não à toa a IEADAM possui, somente no município do Careiro da Várzea, 52 congregações.

Sumaúma (62 anos), um homem não evangélico, quando indagado sobre os impasses que a religião evangélica provoca na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, ele desenha o seguinte quadro:

*Antes o povo era mais unido. Agora a gente não consegue mais organizar nenhum evento em paz, porque tudo é coisa do cão, do inimigo, como falam. Eu fui animador comunitário durante muito tempo, e posso dizer que a coisa fervia aqui, era festa e muita comida, principalmente no festejo de São Lázaro e de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Mas não só os festejos têm ficado mais raros, as reuniões dos comunitários também. Era bom o tempo em que todo problema que a gente tinha era político, aí enfiaram religião no meio, já viu. A gente não consegue discutir um problema que logo dão um jeito de falar de Deus, do diabo, aí o que se vê é dedo pra cá e pra lá, acusação disso e daquilo. Aí não dá pra produzir nada. A gente perde é tempo e volta pra casa chateado. Da última vez a gente foi falar do cemitério clandestino e aí foi o problema, pois cada religião tem uma visão. A queda do barranco não é mais uma questão só do prefeito, agora tem Deus também no “bolo”, e quando tem esse negócio de crença, é melhor não discutir. O povo perde a razão. Tem gente aqui que não senta mais perto um do outro e nem se fala mais por causa de religião (Entrevista, 2022).*

O animador de comunidade, ao qual Sumaúma se refere, é, também, o que em outras localidades recebe o nome de animador de setor. Neves e Garcia (2012, p. 338) consideram que “o animador de setor é aquela pessoa que promove os Encontros de Setor no seu setor. Ele reúne as comunidades. O dever do animador de setor é reunir as suas comunidades para junto discutir os seus problemas: questão da terra, água, preservação, organização comunitária”. Quer dizer, mesmo quando envolve discussões que visam a melhoria dos comunitários, a religiosidade prevalece em detrimento do comunitarismo.

Berger (1985, p. 149) aponta que “comparado com a ‘plenitude’ do universo católico, o protestantismo parece ser uma mutilação radical, uma redução aos ‘elementos’ essenciais, sacrificando-se uma ampla riqueza de conteúdos religiosos”. A asserção de Berger (1985) denota que, em comunidades tradicionais, sobretudo as pequenas, onde o que prevalece é a integração do homem com todos os aspectos que envolvem a sua existência, a visão cartesiana e estruturalista do pentecostalismo produz rupturas em seu seio, que se apresentam como impasses para a produção de vida dos povos tradicionais.

Ricardo Castro, um dos nossos entrevistados, revela o seguinte:

*A proposta então é propagar essa verdade experiencial religiosa para todas as formas de cristianismo que podem se renovar nessa nova expressão, como para aqueles que ainda não foram alcançados por essa experiência religiosa cristã. Por outro lado, existe um projeto político religioso de dominação e*

*exploração da Amazônia via movimentos religiosos de controle social e de enfraquecimento de resistências culturais, sociais, políticas e religiosas* (Entrevista, 2022).

Ricardo dá indícios de que existe uma violência simbólica promovida pelo pentecostalismo amazônico, um evangelho de negação da identidade amazônica. Um simbolismo cristão que desestrutura as qualidades tribais que são imanentes, também, às comunidades tradicionais não-indígenas, uma vez que sua malha social é constituída pelo mesmo fio da vida. A mulher amazônica, e também o homem, são produtos de suas inclinações morais, históricas, religiosas, culturais. Durkheim (1996, p. 229) assinala que “a força religiosa não é outra coisa senão a força coletiva e anônima do clã”. Em suma, o que o evangelismo de corrente pentecostal propõe é o sincretismo do modo de vida amazônico, reduzindo o seu rico macrocosmo, que é natureza, matéria e abstração, ao universo religioso proposto pelos evangélicos.

Embora exista uma inclinação ao neopentecostalismo na IEADAM de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, as raízes do pentecostalismo tradicional ainda são profundas. Sumaúma complementa: “até as festas das crianças, que a gente fazia em Cosme e Damião<sup>31</sup>, estão desaparecendo. Pouca gente aparece. O problema não é nem o pessoal não receber os bombons, o que não tem mais é gente que dá os bombons” (Entrevista, 2022). Berger (1985, p. 133) esclarece que “seria [...] grave engano encarar as formações religiosas como [...] resultados mecânicos da atividade que as produziu, ou seja, como reflexos ‘inertes’ de sua base social. Pelo contrário, a formação religiosa é capaz de agir sobre a base e modificá-la”. Uma das habilidades da corrente protestante é justamente essa: a sua ação é como um vírus, sendo o mais recente o do covid-19, responsável pela última pandemia global.

Os vírus, “por si mesmos não estão vivos. Isoladamente, são inertes e inofensivos. Mas introduzidos no hospedeiro adequado, entram em atividade, ganham vida” (BRYSON, 2005, p. 322). Eles são formados apenas por proteína e ácido nucléico, sendo acelulares. Justamente por não serem vivos, eles são muito simples. Os vírus só passam a existir quando entram em contato com as células de seres vivos, mas para que ele atinja o seu objetivo, é necessário que exista um agente de transporte, um animal irracional, por exemplo, que adquira o vírus e o introduza, seja por oclusão ou por consumo da carne do animal infectado, em outro animal racional ou

---

<sup>31</sup>Celebração aos santos católicos, irmãos gêmeos, associados à medicina e a cura. Os irmãos fazem parte do universo de outras religiões, sobretudo as de matriz-africana, como o candomblé e a umbanda, onde são associados, pela última, com os meninos de angola, daí a razão de se distribuir bombons e doces no dia em que se comemora sua festa, 27 de setembro.

irracional. Os vírus atuam sequestrando a informação genética de uma célula saudável e assim se reproduzem ferozmente enquanto atacam novas células (BRYSON, 2005).

Fazendo uma analogia com a religião evangélica, a exemplo do modo que ela se propaga, esse processo só ocorre em razão da anuência daqueles que formam os povos tradicionais. Basta a introdução do pensamento cartesiano cristão na mente de um comunitário para que as células evangélicas se proliferem, atingindo, até mesmo, os territórios mais recônditos das comunidades amazonenses. Na analogia proposta, no caso da ação evangélica, quem é o agente de introdução do vírus é o líder carismático. Contudo, é importante assinalar que, conforme já exposto, a religião é atividade preponderante nos meios de produção de vida das comunidades tradicionais, daí a abertura para que a religião se instale. Sem a religião, os comunitários se sentem alijados, à mercê do banzeiro<sup>32</sup> numa canoa sem remo, sob a tempestade no meio do rio.

Outros aspectos se configuram sobre os impasses produzidos pela IEADAM na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, conforme explica Opala (60 anos), é o seguinte:

*Existe um padrão de se vestir. Como sou recém-convertida, tenho dificuldade em encontrar as roupas adequadas. As saias jeans são um pouco caras e só se encontra, melhor, lá em Manaus. O povo que traz pra vender aqui “mete a mão” (cobra um valor alto). Ainda bem que as camisas a gente encontra pra vender na igreja (Entrevista, 2022).*

Os homens têm mais liberdade de vestimenta, mas às mulheres que frequentam a IEADAM, o ideal é que participem dos cultos utilizando saias longas, próximas aos tornozelos, e camisas folgadas, que não deixam o busto nem os braços à mostra. Baptista (2017, p. 189) expõe que “[...] os usos e costumes continuam em vigor no seio assembleiano nacional, porém muitas lideranças os interpretam não mais como proibição, e sim como recomendação”. A despeito de essa ser a orientação oficial, oriunda da administração geral da congregação, não é essa a realidade encontrada na igreja da comunidade. Nesse caso, a vestimenta é a expressão simbólica primeira do evangélico, o atestado de que uma mudança logrou êxito naquele indivíduo, de que ele pertence ao grupo e que dispunha, a partir de então, dos privilégios compartilhados por seus companheiros.

---

<sup>32</sup>Termo amazônico para ondulações nas águas do rio, sobretudo pela ação de uma lancha ou barco que passa próximo a embarcação ou ao flutuante onde se sente o banzeiro. A embarcação ou o flutuante balançam, a depender da força da ondulação, muito fortemente. Em alguns casos, quando a embarcação onde se sente o banzeiro estiver em movimento, o operador é obrigado a desligar os motores para evitar que o transporte fluvial venha a emborcar.

Dá a importância da vestimenta, que, além da Bíblia Sagrada sempre à mão, se torna a identidade externa do evangélico, uma comprovação de que ele segue firme nos propósitos de Cristo. A vestimenta é a expressão simbólica máxima que assegura ao evangélico a anuência do grupo. Marshall (2017, p. 102) assegura que, quando se falava de assistência ao congregado, ela se “[...] apoiava na doutrina ‘correta’ e fazia parte da construção de uma comunidade genuinamente cristã. Ela também vinha da tentativa de [...] controlar [...] o comportamento moral [...], exigindo que mostrassem uma atitude devota [...] para receberem assistência”.

Esse mecanismo ainda é operado hoje, pois, com base nas nossas anotações, detectamos que na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro ocorre de modo semelhante à época da Reforma Protestante. O autor complementa que “em áreas onde coexistiam dois credos [...], podia se tornar instrumento de disciplina religiosa e coesão confessional. As comunidades eclesiais davam a seus ‘pobres’ uma marca de pertença, e a caridade se fazia exclusiva” (MARSHALL, 2017, p. 102).

Rubi (42 anos), uma mulher não-evangélica, quando indagada a respeito das vestimentas, aponta que “o povo faz o que não pode e gasta o que não tem pra comprar as roupas. Eles até trocam as suas coisas (outros materiais) pra poder comprar as camisas da igreja” (Entrevista, 2022). Morin (2018, p. 5) considera que “uma cultura constitui um corpo complexo de normas, [...] mitos e imagens que penetram o indivíduo [...]. Essa penetração se efetua segundo trocas mentais de projeção e de identificação polarizadas nos símbolos [...]”. Ora, o indivíduo irá, portanto, utilizar de todos os meios disponíveis para que ele possa usufruir dos benefícios concedidos.

Rubi continua

*Essa questão da roupa tem trazido alguns embates entre os comunitários. Já existia uma separação de católicos e evangélicos há muitos anos, mas agora tá ficando mais séria. A gente sabe a condição do pessoal daqui, mas é como se o pessoal rico, vamos colocar assim, fosse o crente, que se veste melhor e quer ser melhor que todo mundo. Pelo menos o pessoal acha (que os evangélicos querem ser melhores), e os católicos e o restante do povo, que se diz pobre. Pode observar: com a queda do barranco, as pessoas aproveitaram pra puxar as casas pra perto daqueles que são da sua religião (Entrevista, 2022).*

A maior parte das moradias das comunidades tradicionais é feita de madeira. São palafitas, sem água encanada, e algumas, ainda que poucas atualmente, sem energia elétrica. Essas moradias precisam ser construídas alguns metros acima dos rios para não correrem o risco de serem invadidas pela força das águas durante o período de enchente. Alencar (2005, p. 61)

aponta que “o fenômeno da terra caída tem causado a extinção de povoados e a mobilidade de outros”. Só existem duas maneiras de o comunitário salvar sua moradia: puxando ela para longe da margem, por meio da construção de uma espécie de esteira que, graças à ajuda de um mecanismo de roda e com o apoio dos outros comunitários que empurram a casa, essa se torna a melhor alternativa, ou a transformando em uma casa flutuante e passando, dessa maneira, a viver de vez sobre a água do rio Solimões. Contudo o segundo meio é mais caro, além do agravante: o risco de a terra despencar sobre a moradia.

A fala de Rubi aduz ao fato de que os evangélicos e os católicos aproveitam a queda do barranco para aproximarem suas casas das casas daqueles que professam a sua religião, o que tem criado setores dentro da comunidade. A representante do movimento social, Maria dos Santos (42 anos), que é moradora do “lado” católico da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, afirma que “aqui onde vivemos, a gente deu o nome de favela, favelinha. Porque é assim que os outros olham a gente” (Entrevista, 2022).

A diferenciação, indicada por Rubi, já era notável desde que fomos a primeira vez à comunidade, no ano de 2017. Numa parte do local, em sua maioria, estão aqueles que dispõem de maior capital, os donos de cabeça de gado, enquanto que aqueles que são donos do menor capital se aglomeram numa região oposta. Esse epifenômeno, compreendidas as proporções, depõe contra a teoria de Weber (1984, p. 193), quando ele determina que religiões como a evangélica seduzem “as camadas mais baixas do proletariado [...] e as camadas da pequena burguesia - em decadência proletária [...]”, uma referência que já foi utilizada nesta pesquisa. Nesse caso, ocorre um processo contrário: a classe menor é católica, e está sempre em busca de se afastar do evangelismo.

Não fosse a força do catolicismo no meio rural, a religião evangélica teria dominado a maior parte dos territórios do Amazonas, principalmente por meio do uso de sua principal ferramenta: a promessa da conquista material com ênfase na predestinação. Silva (2012, p. 107) explica que “na Amazônia, especialmente, o clero foi o primeiro difusor do pensamento europeu sobre as terras e as gentes. Ao seu modo, à sua visão de mundo, classificou o espaço físico, os habitantes, as relações existentes, o maravilhoso e o bárbaro”. Munduruku (2009, p. 63) acrescenta que “passaram-se os séculos e passaram-se muitos povos. A cruz [...] trouxe a dor, trouxe as doenças aqui desconhecidas, mas não trouxe a paz aos povos. Ficaram livres [...], mas nunca tiveram sossego. Suas terras foram constantemente ameaçadas pela ganância [...]”.

Os evangélicos operaram justamente da maneira supracitada, conforme o próprio Ricardo Castro expôs nos parágrafos anteriores. É a cultura dos povos tradicionais que se apresenta como primeiro impedimento para que esse fenômeno religioso se concretize,

sobretudo na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, onde o *apartheid*<sup>33</sup> religioso é nítido. O catolicismo foi moldado de acordo com a realidade dos comunitários, excluída a coerção excessiva e incorporados os elementos da natureza, pois, na concepção desses povos, “o humano faz parte da teia da vida, que é composta por todos os seres vivos do nosso planeta” (MUNDURUKU, 2009, p. 31)

Pode-se afirmar, portanto, que o *axis mundi*<sup>34</sup> da religião evangélica naquela comunidade não é a congregação, mas o comportamento externado, sobretudo, na vestimenta. “Na pequena comunidade amazônica [...], como em todas as sociedades humanas, os homens são classificados de acordo com o seu prestígio” (WAGLEY, 1988, p. 118). É possível inferir que a religião evangélica acentua essa diferença. Existe a parte rica e a parte pobre, a “favelinha”, na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. É o que Wagley (1988, p. 121) apresenta como os conceitos de “gente de primeira [...], que formam a classe local mais alta [...], gente de segunda, ou moradores [...] da classe mais baixa”. É o jogo de poder, o domínio de jogos, de acordo com Elias (1980), travestido de religiosidade, onde o mais forte, ou aquele grupo que reúne os mais ricos, têm a vantagem.

O modelo de jogo proposto é de A para B, onde A é formado pelos abastados, evangélicos, cujo capital, por ser maior, lhes dá poder sobre o grupo B, formado por católicos, de menor poder aquisitivo. Note-se aqui que o jogo ocorre dentro de uma mesma classe, pois todos são comunitários, não é de uma classe maior, como a urbana, para a outra, rural. Elias (1980, p. 88) esclarece que “A é capaz de controlar os movimentos de B. Estes termos significam exatamente que A consegue controlar em alto grau os movimentos de B [...]. O jogador B, embora seja relativamente fraco, tem um grau de poder sobre A”.

Ora, cada passo de A produz uma jogada de B, e ambos precisam se situar na competição, que é passado, pela inferência das jogadas no presente, mas também é futuro, visto que os jogadores se orientam a fim de garantir a continuidade do jogo e, portanto, a prevalência de seu agrupamento, nesse caso o religioso. O jogo só acontece porque B participa do jogo de A. E não existe jogo sem força. A questão é saber o que fazer com a pouca ou muita força que lhe é disponível. O golpe mais forte, nem sempre, é o mais contundente. Trata-se de um jogo de interdependência.

O conceito de Elias (1980) é passível de inúmeras interpretações. A segregação na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é notável, mas o senso comunitário prevalece

---

<sup>33</sup> Separação

<sup>34</sup> Pilar do mundo, em tradução livre. Conceito de centro sagrado de determinada religião, que pode ser um templo, uma árvore, uma montanha, um pasto, dentre outros.

dentro do jogo proposto. A e B só participam do jogo metafísico, desde que ele não seja nocivo ou abale as estruturas do seu macrocosmo, mas suas relações, excetuando o campo religioso, são concisas, visto que os problemas são comuns aos dois grupos, e eles compartilham do mesmo modo de vida. A fé é o fator agregador, é a força que energiza os fios das malhas sociais. As pessoas, ali, só possuem formas diferentes de professar sua religiosidade.

Pode-se dizer que a o maior impasse para os povos tradicionais que formam a comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é a inserção da moral religiosa evangélica no seio social. A IEADAM é o que separa, o que difere um comunitário do outro. Por seu caráter incisivo, ela interfere na cultura local, mas não a desestrutura em razão da resistência comunitária, pelo sentimento de irmandade e cooperação inerentes ao agrupamento. Poder-se-ia dizer que “as teodiceias são sempre sociodiceias” (BOURDIEU, 2011, p. 49). Quer dizer, não é um estudo da crença na onipotência e na benevolência do Criador, e sim um estudo sobre o sentido de existir, sobre como são produzidas as existências das comunidades humanas.

Turmalina (81 anos) chama a atenção para o seguinte fato:

*Eu sou nada sem a minha fé, sem o meu terço, sem os meus santos. Eu rezo o dia inteiro. Até quando to cortando meus panos, costurando, ouvindo meu rádio, eu to rezando. A fé é tudo pra mim. Isso aqui tudo é fé. Como explicar toda essa natureza, a riqueza do rio e da nossa terra se não for Deus? A fartura da nossa terra vem da provisão divina. São 81 anos sendo sustentada por nossa terra. Nunca me faltou nada, porque São Lázaro e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro foram fieis o tempo todo. Nunca deixei de cumprir minhas promessas. Se hoje tenho boa saúde, é pela minha fé (Entrevista, 2022).*

Bourdieu (2011, p. 48) explica, ainda, que as pessoas contam com a religião para que ela “lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, enfim, de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes”. Ora, o ente e o ser são indissociáveis da crença. A existência só vale a pena quando se crê em algo, e quando se tem esperança de que essa força inexplicável, seja Olorum, Alá, Deus, Buda, Maomé, Shiva ou o próprio Universo, tenha um plano de vida para a humanidade, para pôr fim às agruras do mundo. Durkheim (1996, p. 367) considera que “[...] é o homem que produz seus deuses, pode-se dizer, ou, pelo menos, é ele que os faz durar; mas, ao mesmo tempo, é graças aos deuses que ele dura”. Tal asserção vai de encontro àquilo que Turmalina expressou sobre sua experiência religiosa.

O que a religião protestante propõe é a instituição de sua moral por meio do nivelamento de pensamento, o que é humanamente impossível. Um experimento homogêneo até pode, a princípio, lograr êxito no seu intento, mas logo as mentes buscarão alternativas de dispersão,

porque ao homem ou à mulher da espécie humana foi reservada a complexidade. Somos seres complexos, ecléticos, que duvidam, se encantam e se desencantam com o mundo, a depender do seu estado de espírito. Somos, sem exclusão, um perfeito equilíbrio de forças entre o sagrado e o profano.

O evangelismo prende o ser humano pela promessa, de ascensão social, de cura da enfermidade, de eliminação dos problemas, mas não se sustenta por muito tempo, sobretudo no seio dos povos tradicionais, especialmente as congregações de caráter pentecostal. No que tange a IEADAM, Mariano (2014, p. 205) expõe que “[...] embora esteja aos poucos, mas em [...] descompasso, acompanhando as transformações da sociedade e do movimento pentecostal, ainda consta entre as igrejas que mais interpõem resistências às mudanças”. Esse tipo de moral religiosa, no seio do comunitarismo tradicional, que prima pela liberdade e tem forte relação com a natureza de suas coisas e sua cultura, se transforma em impasses para a relação interpessoal.

### **2.3 Interdição das mulheres no culto religioso e seu papel de subalternidade na igreja Assembleia de Deus**

Uma das principais características da religião evangélica, no que tange a sua forma de atuação, é a interdição nos modos de vida das sociedades humanas, um aspecto que é transmitido pela figura central da congregação, que pode ser um pastor ou um apóstolo, para os membros que professam a mesma crença religiosa. De acordo com Chagas (2011, p. 88), “tomando os vários sentidos da palavra interdição, podemos entender que todas as exclusões sociais [...] se constituem em formas de interdição da formação da identidade pessoal e étnica [...], pois propõem um contexto imposto de negação e desvalorização [...]”. No caso da IEADAM, essa função é, primordialmente, realizada pelas mulheres. Elas são agentes religiosas no processo de exclusão e interdição nos modos de vida dos povos tradicionais, ainda que realizem, também, ações que contribuem para a vida em comunidade.

O Ministério de Mulheres da IEADAM é formado, majoritariamente, por cinco fiéis, que tomam para si a responsabilidade de dar seus testemunhos, de arregimentar novos membros, de dançar e de cantar louvores a Deus, enquanto a banda tenta acompanhar o ritmo delas. São mulheres comprometidas, mas que, por um detalhe informal, não podem ocupar o cargo mais importante daquela igreja: o Ministério de Pastores. Além disso, também devem se vestir a rigor: saias folgadas, abaixo dos joelhos, blusas que não deixem os braços e o busto em evidência, e devem evitar calçados que tornem os glúteos proeminentes.

Na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, o Ministério de Mulheres tem a função de um Serviço Social. São elas as mais preocupadas com o bem-estar dos membros da igreja, bem como realizam trabalhos de caridade, promovem eventos para as crianças, leituras bíblicas e visitam os enfermos, embora o pastor, algumas vezes, as acompanhe. Todo o ímpeto é delas. São agricultoras e pescadoras, profissionais aposentadas, esposas, mães, avós, que carregam no corpo e no espírito as marcas da várzea.

O cristianismo androcêntrico relegou à mulher a pecha de lasciva, potencializadora do pecado, e um real perigo à “santidade” do homem. Muitas passagens bíblicas, como a do livro de Gênesis, que mostra a destruição de Sodoma e Gomorra<sup>35</sup>, e a escolha do sobrinho de Abraão, Ló, que, dentre todos os habitantes, foi o único que Deus considerou de caráter ilibado para ser salvo, deturpam a imagem feminina, pois desde o Pecado Original, quando Eva experimenta o fruto proibido, que resulta em sua expulsão e de Adão do Jardim do Éden, a mulher sempre esteve associada à tentação insinuante.

Dois anjos são enviados a Sodoma para avisar a Ló sobre a chuva de enxofre que cairia na cidade, para que ele empreendesse fuga antes que o mal assolasse os outros habitantes. Nesse ínterim, todos os homens de Sodoma se reuniram à porta da casa de Ló exigindo que ele lhes entregasse os anjos para que os mesmos pudessem sodomizá-los. Num pretense rompedor ético, Ló lhes faz uma contraproposta: “[...] por favor, meus irmãos, não façam essa perversidade. Por favor, tenho duas filhas que nunca tiveram relações com um homem. Por favor, deixem-me trazê-las para fora [...] para fazer com ela o que bem entenderem” (BÍBLIA, Gn 19:7-8, 2015, p. 64). Esses versículos dão forma à objetificação da mulher no livro sagrado.

Para Torres (2005, p. 55), “a imagem de diabolização da mulher no Ocidente Cristão é bem antigo”, ganhando ainda mais força com a misoginia dos padres doutores da igreja no cristianismo antigo do período da Patrística. A mulher era vista como “[...] pervertida sexual no cristianismo antigo; [...] bruxa no período medieval; [...] perigosa e suspeita no período da Renascença” (TORRES, 2005, p. 26). Essa imagética da religião e da arte complementam-se em qualquer período histórico, na medida em que tecem uma teia pujante de dominação masculina, e que a mulher precisa enfrentar grandes desafios para lograr êxito na história.

No Ocidente, onde a maioria da população se autodenomina cristã, esses contornos, no que se refere à mulher, são ainda mais nítidos. Se à religião é dado grande valor no que tange o fator de influência social, orna-se a realidade por meio do discurso religioso, que reflete não apenas na igreja, mas também no ambiente de trabalho, na universidade, enfim, no próprio

---

<sup>35</sup> Cidades destruídas por Deus com fogo e enxofre em razão dos pecados e das transgressões morais cometidas por seus habitantes, dentre as quais a tentativa de estupro de dois anjos do Senhor.

Estado, que utiliza de sua força coercitiva tanto para desqualificar o discurso feminista, quanto para dar vigor a diferentes formas de controle da mulher.

As contradições bíblicas<sup>36</sup> permitem que sejam realizadas divergentes interpretações do texto sagrado. Dentro das religiões chamadas Abraâmicas<sup>37</sup>, o islamismo é que toma para si lugar de destaque no que se refere à forma como a mulher é tratada nas sociedades onde essa religião domina. Mais do que qualquer outra crença religiosa, o islamismo produz grupos extremistas, que, dentre muitos fatores, como guerra contra os ímpios que professam outra religião, e ataques terroristas contra países inimigos, fertilizam sociedades onde a mulher ocupa o nicho de subalternidade ante a figura do homem com base no que preconiza a *sharia*<sup>38</sup>. Um desses grupos extremistas é o Talibã, que voltou a ascender ao poder tão logo o exército estadunidense deixou o território afegão.

O *Livreiro de Cabul*, livro de ficção da autora Åsne Seierstad, mas com forte teor de reportagem, apresenta o retrato de uma sociedade dominada pelo Talibã, onde mulheres são tratadas como objetos, mas também são reprimidas sexualmente, assassinadas com a permissão do Estado, por meio da *sharia*, e são obrigadas a dividir os seus maridos com até outras três mulheres, porque ao homem é reservado o direito de ter outras esposas, desde que esteja apto para sustentar física e economicamente todas elas por igual (SEIERSTAD, 2008).

Em lugares onde esses regimes autoritários vigoram, algumas transgressões são punidas com a morte. Seierstad (2008, p. 55) expõe que, no Afeganistão, “[...] amor [...] pode ser um grave crime, castigado com a morte. Pessoas indisciplinadas são mortas a sangue-frio. Caso apenas um dos dois tenha de ser castigado com a morte, invariavelmente é a mulher”. No mesmo parágrafo, um pouco mais a frente, Seierstad (2008, p. 25) explica que “mulheres jovens são, antes de mais nada, um objeto de troca e venda”.

Numa das passagens mais traumáticas de *O Livreiro de Cabul*, uma mulher, ao ser negociada para casar-se com um homem, é descoberta na noite de núpcias. Ela não era mais virgem, e esse é um dos crimes mais graves para o regime talibã, porque além de ser contrário a *sharia*, a descoberta também desonra a família da noiva, que, quando não é assassinada pelo próprio marido, é devolvida para o seio de sua família, e então o pai e um irmão da mulher se encarregam eles mesmos de tirarem-lhe a vida (SEIERSTAD, 2008). Naquele regime, não é permitido às mulheres terem acesso à educação, elas não podem andar na parte da frente dos

---

<sup>36</sup> Eva e Adão gerando Caim e Abel e a humanidade evoluir de dois homens, e as filhas de Ló embebedando o pai para deitarem-se com ele, dentre outras.

<sup>37</sup> As três religiões monoteístas que têm como pai fundador Abraão: cristianismo, judaísmo e islamismo.

<sup>38</sup> Sistema jurídico do islamismo respaldado pelo livro sagrado do Islã, o Corão. A sociedade é regida pelas leis do corão e pelos discursos documentados do profeta Maomé, a expressão máxima do islamismo.

transportes coletivos, têm de utilizar a burca e não podem andar desacompanhada de um homem.

Esses exemplos de deturpação da imagem feminina se proliferam nas obras de ficção. No livro *O Conto da Aia*, de Margareth Atwood, que há poucos anos foi transformado também em seriado de televisão, a mulher subjugada é o tema central. Num mundo distópico, onde o presidente dos Estados Unidos da América é assassinado, um grupo religioso extremista, intitulado Filhos de Jacó, ascende ao poder, buscando a reestruturação da sociedade estadunidense, agora chamada de República de Gillead. O controle é realizado por meio das leis do Antigo Testamento do livro cristão (ATWOOD, 2017).

Na sociedade supracitada, muitos direitos são retirados, sobretudo o das mulheres, tratadas como objetos, proibidas de ter acesso à leitura, e doutrinadas para se tornarem servas parideiras nos lares de casais de classe alta, pois o nível de poluição e doenças sexualmente transmissíveis estava tão elevado que algumas mulheres se tornaram inférteis. O estupro é recorrente durante o livro. Mill (2019, p. 13) deixa claro que na história da sociedade humana, “[...] toda mulher (possuindo o valor designado pelos homens, combinado com a sua inferioridade de força muscular) estava em estado de escravidão em relação a algum homem”.

A mulher, como produto social de uma relação de inferioridade, obtém das referências religiosas a ratificação de sua imagem no mundo moderno, de modo que essas características se difundem e são disseminadas pelas mais variadas formas de expressão social e artística, além de serem largamente apresentadas por meio do entretenimento de massa, como os programas de televisão.

Essas difamações da mulher, que surgem desde os primórdios da religião cristã, foram perpetuadas, também, pelas artes plásticas. O pintor espanhol Antonio Filol Granell, famoso por pintar quadros realistas que depreciam a imagem feminina<sup>39</sup>, como o intitulado *A Rebelde*, apresenta um homem que é segurado por outras mulheres para que ele não se envolva de nenhuma maneira com uma moça que, aparentemente, não se adequa ao padrão social estabelecido (cuidadora do lar, dos filhos e do marido). Uma imagem que insere o homem no contexto de santificação, de vitimismo, como se ele tivesse a necessidade de ser protegido não apenas por seus pares, mas por mulheres que seguem o manual de conduta padrão. Mais que isso, cabe a essas mulheres a ciência de que elas têm o dever de contribuir para que o homem não seja desviado de seu caminho.

---

<sup>39</sup> Como o *A Besta Humana*, que mostra uma prostituta extenuada sendo obrigada pela dona do bordel a atender mais um cliente que fuma ao fundo um cachimbo no fundo do quarto.

**Figura 4** – A rebelde

Fonte: Granell, 1914

A mulher no quadro de Granell pode ser tomada como alguém que provavelmente vai fazer com que o homem se desvie de seu caminho, o levando à perdição. Uma ideia que foi reforçada pela Reforma Protestante. O quadro é passível de muitas outras interpretações, inclusive religiosa, fazendo alusão à figura da adúltera levada até Jesus, quando ele proferiu o “aquele que dentre vós está sem pecado atire a primeira pedra” (BÍBLIA, Jo 8:7, 2007, p. 947). A cultura cristã, em especial a evangélica, a despeito de não ser tão incisiva no contexto atual, continua a contribuir para que a condição feminina permaneça a mesma. Para Adichie (2015, p. 48), “a cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte de nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura”.

Adichie (2015) esclarece que as mulheres precisam de maior visibilidade, inclusive quando inseridas no cânone religioso. O cristianismo se difere de outras religiões no que diz respeito ao espaço dado à mulher. É a essa realidade que Ortiz (1999, p. 188) se opõe ao apresentar o conceito de “matrifocalidade religiosa”, que é quando a mulher se torna a protagonista, como nas religiões de matriz africana, especialmente o candomblé. A “mulher [...] detém um poder de destaque no mundo afro-brasileiro” (ORTIZ, 1999, p. 188). Tal assertiva estabelece que as relações de dominação são presentes apenas no cristianismo, enquanto que nas religiões de matriz africana, a mãe de santo tem a mesma importância que o pai de santo,

estando ambos aptos a conduzirem os rituais, inspirando o mesmo respeito naqueles que professam a fé.

O neopentecostalismo tem se proposto a promover mudanças nesse cenário, dando mais espaço às mulheres. “Quanto às mulheres, nota-se que muitas passaram a cortar o cabelo e até se maquiar” (MARIANO, 2014, p. 204). Mas nem sempre foi assim. As igrejas pentecostais tradicionais tinham fortes restrições às mulheres, como as vestimentas, o acesso aos postos mais altos da igreja, dentre outras questões. Contudo, esse processo vem sofrendo mudanças ao longo dos anos, numa latente tentativa de arregimentar fiéis da Geração Z<sup>40</sup>, por meio da utilização de ferramentas midiáticas, como é o caso da televisão e da Internet, e de manter aqueles que já fazem parte do quadro fixo da congregação.

Uma igreja mais permissiva, possibilitada pelo *boom* das Tecnologias de Informação e Comunicação - TICs, tem mais facilidade em se manter operante. No mundo atual, existem muitas distrações (Netflix, jogos eletrônicos, eventos festivos, dentre outros), portanto é necessário se adaptar à realidade, e isso as igrejas neopentecostais têm realizado com êxito. Essas distrações, capitaneadas pelos canais de *streaming*, dão ênfase à religião que se projeta do imaginário para o real, como em um dos livros mais conhecidos do escritor de ficção Neil Gaiman, *American Gods*<sup>41</sup>. O êxito da igreja pentecostal é justamente esse: unir os deuses antigos aos deuses modernos.

A igreja neopentecostal, ao contrário das vertentes evangélicas menos flexíveis, afirma o mundo. Ela se preocupa com o plano material, não espiritual. O ascetismo religioso, nesse caso, é conquistado por meio da fé para as promessas aqui na terra. O plano espiritual é apenas um “bônus” nessa nova política religiosa, colocado, quase sempre, no papel de coadjuvante, onde poucos têm a curiosidade de conhecer, e quando conhecem, optam pelas promessas materiais. Para Morin (2018, p. 163), “[...] a união entre o imaginário e o real é muito mais íntima que nos mitos religiosos [...]. Os deuses – estrelas, olímpianos -, os demônios – criminosos, assassinos –, estão entre nós [...]. A cultura de massa é realista”. É dessa maneira que a igreja neopentecostal vem conduzindo seus cultos.

Diferentemente das igrejas pentecostais, essa nova proposta evangélica dá garantias às mulheres de, dentre outras questões, ascender à posição de pastoras. Aragão Filho (2011, p. 55) afirma que as “pesquisas científicas têm demonstrado não só a distribuição de autoridades a

---

<sup>40</sup> Pessoas nascidas entre os anos 1990 e 2010

<sup>41</sup> Deuses americanos. A história tem como tema central a batalha dos deuses da antiguidade, como Anúbis (o Deus da morte e da mumificação na mitologia egípcia) e Loki (deus nórdico da enganação), contra os deuses do mundo moderno, como *Technical Boy* (o deus da tecnologia, que engloba celulares e *Internet*), e a Deusa da Mídia (que se comunica pela TV para transformar os telespectadores em seus adoradores fiéis).

mulheres no interior de comunidades protestantes neopentecostais, mas também vêm destacando o aumento de igrejas fundadas por mulheres”. De fato, as mulheres têm ganhado cada vez mais espaço nesse cânone religioso pentecostal, o que denota a força e a competência feminina para assumir quaisquer posições que elas anseiam, embora ainda exista discrepância em relação ao número de homens nos cargos mais importantes das igrejas evangélicas, mesmo as de cunho neopentecostal. Somente em 2020, no Amazonas, a primeira pastora titular foi ungida em todos o território brasileiro, Márcia Nunes de Alencar Monteiro, à época com 46 anos, embora já existissem muitas pastoras de consagração (RIBEIRO, 2020).

Segundo Oro (1992, p. 16), as igrejas neopentecostais “[...] são autóctones, têm líderes fortes [...], estimulam a expressividade emocional, utilizam muito os meios de comunicação, enfatizam rituais de cura e exorcismo, e adotam técnicas de marketing [...]”. Além disso, se opõem às outras religiões, especialmente as de matriz-africana, bem como produzem, por meio de dízimos e ofertas solicitados aos fiéis, bens simbólicos, que são comercializados pelo mercado gospel. Funcionam pela lógica empresarial, muito além de ambiente de devoção e cura espiritual.

Muitos elementos, tais quais os apontados por Oro (1992), aparecem na IEADAM de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, como os rituais de cura e exorcismo, ainda que permaneçam algumas restrições à atuação das mulheres. É comum algum fiel, aparentemente sob o controle de alguma entidade, denominada pelos líderes da igreja de demoníacas, oriundas, segundo eles, da umbanda ou do candomblé, se apossarem de um membro da comunidade ou das comunidades circunvizinhas, para destruir a sua saúde física e econômica, bem como sua relação com os cônjuges, familiares e amigos, e apresentar-lhe ao mundo dos vícios. Por meio da imposição de mãos e de, aparentemente, ordens proferidas em línguas estranhas, o “espírito do mal” retorna ao seu panteão, deixando, enfim, a mulher, o homem ou a criança, em paz.

O elemento supradito é apenas um dos muitos que compõem o culto na igreja, que tem no Ministério das Mulheres a força que possibilita seu pleno funcionamento. As mulheres não apenas ajudam a organizar o culto, como são parte preponderante do seu funcionamento. São elas que avivam a igreja, que dão testemunhos, que cantam e dançam, que auxiliam o pastor nos exorcismos e nas curas espirituais, que limpam o espaço e se encarregam de contabilizar as ofertas, bem como são responsáveis por arregimentar novos fiéis e pôr em prática os trabalhos sociais.

Esmeralda (57 anos), professora aposentada, quando indagada sobre a sua função, explicou nos seguintes termos:

*A minha função na igreja é ser diaconisa. Realizo trabalhos missionários, mas apenas de grupos pequenos. A direção é do pastor, mas é a gente que organiza. Eu gosto desse trabalho. Não é bem um trabalho, é uma missão. Nosso pastor determina e a gente faz. Toda ordenança é dele, e nós lhe devemos essa obediência. Eu nunca quis ser pastora, mas acho que não pode. Mesmo se pudesse eu não ia querer. É muita responsabilidade. Eu sou feliz nesse trabalho que eu já tenho (Entrevista, 2022).*

Esse dever com a obediência é de origem bíblica, difundida pelos cristãos mais fervorosos. Segundo Torres (2005, p 48), “na Súpula Teológica, Santo Thomas de Aquino afirma que é absolutamente correto a mulher obedecer ao homem”. Esmeralda se autodenomina evangélica há 8 anos. Além do trabalho missionário, é ela a principal auxiliar do pastor que está a frente da congregação na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. É ela quem serve a água, quem prepara os elementos do culto, quem segura o lenço que limpa o suor do pastor. “Eu sinto que é minha obrigação de fé (auxiliar o pastor), não vejo como nada forçado. A gente tem que facilitar o trabalho do homem que é responsável por nossa igreja” (Entrevista, 2022).

Mill (2019, p. 25) aponta que “todas as moralidades e sentimentos afirmam que a obrigação da mulher é viver para os outros; abnegar-se completamente e viver somente para aqueles a quem está afeiçoada”. A entrevistada prossegue afirmando que “antes de conhecer A Palavra, eu era ninguém” (Entrevista, 2022). Quer dizer, o evangelho e a função que ela desempenha na igreja lhe deram uma identidade que a torna satisfeita consigo mesma, embora não receba nada em troca, além da sensação de bem-estar produzida pelo Espírito Santo.

Para Bourdieu (2020, p. 164), “em tarefas de beneficência, sobretudo para a Igreja, em instituições de caridade ou em associações ou partidos”, as mulheres têm predisposição para realizar trabalhos não remunerados, como um reflexo da atividade doméstica, na qual ela esteve inserida desde o seu nascimento. O problema, portanto, é de cunho cultural, de uma sociedade que prevalece o ideal de homem poderoso em desfavor da mulher. Uma associação que, também, pode ser feita com o mundo animal, onde o leão, o pastor, espera que as leoas, as mulheres, realizem para ele as mais árduas tarefas, enquanto o mesmo descansa à sombra de seu privilégio.

Ametista (56 anos) afirma:

*Eu sou responsável por várias funções. Dou conta de tudo que entra na Igreja (ofertas em dinheiro e em materiais). Mas também sou líder de louvor das senhoras na igreja. Ajudo em tudo que posso. Faço mais coisas na igreja que lá dentro de casa. Mas não reclamo. Fui eu que fui atrás disso (de fazer esses serviços). Agora ficou um pouco mais puxado porque sou missionária. Às vezes a gente tem que ir lá pra vila ou um pouco mais distante levar A Palavra de Deus. Às vezes tem reunião lá em casa. É tudo como Deus quer. Meu pastor*

*é uma benção, um homem de Deus, enviado pra nós no momento certo. Desde que entrei na igreja, minha vida tem melhorado. Não sei bem se eu gostaria de ser pastora hoje em dia, já tive o desejo, pois eu me sinto bem dando o sermão, mas não tem respaldo bíblico pra isso. Parece que agora a gente pode ser (pastora), mas não tenho certeza. O papel da mulher na nossa igreja é servir. Se está na Palavra, é assim que tem que ser (Entrevista, 2022).*

Ametista evidencia esse papel de subalternidade ao resignar-se com a ausência de respaldo no evangelho para que as mulheres ocupem cargos mais importantes que aqueles associados ao auxílio. Esse papel dado à mulher se desenhou desde os primórdios da Reforma Protestante, embora não fosse diferente no catolicismo. Segundo Almeida e Pinheiro (2021, p. 105), “Lutero sempre aludia à submissão que a mulher devia prestar ao homem e à autoridade que ele precisava manter em seu lar [...]. Calvino também via forte orientação bíblica para o papel subordinado da mulher na vida pública da igreja e da sociedade”. Ora, se é a Reforma quem dissemina essas ideias, ela traz consigo os eletrólitos bíblicos que incidem no pentecostalismo moderno. De acordo com Marshall (2017, p. 108), o “[...] duplo pacote do casamento e da maternidade” oferecido às mulheres pelo movimento iniciado por Lutero ganha ramificações no que tange o pacote básico ofertado à mulher na igreja pentecostal.

Ametista afirma ainda que “antes eu era dada a festas e bebidas, não tinha uma postura correta, uma postura bíblica, pra falar melhor. Não era uma boa imagem” (Entrevista, 2022). No seu livro mais conhecido, *Madame Bovary*, o escritor francês Gustave Flaubert apresenta ao público uma mulher do Século XIX que não se comportava de acordo com o que era determinado pela sociedade: uma dama, fiel ao esposo e comprometida com a prole, seu nome era Emma Bovary. Ela apresentava um comportamento subversivo, em prol de ascensão social, desencadeado, sobretudo, pela educação cristã a qual onerosamente foi submetida num convento. Emma Bovary era uma mulher que não estava satisfeita com a monotonia, que queria novas aventuras e uma vida mais interessante.

A personagem foi escrita de forma tão densa por Flaubert, que as autoridades da época o levaram aos tribunais, acusado de propagar ofensas à moral e à religião. Eles queriam saber quem havia inspirado o autor na criação daquela personagem, a fim de que a mulher também fosse submetida ao julgamento. Flaubert então disse a frase pela qual ficou muito conhecido: “Emma Bovary *c’est moi*<sup>42</sup>.” Por falta de prova, ele foi absolvido das acusações. O livro dá pistas de como a religião opera nas mentes dessas mulheres que formam o Ministério na IEADAM, uma vez que o pentecostalismo é contra o lazer sem propósito, condenando algumas

---

<sup>42</sup> Emma Bovary sou eu.

formas de diversão, inserindo-as num contexto de santidade e de culpa em troca das promessas divinas, o que reflete nas vestimentas e nas posturas adotadas por elas. Essa “santidade” proposta é superdimensionada numa comunidade pequena como a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Aquelas mulheres tentam a qualquer custo estar em santidade com Cristo, sob o controle masculino que se apresenta na figura do pastor.

Diamante (47 anos) apresenta a seguinte narrativa:

*Sou evangélica desde 2011 e não me arrependo. Sou a mais antiga no Ministério de Mulheres, e se fosse permito a gente ser pastora aqui, eu seria. Mas as lideranças sempre são enviadas de Manaus, mesmo as mulheres. Acredito que pastoras só podem ser as mulheres de pastores outorgados, mas não tenho certeza. As pastoras que vêm dar A Palavra aqui, são todas de lá (Manaus). Eu gosto desse trabalho. Acho importante. Meu trabalho é mais com as famílias, no controle dos vícios. A gente leva o Evangelho. Alguns entendem. Todos na nossa igreja me tratam muito bem, principalmente o pastor, que está muito satisfeito com meu trabalho. Eu ajudo no que posso. Limpo a igreja, preparo comida pra ele, tudo pra ajudar. Sempre que a gente precisa de algum material, a gente pede e o pastor providencia. Ele está sempre pronto pra auxiliar, tá sempre dando pra gente palavras de bênçãos. Uma pessoa assim é muito boa pra gente. Na minha família tem muita gente ‘no mundo’, no vício, e aos poucos o pastor vai tentando mudar eles. Mas minha família tem muita gente que não vem pra Cristo. Eles preferem essa vida de vícios (Entrevista, 2022).*

No regime talibã, bastante em voga no ano de 2021 pelo retorno ao poder no Afeganistão, dentre muitas restrições e obrigações às mulheres, elas “[...] são responsáveis pela educação e união da família, pela provisão de alimentos e vestuário” (SEIETSTAD, 2008, p. 104). Ora, se o regime talibã é pautado pelo Antigo Testamento, o comportamento de Diamante é ratificado pelo Evangelho. Essa *doxa* também é encontrada em Bourdieu (2020, p. 57), quando afirma que as mulheres “[...] estão condenadas a dar, a todo instante, aparência de fundamento natural à identidade minoritária que lhes é socialmente designada [...]”. A voz de Diamante é carregada de significados, justamente pela posição de subalternidade que ela procura ocupar de modo natural, resignada à sua condição, ainda que o desejo manifesto do seu coração é de ascender à posição de pastora, o que não é possível, pois é a IEADAM quem determina as lideranças da capital que irão evangelizar os povos tradicionais que residem no Careiro da Várzea.

Opala (60 anos) é diaconisa na IEADAM. Ela se autodenomina evangélica há 2 anos, e se manifestou nos seguintes termos:

*Quando eu resolvi entregar minha vida pra Cristo, eu tinha quase 60 anos. O pastor tem muita consideração da gente, é um homem bom, e a gente recebe dele e dos irmãos a mesma coisa. Eu sempre quis ser diaconisa, mas pastorear, também, não seria nada mal. Pela proibição, imagino que a IEADAM poderia rever essa posição, pensar melhor, escolher uma mulher daqui mesmo pra ficar responsável pela igreja, caso o pastor seja transferido ou tenha que sair por outro motivo. A gente faz tanto pela congregação. Nosso Ministério (de mulheres) é muito atuante. É a gente que tem que se ajudar. O pessoal de fora não quer saber de nada, não. Se a gente não fizer... Os irmãos ficam todos lá, esperando. Aí falam: “ah, deixa que o Ministério das Mulheres vai lá”. E a gente vai! A gente resolve! Quem anda com Cristo não precisa temer. Criou-se uma imagem da mulher fraca, mas aqui no Careiro, a terra obriga a gente a ser forte. (Entrevista, 2022).*

A fala de Opala é passível de várias interpretações. Torres (2005, p. 45) acentua que “o poder masculino esconde um grande medo: encontrar dentro de si algo que contradiga aquilo que ele está afirmando”. No caso da direção das igrejas pentecostais, talvez seja mais interessante manter as mulheres em segundo plano, a fim de evitar que pelo seu comprometimento e competência, possam ser reveladas todas as falhas masculinas que os apologistas do Evangelho querem a todo custo excluir. Pois nas sociedades ocidentais, e até mesmo do Oriente Médio, é fácil perdoar um comportamento desviante e muito grave, como a traição de Judas, e condenar o deslize de Eva ao experimentar o fruto proibido.

Gambini (1999, p. 178) complementa que a pessoa “[...] só reprime aquele que é uma ameaça, quando acha que esse alguém é mais forte [...]. O homem diz que a mulher é inferior porque, inconscientemente, sabe que ela é mais forte”. No caso da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, de fato, as mulheres são muito mais fortes. São elas que mantêm acesa a chama da fé.

Mas é necessária uma nova postura, como explica Morin (2018), sobre aterrar a cultura da feminilidade, que enaltece as habilidades maternais e domésticas, e assumir uma postura feminista. De acordo com Morin (2018, p. 336-337), “[...] a cultura da feminilidade [...] desempenha um papel integrador que [...] encerra a mulher no seu papel [...] O feminismo, ao contrário, quer mobilizar a mulher, sacudir sua resignação, pôr em causa este papel tradicional”. Sejamos todos feministas, como preconiza Adichie (2015). Se o Ministério de Mulheres da IEADAM não pode ser, sejamos, então, todos por elas.

O Ministério de Mulheres da IEADAM da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, com base no que foi evidenciado pela pesquisa, exerce papel de grande importância na organização do culto, nas atividades missionárias e no arregimento de novos fiéis. É o Ministério o responsável por produzir os sentidos religiosos que são observados no seio da comunidade, sob a ação de 05 mulheres que, dentre outros afazeres, como suas atividades de

trabalho e gestão familiar, encontram tempo para disseminar o evangelho, realizar trabalhos sociais e manter a igreja em constante operação na comunidade.

Aquelas mulheres exercem suas atividades com zelo, comprometimento e muita competência. Em nossas observações de campo, é possível afirmar que elas suscitam um grande respeito dos comunitários, sobretudo porque estão sempre promovendo o apoio a famílias que necessitam de alimentos, medicamentos, ou de quaisquer outros materiais que estejam ao alcance delas. Mesmo quando os recursos estão escassos, elas buscam meios de atenuar o problema, seja pela intervenção entre família e governo religioso, ou entre família e prefeitura na Vila do Careiro.

Mesmo com todo esse empenho, ainda assim é o pastor que colhe os frutos do trabalho do Ministério de Mulheres. A ele é dado todo o crédito pela realização das atividades, pelo sucesso do culto, e pelas mudanças positivas promovidas na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. É como se o Ministério de Mulheres fosse uma extensão do seu trabalho como pastor. Mas, o que podemos notar, é que a liderança da IEADAM pouco faz para facilitar o trabalho da organização feminina da igreja, tampouco pelo bem-estar daquelas mulheres. Ao contrário, as maiores cobranças recaem sobre elas, e é o Ministério das Mulheres, quase sempre, o enviado para resolver as questões de fé mais urgentes da comunidade, sendo o pastor acionado em última instância, num processo que muito diverge da cultura amazônica, pois quando a saúde física ou mental dos povos tradicionais indígenas está abalada, é o pajé quem se responsabiliza pela ação, assim como o cacique toma a frente do grupo para resolver quaisquer questões que sejam de sua responsabilidade.

A religião de cunho evangélico possui a característica de angariar mão de obra para manter suas engrenagens funcionando, a um custo muito baixo, quando não gratuito, pois se apoia no evangelho (seu meio) para justificar sua ação (seu fim), num processo que desconsidera a posição da mulher, além de pouco fazer para promover a sua importância, mesmo que sejam elas as merecedoras de receber todas as congratulações, como no caso da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Minimamente as mulheres do Ministério poderiam ascender à posição de pastoras, como o manifesto desejo de algumas delas, exceto por um detalhe: todos os pastores da IEADAM, desde a sua chegada à comunidade, são homens. Em razão disso, talvez não seja uma questão de competência, mas de gênero. Alguns desses pastores são responsáveis por crimes, sendo um deles o estupro, referente ao qual a liderança evangélica foi condenada a 16 anos de prisão alguns anos atrás.

No livro *O Ponto de Mutação*, de Fritjof Capra, dois homens, um poeta e um político, e uma mulher, cientista, têm um encontro fortuito no Monte de Saint Michel, na França. Os três começam a discutir a evolução do pensamento humano, sendo os homens, embora um deles das artes, de mentes cartesianas, bitolados no funcionamento mecânico do mundo, enquanto a mulher é a responsável por promover as mudanças nas engrenagens que produzem seus pensamentos, apresentando a eles uma espécie de Teoria da Complexidade, desinente de Morin (2018). Para a mulher, o importante é ver o todo, a simbiose da vida, antes de fracionar os campos como fazem os estruturalistas, desse modo tornando possível alcançar o equilíbrio, mas para isso é necessário ativar a percepção.

O livro é importante não apenas para apresentar os rumos que a ciência, a arte, a política e a religião, predominantemente masculinas, vêm tomando, mas para apresentar ao mundo uma perspectiva feminina, dando espaço à mulher, interventora, capaz de promover as mudanças imprescindíveis às condições existentes na sociedade, independentemente de qual seja o campo pesquisado.

Na Igreja Assembleia de Deus da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, assim como no livro, o ponto de mutação é a mulher. Talvez a solução para integração total da comunidade com a igreja seja promover as mudanças necessárias, e colocar o Ministério das Mulheres como responsável pela congregação, muito além de qualquer referência retirada do Evangelho.

### CAPÍTULO III - A IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS NA VISÃO DOS MORADORES NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO: evangélicos e não evangélicos

*A razão é o maior inimigo que a fé possui; ela nunca aparece para contribuir com as coisas espirituais, mas com frequência entra em confronto com a Palavra divina, tratando com desdém tudo o que emana de Deus [...]. Quem quiser ser cristão deve arrancar os olhos da razão [...]. A razão deve ser destruída em todos os cristãos.*

(Martinho Lutero)

#### 3.1 As contribuições da igreja para a coletividade local

O maior bem de uma comunidade tradicional é a sua força coletiva. A despeito de quaisquer diferenças, sempre vai imperar o sentimento de coletividade. Os primeiros humanos, os caçadores-coletores, só nos deixaram o seu legado porque aprenderam a cooperar uns com os outros. Uma característica que surgiu, principalmente, em pequenos agrupamentos. De acordo com Harari (2020, p. 21), “é necessário uma tribo para criar um humano. Desse modo, a evolução favoreceu aqueles capazes de formar sólidos laços sociais”. Nossa espécie é produto de uma intrincada relação de força coletiva pautada pela confiabilidade. Gerber (2012, p. 75) aponta que “[...] para se formar Associações, além da noção geográfica de comunidade, seria essencial levar em consideração as relações políticas, econômicas, religiosas, de gênero e geração, de afetividades [...]”.

Os dirigentes da IEADAM da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro compreenderam que, para mesclar o *ethos* da igreja e sua moral à realidade dos povos tradicionais, ela necessita, sobretudo, demonstrar a sua importância para com a coletividade local, o que a congregação, acertadamente, fez muito bem. A IEADAM trabalha, principalmente por meio do Ministério de Mulheres, as questões sociais, identificando e oferecendo soluções aos problemas.

A religião, portanto, está intrinsecamente relacionada com um senso político, num processo inerente ao que era chamado na Grécia antiga de *polis*<sup>43</sup>. De acordo com Aristóteles (1982, p. 2), “a *polis* é uma criação da natureza e que ‘o homem’ é por natureza um animal político (*zoon politikon*)”. A política religiosa, portanto, é uma virtude que poucas religiões

---

<sup>43</sup>Cidade-Estado no modelo grego

realizam tão bem quando a de corrente evangélica, buscada fundamentalmente na filosofia antiga, para alicerçar as bases do seu *ethos* e de sua moral.

Para Armstrong (2009, p. 135-136), desde os primórdios, “o protestantismo fortalecia a população [...], e essa tendência se manteve, de modo que hoje em dia é difícil encontrar [...] um movimento popular que não se relacione de alguma forma com a religião”. Embora a igreja pentecostal possua a característica de moldar o indivíduo, é pela via unitária que ela alcança a veia coletiva, pois em Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a força de um é a força de muitos. Os problemas, quase sempre, são os mesmos.

Um dos problemas mais recentes é o do Novo Coronavírus, no qual a IEADAM atuou de modo efetivo para o controle da pandemia na comunidade por meio do Ministério de Mulheres. A atuação teve o planejamento e execução inteiramente do Ministério de Mulheres. Sobre os trabalhos realizados, Diamante (47 anos) explica:

*Fizemos com poucos recursos, mas fizemos o bastante. Tem uma irmã que congrega na igreja que é agente de saúde. A gente solicitou materiais pra ela, materiais de prevenção, máscara, luvas, álcool, mas não conseguimos muito. A gente foi falar com a prefeitura, que se comprometeu a entregar nas comunidades, porque tem gente que mora mais distante, e às vezes nem a prefeitura sabe. A gente conseguiu muita comida, mais arroz, peixe e farinha, pra ajudar o pessoal doente que não tinha como pescar. Tinha gente passando fome. A gente foi de casa em casa, com toda proteção possível, pedir os alimentos. A gente não ia todo dia, porque era muito perigoso. Mas o grupo foi várias vezes, atuando na fé mesmo. A gente animava as pessoas, orava de longe, alguns metros da entrada das casas, pela melhora dos irmãos. Foi um trabalho muito intenso e gratificante (Entrevista, 2022).*

Ao se referir à força da mulher quando inserida numa comunidade amazônica, sobretudo em relação do engajamento político dos movimentos feministas, bem como da oposição à força masculina, Neves e Garcia (2012, p. 325) salientam que as mulheres, também, se engajam “[...] em outros campos de luta em torno do bem-estar dos cristãos comunitários. Como representantes de comunidades, ou seja, membros de diretoria da associação de moradores e participantes de redes institucionais mais amplas [...]”. Ora, no caso da religião evangélica da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, é a mulher a responsável por todo engajamento social.

Opala (60 anos) complementa que a ação social “é uma obrigação de fé, da gente, do Ministério das Mulheres. As mulheres foram feitas pra isso (ajudar), o cuidado com o próximo é fundamental, e nosso empenho durante a pandemia foi muito bom” (Entrevista, 2022). Morin (2018, p. 141) expõe que a “[...] autodeterminação sociológica que, adquirida pela mulher, se

torna autodeterminação psicológica. Sob as aparências femininas emergem comportamentos autônomos e voluntários”.

O entrevistado, Embaúba (41 anos), sobre a atuação do Ministério das Mulheres nas ações de enfrentamento que o ajudaram a lidar com a pandemia do covid-19, ele desenha o seguinte quadro:

*Eu e minha ex mulher, a gente teve corona. Ela teve que ser internada em Manaus, e quase que ela ia embora (ia a óbito). Eu peguei primeiro (o vírus) e ela, depois. Quando ela foi pra Manaus, eu tive que ficar com nosso filho, e aí pescar foi difícil. O menino sem ir pro colégio, pequeno ainda. Aí eu tiver que ficar. Minha mulher foi com a irmã dela. Falando melhor, a irmã dela já mora em Manaus e ficou indo no hospital levar as coisas. A gente aqui só sabia as notícias. Teve um dia que a minha cunhada ligou e disse que era melhor a gente se preparar, que ela tava respirando pelos tubos, e o médico tinha falado que a situação era ruim. Mas graças a Nossa Senhora ela se recuperou. As mulheres da igreja ajudaram muito a gente nessa época. Toda semana chegava leite fresco pra gente, pescado, farinha, até pão. Elas (Ministério de Mulheres) trabalharam duro um danado lá pela vila e pelas casas dos vizinhos. (Entrevista, 2022).*

Indagamos, ainda, se o pastor esteve presente nessas ações. Embaúba foi enfático: “eu não vi ele nenhuma vez” (Entrevista, 2022). Uma prova de que o ímpeto e liderança sempre pertenceu às mulheres da igreja. Mill (2019, p. 70) aponta que “[...] as coisas que as mulheres não têm permissão para fazer são exatamente aquelas para as quais elas estão especialmente qualificadas”. Nesse caso, a condução da congregação, que é reservada à figura masculina, embora não exista impedimento formal para que uma mulher assuma o cargo, como foi apresentado no capítulo anterior.

Contudo, os benefícios para a coletividade local já vêm sendo realizados desde quando a igreja se instalou na comunidade, embora eles não tenham sido tão efetivos quanto nos dois últimos anos. Os últimos dois anos serviram apenas para afirmar o comprometimento do Ministério de Mulheres da IEADAM com a coletiva local, da qual elas também são parte integrante.

À autoridade, na figura do prefeito Pedro Guedes, foi questionada a sua opinião a respeito da influência positiva e negativa da IEADAM na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, especialmente em razão de seu nome ter surgido em inúmeras conversas durante a pesquisa de campo. Os católicos o apontam como evangélico, e os evangélicos o apontam como católico. Mas ele foi enfático ao afirmar que “política e religião jamais devem se envolver. Sou um homem do povo, de todas as religiões. Evangélicos e católicos são importantes para a comunidade” (Entrevista, 2022). Weber (2015, p. 60) afirma que, em relação

à religião, “o político comporta-se exatamente como o homem econômico, de uma maneira positiva ‘sem consideração pela pessoa’, *sine ira ac studio*<sup>44</sup>”. Ora, na visão da autoridade, o melhor é não se envolver.

As “acusações” sobre a fé professada pelo prefeito têm duas fontes, de acordo com as nossas observações de campo: a primeira é que toda a sua família é católica, e a segunda é que o pastor João Ramalho, atualmente à frente da IEADAM, trabalhou como marceneiro para Pedro Guedes durante alguns anos, de modo que eles construíram uma relação de amizade, sendo o pastor, inclusive, convidado a ministrar o evangelho durante a última campanha de Pedro Guedes à prefeitura, na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Ainda que o prefeito tente a todo custo desvencilhar o seu trabalho do campo religioso, seus esforços não logram êxito. Na comunidade em questão, religião e política são ligadas por um nó górdio muito justo, cujo desenlace não é possível, especificamente pela característica macrocômica dos povos tradicionais. De acordo com Bandini (2003, p. 49), “os protestantes marcam presença na esfera política [...] dada a pluralização partidária da nossa democracia [...] com íntima relação entre igreja e estado, principalmente em termos econômicos”.

Num lugar como a comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, dadas as nossas observações de campo, esse processo de desfiliação religiosa por parte das autoridades políticas não ocorre. Como se trata de um ambiente formado por povos tradicionais que professam formas de fé diferentes, a não revelação da fé professada pelo prefeito se trata de um subterfúgio para não fomentar ações de determinadas correntes religiosas em desfavor de seu grupo e conseqüentemente benefício de outro.

Portanto, ainda que essa ruptura não seja possível, é imprescindível dissociar o trabalho político do trabalho religioso que é realizado na comunidade. O próprio João Ramalho afirmou que, durante a referida campanha para a prefeitura, uma das representantes católicas foi solicitar a ajuda do até então candidato, em caso de ele se tornar prefeito, que ajudasse a comunidade a reerguer a igreja católica, que havia sido levada pela erosão fluvial.

João explica que “Pedro disse que os católicos deviam ser como os evangélicos, que se reúnem pra fazer as coisas, não pedem. Ele não devia ter falado isso, causando confusão com os católicos. Mas esse discurso, também, me impediu de pedir qualquer coisa a ele” (Entrevista, 2022). A narrativa corrobora a posição de Guedes, que é neutra. Mariano (2011, p. 246) explica que vivemos uma época de “neutralidade estatal zero em matéria religiosa”. Ora, na atual

---

<sup>44</sup>Sem raiva e paixão

conjuntura política, é raro se desvencilhar das correntes religiosas, mais ainda nas comunidades tradicionais, onde a religião tem grande força entre o povo.

Cedro (28 anos), já frequentou a IEADAM, embora nunca tenha se considerado evangélico de fato. Por problemas pessoais, hoje ele não frequenta mais a igreja, mas reconhece que

*A IEADAM fez muita coisa boa aqui também. A primeira coisa é que ela deixou a comunidade um pouco mais calma. Antes era muita aglomeração, que levava a gritaria e confusão. Bebida leva a isso. Tem gente que não sabe beber. A minha mãe mesmo tinha problema com cachaça. O tráfico de drogas também diminuiu muito aqui dentro. Tem gente que vendia e foi pra igreja, aí não faz mais isso. Mas sempre tem quem venda, então é um problema que é difícil (resolver). Mas a igreja faz o trabalho, vai nas casas. O pessoal, de vez em quando, foge pelo outro lado de casa quando vê os crentes vindo. Assim, eu já frequentei, não me custou nada. Mas não é uma vida pra mim, desse jeito, toda certinha. Não vou mentir, fui muito ajudado. É um pessoal que se preocupa com a nossa família, se a gente está bem. Eu, particularmente, não frequento mais igreja nenhuma, mas respeito todas as religiões (Entrevista, 2022).*

Uma das características das igrejas pentecostais é que elas, de acordo com Mariano (2014, p. 59), “pregam e acreditam firmemente que, por meio da fé, oração e exorcismo, podem libertar os indivíduos de quaisquer problemas ou de quaisquer demônios, [...] todos que os procuram são bem recebidos e bem tratados”. A igreja não se incomoda em receber alcoólatras, viciados em substância ilícitas, travestis, mendigos, apenas para citar alguns. O evangelismo proposto é aberto a todos aqueles que querem, “verdadeiramente”, uma experiência com Deus, que buscam na esperança de um contato com o Espírito Santo a cura de suas enfermidades e de seus problemas, seja no campo familiar, profissional ou pessoal.

De acordo com Berger (1985, p. 78), “a sociologia da religião tem conseguido mostrar, em numerosos casos, a íntima relação entre a religião e a sociedade”. Isso os evangélicos fazem muito bem, pois a sua força é afirmada pela ação. Sendo essa a sua principal diferença para os outros credos religiosos.

Enquanto o catolicismo repousa e aguarda a sua missa de domingo, conforme explicou Cedro em seu depoimento, ao passo que as religiões de matriz-africana, assim como o espiritismo, também são estáticas, do ponto de vista que o ímpeto é provocado pelo fiel que busca nos serviços religiosos uma esperança para o seu problema, a religião evangélica é ação, sua pregação e os serviços que ela oferece são a domicílio. A congregação, para os evangélicos, é apenas uma referência, diferentemente dos terreiros e dos centros espíritas. A religião “caminha” com eles, por meio do fundamento missionário, pelo ordenamento religioso.

Essa itinerância é o que assegura o desenvolvimento da religião evangélica, uma vez que ela identifica a necessidade da população e propõe a solução, com pastores que mais se assemelham a *coaches*, mas que também são psicólogos, assistentes sociais, padres, curandeiros, xamãs, feiticeiros e profetas, embora exista uma inclinação moral que os impede de se associar, formalmente, a qualquer outra prática religiosa. O poder de adaptação da religião evangélica é enorme, e é desse modo que ela permanece competitiva no mercado de bens simbólicos. Mariano (2014, p. 24) aponta que a “Assembleia de Deus, a maior igreja pentecostal do país, [...] sozinha detém 20% dos evangélicos brasileiros”. Esses dados são de 2010, a última vez que aconteceu o censo demográfico foi realizado, pois a pandemia do Novo Coronavírus impediu que ocorresse outro censo em 2020. Eles são realizados a cada 10 anos.

Opala (60 anos) explica as razões que a levaram a deixar a igreja católica para se converter à religião evangélica, e de que modo ela colheu os benefícios de sua escolha:

*Eu sempre frequentei a igreja católica, desde bem pequena mesmo. Mas aí aconteceram algumas coisas na minha vida. Minha filha, quando tinha 14 anos, contraiu leucemia e foi levada por Deus há quase 20 anos. Nessa época também meu marido estava tendo um caso com outra mulher, como tem até hoje, ele teve até um filho com ela, e aí eu fiquei muito mal mesmo. Desde aquela época eu fui me desgostando da igreja. O pessoal não me deu apoio nenhum, foram poucos os que vieram me visitar. Os evangélicos tiveram atitude diferente, me acolheram, quiseram saber como eu estava me sentindo. Eu me senti segura ali, sabe, de certa forma. Quando eu perdi a minha filha eu passei a questionar muitas coisas. Fiquei com depressão, sem querer sair de casa, mas aí o povo da Assembleia (de Deus) sempre vinha me visitar. Com eles, eu nunca me senti sozinha. (Entrevista, 2022).*

As transformações na vida da Opala são, portanto, espirituais. A religião evangélica trouxe benefícios ao seu bem-estar. Os congregados lhe prestaram auxílio, 20 anos atrás, quando ela passou por um dos momentos mais difíceis da sua vida. Holloway (2019, p. 111) esclarece que “[...] a ideia de um Deus que morria e nascia novamente apelava a algo na natureza humana, especialmente se oferecesse às pessoas uma maneira de se erguer de seus próprios túmulos”. Holloway (2019) afirma que as religiões se adaptaram para a conversão pessoal, muitas vezes além da necessidade do grupo. É um evangelismo que trabalha no micro, não no macro. Em razão de seus dogmas, o catolicismo permanece inalterável na sua forma de ação, fato que o coloca em desvantagem em relação às religiões que alteram sua moral religiosa.

Janderson França (37 anos), embora não se identifique com nenhum credo religioso, tem opinião semelhante à de Opala. Ele afirma que “os crentes têm esse comprometimento com a população, com os seus irmãos em cristo, principalmente. Mas eles fazem pelos outros

também. O pastor João está sempre conversando com as pessoas pra saber no que pode ajudar” (Entrevista, 2022). Sagan (2008, p. 207) afirma que “[...] as religiões [...] proporcionam [...] padrões éticos para adultos, histórias para crianças, organização social para adolescentes, cerimônia e ritos de passagem, história, literatura, música, consolo em épocas de luto [...]”. A IEADAM trabalha todos esses conceitos.

Sumaúma (62 anos), não evangélico, depõe a favor da Assembleia de Deus:

*Eu tenho minhas opiniões, mas não vou ser mentiroso se não concordar que os crentes estão trabalhando muito bem com os jovens da comunidade. Aqui o pessoal começava a beber cedo, as meninas engravidavam com 13, 14 anos, não tinham muita preocupação com a educação. A igreja (IEADAM) ensina música aos jovens, as mulheres de lá promovem gincanas, festas para as crianças, doações de brinquedos. A gente via essas coisas antes, mas muito pouco. Tem jovem que ta aprendendo profissão, numa ação que é a igreja que faz. O pastor ensina disciplina aos jovens. Agora a gente vê muito menino, quando não ta na escola, ajudando pai na pesca, na plantação. Isso tudo é mudança. Tem gente nossa indo pra faculdade (Entrevista, 2022).*

Essa é uma das coisas que os evangélicos buscam incutir na mente dos seus fiéis: a ascese intramundana por meio do comprometimento com a ética trabalhista. Weber (2004, p. 72) esclarece que o protestantismo busca o “[...] cumprimento do dever no seio das profissões mundanas como o mais excelso conteúdo que a autorrealização moral [...]”. No seio da ética protestante, o trabalho e a fé agem em conjunto, são indissociáveis. São tão importantes quanto comer e beber. Se tomarmos como base a figura 3 - macrocosmo do povo tradicional não-indígena, é possível inferir a razão de a religião protestante ter ganhado espaço na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

A promoção de sua moral é superdimensionada num ambiente que já é propício para isso, visto que, antes mesmo da chegada da IEADAM, o careirense já buscava, na fé, o fundamento do seu trabalho. O ditado popular “Deus ajuda quem cedo madruga”<sup>45</sup> faz parte do cânone religioso disseminado pelo evangelismo. Vejamos:

Todos os dias um homem ia à igreja católica,  
ajoelhava-se diante da imagem de Cristo crucificado,  
unia as mãos, abaixava a cabeça em oração,  
repetindo sempre o mesmo pedido:  
“Senhor, me ajuda a ganhar na loteria”,

---

<sup>45</sup>Conhecido ditado popular. Uma metáfora que associa o milagre ao esforço por meio do trabalho

“Senhor, me ajuda a ganhar na loteria”,  
 “Senhor, me ajuda a ganhar na loteria”  
 Depois de rezar bastante, ele se levantava,  
 Limpava os joelhos e seguia pra casa.  
 O homem realizou o mesmo processo  
 Durante muitos dias, sem, contudo, obter sucesso.  
 Mas ele não desistia. Estava firme nos seus propósitos  
 Fizesse chuva ou fizesse sol.  
 Certo dia, já extenuado pelos incessantes pedidos  
 Não correspondidos, sentiu alguém tocando em seus ombros.  
 Ele levantou os olhos e foi tomado pela luminosidade  
 Que irradiava do rosto de uma mulher, ou seria um homem?  
 Demorou um tempo para que o fiel se situasse,  
 Mas ele compreendeu que quem estava ali,  
 Naquela igreja vazia, era Deus,  
 em carne, osso e luminosidade  
 Deus, então, levanta o rosto do homem pelo queixo  
 E lança-lhe um olhar penetrante, carregado de ira,  
 antes de dizer, indignado:  
 “*Meu filho..., JOGA!*”.

Apregoa-se aqui a anedota para esclarecer que essa é a introvisão injetada pela religião evangélica nas mentes daqueles que bebem da fonte de sua experiência proposta. É o incentivo da atitude para colher as benesses da graça almejada, um devenir da autorrealização moral que somente a religião é capaz de proporcionar. Morin (2015, p. 67) explica que nós, seres humanos “[...] somos capazes de examinar hipóteses de conduta, de fazer escolhas, de tomar decisões. Somos uma mistura de autonomia, de liberdade, de heteronomia e, eu diria mesmo, de possessão por forças ocultas [...]”. Morin (2015) indica que isso é a complexidade humana. Os seres humanos são formados, também, por injunções, uma composição de liberdade, que é ilusória, posto que nós precisamos de regras e forças abstratas que nos tornam a seguir uma lógica de ética comportamental. O trunfo da religião evangélica é justamente reforçar o pensamento de que pelo esforço vem a conquista. Ela é o gatilho que potencializa a ação que já é inerente ao ser humano: o trabalho como produção de sua existência.

Daí é oriunda a sua influência no seio das sociedades, sobretudo as mais afastadas das zonas urbanas. O fenômeno da IEADAM é disseminado pela sua capacidade de produzir os sentidos de vida daqueles que se convertem ao evangelho de Cristo. Aliado ao fato de que a composição do humano, enquanto ser, além do ente, é metafísica, as experiências religiosas sempre ocuparão espaço na sua cultura. Dostoiévski (1970, p. 267) escreveu, em *Os Irmãos Karamazov*, que “[...] não há, para o homem que fica livre, preocupação mais constante e mais ardente do que procurar um ser diante do qual se inclinar [...]”. Essa busca incessante é um dos difusores da consciência humana.

Rubi (42 anos), a entrevistada não evangélica, aponta os benefícios da ação da IEADAM na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro:

*É um povo unido (o evangélico). Ninguém vê briga ou desentendimento entre eles. Eles se ajudam muito. Se reúnem pra ajudar os outros também. Muitas dessas casas puxadas nesses últimos tempos foi pela ajuda dos evangélicos. Eles têm mais condições, né? A religião ‘obriga’ eles a ajudar. Nessa época de crise, eles se uniram pra pagar o material e o pessoal pra puxar as casas das pessoas que estavam com mais necessidade, por causa do barranco, que caiu muito durante a pandemia. Eles têm o espírito de ajudar, é uma coisa da religião deles mesmo. E a gente não conta com político, tem que ser a gente mesmo se ajudando. É o povo pelo povo! (Entrevista, 2022).*

Durkheim (1996, p. 438) explica que “o indivíduo [...], quando firmemente ligado à sociedade de que faz parte, sente-se moralmente compelido a participar de suas tristezas e de suas alegrias, desinteressar-se delas seria romper os vínculos que o unem à coletividade”. Talvez essa obrigatoriedade apontada por Rubi seja um senso comunitário, tendo em vista que o macrocosmo religioso do careirense apresenta a comunidade em primeiro lugar, embora a religiosidade, conforme já exposto nos parágrafos anteriores, possa ter acentuado esse dever dos povos tradicionais. “Os ‘poderosos e bem-sucedidos’ podem ressentir-se [...] dos laços comunitários, mas [...] podem achar que a vida vivida sem comunidade é precária, amiúde satisfatória e algumas vezes assustadora” (BAUMAN, 2003, p. 57). Ora, se aqueles que mais têm condições financeiras realizam boas ações, é por vontade própria. Sua atitude não é desinente de nenhuma obrigatoriedade religiosa, senão pelo censo de fraternidade que circula por toda a malha social.

Visgueiro (54 anos) é membro da IEADAM há quatro anos. Quando indagado a respeito de que modo a sua conversão à religião evangélica trouxe benefícios a sua vida, ele foi direto ao ponto:

*Eu era um cara muito irritado, me irritava com qualquer coisa, aí “explodia” em casa, com meus filhos, os que ainda vivem comigo, e com minha mulher. Às vezes eu bebia um pouco, pra aliviar a mente, ainda bebo, mas não como antes. Eu mudei completamente de atitude quando cheguei na igreja. O pastor conversou comigo, explicou como as coisas são. O homem é o sacerdote da casa, tem que proteger, não ser fonte de problema. Ele conversou com minha mulher também, pra ela entender, que ela precisava me ajudar nessa mudança, que ela precisava ser melhor como esposa e mãe, que eu tinha reclamações. Hoje a gente vai junto pra igreja, eu até mais do que ela. Minha mulher agora cuida de tudo lá em casa. To sempre tranquilo. A mulher foi feita pra completar o homem. É bíblico. Ela (a esposa) tem que se comportar como tal. Minha revolta com ela começou quando ela não conseguia me dar filho. Meus filhos são de outro casamento. Aí eu fui criando uma revolta dentro de mim. Mas hoje to bem. Estamos bem (Entrevista, 2022).*

Reforçamos um dos pontos da pergunta, a fim de compreender melhor a que Visgueiro se referiu quando disse que ele era muito irritado. “Eu empurrei ela umas duas vezes, quando ela vinha falar alguma coisa pra mim. Eu chegava cansado do trabalho... Mas hoje não faço mais isso” (Entrevista, 2022). Le Breton (2012, p. 65) explica que “a mulher estéril é vista como se fosse um homem”. Ora, pelo domínio masculino, que exige que a esposa seja, dentre muitas outras coisas, fértil, sua imagem, perante o contexto machista em que ela está inserida, é manchada.

Mill (2019, p. 6) reforça que “[...] a religião impõe a obrigação da obediência, assim como todo fato estabelecido e intolerável sob qualquer outra justificativa sempre nos é apresentado como uma ordem da religião”. Quer dizer, pela anuência das estruturas religiosas, a mulher se livra do castigo físico, imposto pelo marido, o que caracteriza uma contribuição da religião evangélica como agente de transformação social, contudo essas mesmas engrenagens perpetuam os mecanismos que inserem a mulher numa ocupação análoga à relação de patronato, posto que ao homem é dado o poder simbólico de ter domínio sobre a imposição dos deveres que essas mulheres devem praticar. A isso Bourdieu (2020, p. 158) denomina como “[...] a economia de bens simbólicos (do qual o casamento é uma peça central)”. Pela ação da IEADAM, Visgueiro casou-se com a, agora, esposa, visto que eles moravam juntos. Em seu cânone religioso, viver junto, sem casar, é uma transgressão.

É essa economia que possibilita “[...] à dominação masculina nela perpetuar-se, acima das transformações dos modos de produção econômica; isso com o apoio permanente e explícito que a família, principal guardião do capital simbólico, recebe das igrejas e do direito” (BOURDIEU, 2020, p. 158), visto que as determinações do Estado em muito são semelhantes às determinações religiosas. Bourdieu (2011, p. 72) expõe que “[...] por estar investida de uma

função de manutenção da ordem simbólica em virtude de sua posição na estrutura do campo religioso, uma instituição como a Igreja contribui sempre para a manutenção da ordem política”.

Numa comunidade como a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, pela sua extensão e característica relativamente homogênea, os mecanismos de dominação são facilmente controlados. Não é oneroso mantê-los em pleno funcionamento, embora, conforme explica Wagley (1988, p. 174), “a imagem da vida de família que se vislumbra observando-se os fatos [...] é muito diferente do quadro ideal das relações de família. Em lugar do homem dominador, controlando e sustentando sozinho a família, é a mulher, frequentemente, sua figura central”.

Tais asserções supraditas encontram eco no protagonismo feminino do Ministério de Mulheres da IEADAM, apresentado no capítulo anterior. Se no campo religioso elas são as protagonistas, não muito diferente deve ser quando inseridas no seio familiar. Embora, notoriamente, a religião evangélica venha se adaptando para dar lugar às mulheres, promovendo, segundo Visgueiro, benefícios para a sua vida conjugal, sobretudo pela preservação da saúde física e mental de sua esposa, ainda é necessário excluir os grilhões simbólicos que mantêm a figura feminina presa ao panóptico patriarcal.

O ordenamento religioso, portanto, de fato trouxe benefícios à comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Ainda que não exista comprovação científica de que essas mudanças foram promovidas pela ação religiosa, é inegável, ao menos, que a IEADAM utiliza as ferramentas que auxiliam essas mudanças a seu favor. O surgimento desses canais é assegurado pelo poder da crença que é inerente à espécie humana, especialmente no meio rural.

Nietzsche (2019, p. 99) explica que “o homem de crença, o ‘crente’ de toda espécie, é necessariamente um homem dependente [...]. O ‘crente’ não se pertence a si mesmo, só pode ser meio, precisa ser utilizado, tem necessidade de que alguém o utilize [...]”. Ora, ao ser humano já é reservada a força, as engrenagens que podem promover as mudanças que eles tanto alcançam. Contudo, tal qual o funcionamento de um relógio, é necessário que seja implantada uma bateria, nesse caso, a religiosa, para que ele funcione, se projete na direção que ele, em seu âmago, já sabe que deve, onde e como pode chegar.

Berger (1985, p. 222) aponta que “[...] qualquer coisa genuinamente humana é *ipso facto* religiosa, e os únicos fenômenos não religiosos na esfera humana são os baseados na natureza animal do homem”. O autor quer dizer que o ser humano é 100% religioso, visto que essas construções de deidade fazem parte do seu macrocosmo. Se ao homem, ou à mulher, é dada a possibilidade de vislumbrar qualquer mudança inexplicável ou difícil, naturalmente, na maior parte das vezes, tal fato será associado a um fenômeno de origem religiosa.

Ainda que o indivíduo que foi testemunha do fato não incorpore a ele um aspecto pertinente à religiosidade, o sobrenatural da fé será apontado por um de seus pares, seja seu líder religioso, um amigo ou algum membro de sua família. A fé é uma força que reside nela mesma, independente, arrolada no subconsciente humano, sempre pronta a vir à tona quando a ocasião se faz propícia. Na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, são raros os argumentos capazes de coibirem a sua introjeção.

### **3.2 Vozes dissonantes sobre o papel da igreja Assembleia de Deus na comunidade**

A comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é formada por pessoas que compartilham o mesmo estilo de vida. Seus princípios, tradições, formas de lazer e trabalho são compactuados por todos. Esses fatores são produtos de sua ancestralidade, mas só permanecem atuantes porque existe um pacto mutualista e o pleno entendimento de todos de como os povos tradicionais são e como eles devem permanecer. De acordo com Bauman (2003, p. 62), sobre a comunidade, “sua criação e desmantelamento devem ser determinados pelas escolhas feitas pelos que as compõem – por suas decisões de firmar ou retirar seu compromisso”, de modo que qualquer processo externo de desculturação é prejudicial para que o macrocosmo dos povos tradicionais permaneça em equilíbrio.

Os povos tradicionais são como uma grande floresta. Capra (2006, p. 49) considera que “ao desenhar uma árvore, a maioria de nós não fará as raízes. [...] As raízes de uma árvore são tão notórias quanto as partes que vemos. [...] Numa floresta, as raízes de todas as árvores estão interligadas, e formam uma densa rede subterrânea na qual não há fronteiras precisas [...]”. A analogia demonstra que as ações de qualquer agente, independentemente se negativas ou positivas, causarão efeito em toda a malha social, determinando o desequilíbrio de sua estrutura ou o fortalecimento da mesma.

Demonstramos anteriormente de que modo a religião evangélica, representada pela igreja Assembleia de Deus, favorece e produz os sentidos de vida da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, e ainda que tenhamos apontado alguns dos impasses da ação evangélica, ainda não aprofundamos os assuntos que fazem com que a congregação não seja bem vista pela maior parte dos comunitários.

Um dos pastores que passaram pela IEADAM de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro foi condenado a 16 anos de prisão pelo crime de estupro de um jovem. Recentemente, outro crime relacionado ao estupro aconteceu na comunidade, dessa vez praticado por um dos autodenominados evangélicos que frequentam a igreja. Duas meninas de 10 anos, segundo

denúncias das mesmas, foram abusadas sexualmente por um homem que prestava o serviço de condução dos alunos para a escola. Ele era contratado da prefeitura. As crianças eram as últimas alunas que desciam do transporte, de modo que o homem se aproveitava desse momento a sós para abusar das meninas.

Ouvimos Maria Cecília (47 anos), líder dos movimentos sociais, a respeito do caso, que ocorreu no ano de 2021, em meio a pandemia do Novo Coronavírus:

*O acusado era condutor da lancha-escola. Ele levava aos jovens pro colégio e buscava. Esse serviço é promovido pela prefeitura, então ele era contratado. Esse sujeito aproveitava para abusar das meninas, que eram as últimas a desembarcar. Essas crianças tinham 10 anos, agora devem estar com 11. Isso causou muita revolta das mães. A maior indignação, quando elas conversaram com a gente (dos movimentos sociais), é que a igreja ajudou o sujeito, a ele e a sua família. O pior: ele foi batizado nas águas assim que foi solto para responder o processo em liberdade. A igreja evangélica foi conivente. Ela nunca se importou com as vítimas. Pra eles, se o sujeito é da fé deles, eles devem proteger. Mas não é assim... A humanidade sempre tem de vir em primeiro lugar (Entrevista, 2022).*

De acordo com Pinheiro e Anicama (2009, p. 36), “a violência sexual contra crianças e adolescentes é uma das formas de violência mais crescente no mundo e que atinge todas as classes sociais, etnias, religiões e culturas”. Um cenário preocupante, agravado numa comunidade tradicional do Amazonas. Pádua (2008, p. 23) explica que “as crianças menores de doze anos são alvos preferidos dos abusadores sexuais”. Ou seja, quanto mais jovens forem as vítimas, mais fácil cometer o crime.

Pela sua vulnerabilidade, a criança e o adolescente acabam sendo presas fáceis desse tipo de desvio de conduta, sobretudo quando o subterfúgio para se cometer o abuso é alguma ameaça física, para a vítima ou para algum de seus familiares. Os espaços mais afastados dos centros urbanos, na própria periferia da capital ou em municípios de menor expressão, imergem os menores de idade num ambiente oportuno para ações transgressoras como é o caso do abuso sexual. De acordo com Ribeiro (2011, p. 54), “[...] a desigualdade socioespacial é evidente [...], condicionam inúmeras experiências [...] de medo e violência, propiciadora de espaços de vulnerabilidade às milhares de crianças e adolescentes que neles habitam”.

Essas acusações se tornam ainda mais graves por duas razões: a inoperância do Estado, nesse caso representado pela prefeitura, que não assegurou a essas crianças a proteção necessária, e a omissão da igreja evangélica, que, ao lado da gestão do município, é o poder coercitivo da comunidade, uma vez que foram os evangélicos que optaram por ajudarem o acusado e a sua família ao invés de dar auxílio às vítimas e aos familiares delas.

O pastor João Ramalho deu a sua opinião a respeito da acusação de estupro de um dos membros da igreja que ele é o representante máximo:

*O rapaz foi caluniado, por interesse de colocar ordem, porque ele é evangélico. Ele não gostava de baderna na lancha. Os outros condutores deixavam os alunos beberem e usarem drogas, os outros até usavam com eles, aí o rapaz proibiu e apareceram as acusações. Ele era barqueiro da lancha que levava os alunos pra escola Ferreira Guedes. Ele era rígido. O outro catalheiro<sup>46</sup> gostava de baderna com os alunos. A família de uma das meninas que acusaram vende drogas. O rapaz foi caluniado. Nada foi provado. Prejudicou o rapaz (Entrevista, 2022).*

Existe um mecanismo de proteção, cuja principal ferramenta é a acusação contrária, um comportamento dito ético, que despertou a calúnia das duas crianças. Se a uma das famílias é apontado o tráfico de drogas como motivo para a acusação, qual a razão de haver uma segunda vítima? Ora, a religião sempre dará ao indivíduo alguns privilégios. De acordo com Dawkins (2007, p. 49), “a religião, mais uma vez, supera tudo”. Um dos argumentos do pastor é que se o homem é membro da igreja que ele representa, sua acusação é produto de calúnia em razão da fé que ele professa.

Em nossa pesquisa de campo, quando entrevistávamos Ametista, chegamos ao assunto da acusação de possível estupro realizado pelo condutor da lancha. Na ocasião, Ametista perguntou à sua filha<sup>47</sup> se ela teve alguma experiência estranha com o condutor, visto que ela estudava na escola Ferreira Guedes, a mesma para onde o homem conduzia os alunos. A filha foi categórica ao afirmar que uma vez ele a abraçou por trás, na intenção de alcançar os seus seios. Ametista perguntou o que ela fez. A menina disse que se abaixou antes que ele pudesse realizar o ato, mas que sentiu que aquela era a sua intenção. No que a Ametista disse: “mas você não tem certeza (se ele ia mesmo fazer isso). Ela não tem certeza, não tem como saber” (Entrevista, 2022).

Sentimos que a situação causou desconforto. Após isso, Ametista não conseguiu mais manter uma conversa concentrada, de modo que tivemos de encerrar a entrevista. Pela força religiosa, talvez ela tivesse plena certeza de que o acusado, conforme explicou o pastor, havia sido caluniado. Mesmo que essa, talvez, não fosse a sua opinião. Por meio de nossas observações, é possível considerar que a informação dada a Ametista pela filha a fará repensar as suas certezas sobre o fato.

---

<sup>46</sup>Termo local pra se referir ao condutor de lancha

<sup>47</sup>Estávamos em chamada de vídeo

Certamente, aquela era uma informação que a entrevistada não tinha a intenção de nos entregar. A isso Bourdieu (2020, p. 75) se refere como “violência simbólica”. Ora, se a igreja da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na figura de sua autoridade máxima, que é o pastor João Ramalho, afirma que o acusado foi vítima de um plano maléfico de duas crianças, seus membros tendem a acreditar, sobretudo pela imagem da mulher reproduzida pelo evangelho.

Bourdieu (2020, p. 75) afirma que “[...] só se pode chegar a uma ruptura da relação [...] que as vítimas da dominação simbólica têm com os dominados com uma transformação [...] das condições [...] que levam os dominados a adotar [...] o [...] ponto de vista dos dominantes”. Daí a importância da ação dos movimentos sociais, embora um de seus membros, Janderson França (37 anos), amigo pessoal do acusado, independentemente do fato de ambos professarem religiões diferentes, o tenha defendido sem nenhuma hesitação com base num pensamento machista: “eu sei como as meninas daqui são, então o benefício da dúvida, pra mim, é do acusado. Acho que foi armado. Saiu até no programa de rádio do tio de uma vítima, e também no Sikêra Jr<sup>48</sup>. Destruiu a vida do cara” (Entrevista, 2022).

“Enquanto o direito do mais forte de exercer seu poder sobre os mais fracos dominar [...], a tentativa de tornar o direito de igualdade [...] será sempre uma árdua batalha, [...] a lei da justiça, que também é a do cristianismo, nunca terá a posse dos sentimentos íntimos dos homens [...]” (MILL, 2019, p. 103). Ora, os homens, de acordo com Mill (2019), ainda que sejam submetidos a essas leis, encontrarão meios de digladiar contra elas.

A acusação do operador da lancha trouxe, e ainda traz, muitos transtornos à IEADAM. Muitos comunitários ficaram revoltados com a igreja, pois, para eles, foi como se a congregação estivesse protegendo o acusado, sem considerar, sob nenhuma hipótese, a credibilidade e o bem-estar das vítimas. Tentamos contato com os familiares das meninas que fizeram a acusação, mas não obtivemos êxito. Eles não quiseram se pronunciar.

Ainda com relação a esse fato, a comunitária Rubi (42 anos), não evangélica, emitiu uma opinião.

*É complicado porque não é o primeiro caso. Da outra vez, (o crime) foi cometido por alguém de fora, mas aí esse acusado, a gente conhece, ele transportava nossas crianças, ele vive aqui com a gente, faz parte da nossa comunidade. Entendo perfeitamente o lado das mães, das famílias delas. Isso é muito grave. Não dá pra aceitar. A igreja defende que a família do catalheiro não tem nada a ver, que ela não pode ficar desamparada, mas não vi a igreja se pronunciar contra isso. Pelo contrário, batizaram ele. Que Deus é esse que aceita essas coisas? Mesmo que não tenha o julgamento ainda, eu*

<sup>48</sup>Programa Alerta Nacional, apresentado por Sikêra Jr., na emissora RedeTV.

*acredito nas vítimas. Essas meninas não iam mentir. Até o Ministério de Mulheres foi a favor do acusado. Foram elas que sugeriram a ajuda para a família do catalheiro. Pelo menos foi isso que o pastor falou (Entrevista, 2022).*

A narrativa de Rubi deixa clara a função de serviço social realizada pelo Ministério de Mulheres da IEADAM, de modo que o caráter de seu serviço é sustentado pelos fios que formam a malha moral da religião evangélica. É um conflito ético. Enquanto comunitárias, elas deviam prestar auxílio às meninas que se dizem vítimas, mas a identidade imposta por sua religiosidade as faz escolher o lado que favorece a fé que elas professam, o que compromete a organização feminina, da qual essas mulheres do Ministério são parte fundamental, de se insurgir contra as estruturas do regime patriarcal que impera na comunidade.

Morin (2018, p. 140) aponta que “[...] a emancipação da mulher se dá não só pela promoção social (acesso às carreiras masculinas, aos direitos políticos, etc.), mas pela hiperotização e pela transformação das servidões domésticas em controle eletrodoméstico”. A única forma de mudar essa realidade é pelo rompimento do paradigma da cultura religiosa, com ênfase na mulher lasciva e pecadora, cuja imagem de Eva é seu principal expoente.

O entrevistado Cedro (28 anos), quando indagado sobre o aspecto negativo da atuação da IEADAM da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, ele desenha o seguinte quadro:

*Eu penso que eles se metem em vários assuntos que não são deles. Por exemplo, o problema do nosso cemitério. A gente reuniu a comunidade pra saber o que fazer, porque ele estava prestes a ir pro rio, por causa da queda do barranco. Ali tinha enterrada gente de toda época, o pessoal que ajudou a formar a comunidade, antes da gente. Mas aí entra a questão da religião. Os evangélicos opinaram que nada podia ser feito, que aquela era a vontade de Deus, que o corpo não é nada, que o que vale é o espírito. Falaram toda aquela ladainha de sempre. Que era errado rezar pra quem já morreu, que as almas já estavam guardadas. Mas pra gente (que é católica) não é dessa maneira. A gente se sente melhor quando sabe que nossos parentes estão aqui, perto da gente (Entrevista, 2022).*

Para o evangélico, toda campanha para promoção do espírito humano e sua ascensão ao Reino do Céu só pode ser realizada em vida, de modo que as orações pelos mortos não fazem sentido. O que vai contra o cânone religioso católico. Ao se referir aos entes que se foram, “dá a impressão de que as pessoas mortas, em certo sentido, ainda existem não só nas memórias, mas independentemente delas” (ELIAS, 2001, p. 9).

Embora a morte seja o destino de toda a humanidade, aparentemente ninguém está pronto para lidar com ela, não existe um protocolo de como se conformar com o adeus definitivo. Em uma das grandes obras da literatura brasileira, escrita pelo romancista paraibano Ariano Suassuna, *O Auto da Compadecida*, encontra-se o seguinte trecho, proferido pelo personagem Chicó: “cumpriu sua sentença. Encontrou-se com o único mal irremediável, aquilo que é a marca do nosso estranho destino sobre a terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo que é vivo, morre” (SUASSUNA, 1975, p. 55).

A morte é inevitável, é algo imanente a todas as sociedades, mudam-se apenas os processos de destinação dos corpos. Na sociedade ocidental, sobressaem-se dois modos: a cremação e o sepultamento, mas é o segundo método o mais popular no que se refere a destinação do corpo do morto. Esse é o método de destinação dos corpos na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a despeito de, em razão das características da terra, não ser o mais adequado, pelo menos na parte em que a erosão fluvial é mais nociva.

A morte é uma experiência da qual ninguém atualmente pode fugir, de seres racionais aos irracionais, pelo menos até a ciência evoluir de modo que possibilite a imortalidade da espécie humana. A relação do homem, representado pela vida, com a morte e sua latente tentativa de adiá-la, tem sido explorada pela arte ao longo dos anos. Em um dos clássicos do cinema mundial, intitulado *O Sétimo Selo*, filme sueco produzido e lançado no ano de 1956, pode-se perceber esse tipo de relação. A história gira em torno de um cavaleiro que, recém-chegado das Cruzadas, encontra o seu país devastado pela Peste Negra.

Embora seja um cristão convicto, dadas as circunstâncias, ele passa a questionar Deus, fazendo profundas reflexões sobre o significado da vida. É quando a morte surge em sua frente na intenção de levá-lo. Com o intuito de ganhar tempo, o homem convida a morte para um jogo de xadrez. Se ele vencesse, a morte teria o direito de carregar sua alma. A morte, que jamais havia perdido naquele jogo, aceita o desafio de bom grado.

Sentam-se os dois, então, em frente ao tabuleiro, e assim é iniciado o jogo de vida e morte. Jogar xadrez com a morte pode ser considerada uma metáfora emblemática para entender o pensamento da sociedade moderna. Pela característica dos povos tradicionais, com ênfase nos rituais que são realizados para afastar a morte, como manter a casa do finado fechada, a fim de não atrair o mau agouro, o exemplo do filme é pertinente.

Bem, não é interesse adentrar na conclusão do filme, fica a critério daquele que lê assisti-lo para saber de que modo esse impasse é concluído. Conclama-se o filme apenas para referenciar a obstinação humana em se manter distante da morte. Quando a rasga mortalha cruza

os céus, nome popular ao grito agourento das corujas, as pessoas repreendem aquele “espírito de morte” ou possível enfermidade, muitas vezes fazendo o sinal da cruz, o que é comum na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. É por isso que os cemitérios são locais de delicadas interações sociais, onde é dever dos vivos fazer silêncio para não incomodar os mortos, para não despertar a morte, para não atrair às suas vidas a possibilidade de ser visitados antes do esperado por ela.

Os cemitérios se configuram, também, como o espaço definitivo para se manter “contato” com os mortos, onde se praticam ritos que possibilitam, sob uma perspectiva cristã católica, conduzir à luz os espíritos daqueles que já partiram, a exemplo do acender de velas, ou quando são depositadas flores sobre os túmulos como manifestação de carinho. No campo santo é onde as pessoas em processo de luto podem se sentir um pouco mais reconfortadas com a possibilidade de “se comunicar” com um ente que já partiu. Pudemos verificar que os comunitários costumam tomar café próximo ao cemitério, e permanecem ali, conversando com seus ancestrais, sendo o cemitério local simbólico entre o real e o metafísico. É uma forma de conforto.

É em razão dessas questões que o sumidouro de urnas funerárias e de corpos, que ocorre na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no Careiro da Várzea, em decorrência do fenômeno das Terras Caídas, tem trazido grandes implicações para a comunidade, sobretudo pela vertente pentecostal, que, diferentemente do cânone religioso católico, não considera o corpo parte importante do processo de morte, visto que toda a doutrina pentecostal é de cunho espiritual. Para os evangélicos, a queda do cemitério não é algo que tenha de ser dado tanta importância.

Na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, assim como ocorre em toda a região do Careiro da Várzea, existe uma cultura de as pessoas enterrarem seus familiares mortos em seus próprios terrenos, sendo que muitos desses cemitérios já caíram no rio em razão da erosão fluvial lateral que ocorre nas épocas de seca, um processo que envolve questões de saúde e de trabalho, visto que os corpos podem contaminar a água, bem como atrapalhar o trabalho dos pescadores. Quando tivemos a oportunidade de visitar o campo de pesquisa, em julho de 2019, o cemitério já estava perto de cair, conforme pode ser notado na foto a seguir.

**Figura 5** – Cemitério da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro



**Fonte:** Felipe Pires, 2019

A imagem demonstra que o barranco já estava bem próximo àquela época, porém, em visita cerca de dois meses depois, a erosão fluvial já havia carregado boa parte do cemitério. Por respeito aos sentimentos dos membros da comunidade, não serão apresentadas novas imagens, pois algumas são degradantes e contêm ossadas e restos mortais boiando no rio Solimões. Alguns restos de corpos até mesmo servindo de alimentos aos peixes. O problema vai além do processo de luto, é uma questão sanitária, ambiental e, também, religiosa. Seguindo registros dos próprios comunitários, eram pelo menos 30 pessoas que estavam enterradas naquele cemitério, desde um sobrinho de 9 anos, passando por filhos, primos, tios, tias, bisavós, avôs e avós daquelas famílias. Da última vez que tivemos notícias, o cemitério já não existia.

Perguntamos a Turmalina (81 anos), o membro mais antigo da comunidade, como ela se sentia em relação à queda do cemitério. Ele se manifestou nos seguintes termos:

*A gente sente bastante. É onde eu imaginava que seria enterrada, quando meu tempo aqui na terra chegasse ao fim. Agora vou ser enterrada na vila, longe da minha família, dessas terras ancestrais, onde passei toda a minha vida. É um pouco cruel saber que nossos antepassados foram tirados de nós pela força da natureza, mas se Deus quis assim, não tem o que fazer. Talvez se não tivesse essa discussão de crente e católico, se a comunidade se unisse mesmo pra resolver esse problema, os restos mortais daqueles que fazem parte da nossa história poderiam estar aqui. Eu soube que teve gente que se ofereceu*

*pra desenterrar, mas o pessoal da igreja evangélica se intrometeu, que isso era profanar a carne, a vontade de Deus. Que o melhor era deixar a natureza agir. Como o cemitério estava mais perto da terra deles (dos evangélicos), ficou por isso mesmo. Ver os corpos sendo levados, de certa forma, a gente acaba é sofrendo de novo (Entrevista, 2022).*

O que é notável na fala de Turmalina é o sentimento de conformidade trazido pela sua crença. Não é a morte em si, pois ela já ocorreu, mas é o momento que é revivido, uma dor que se renova, a culpa revigorada, e o sentimento de opressão do desejo de se rebelar, mas que é cerceado pela religião evangélica. É o “eu quero, mas não posso fazer nada, pois Deus quis assim”. O que ocorre é a isenção da culpa do Estado, porque Deus é a própria natureza, então, para os povos tradicionais, dadas as observações de campo, Ele sabe de tudo, e as coisas sempre acontecem pelos planos Dele para o cristão. Nesse aspecto o catolicismo e o evangelismo que dividem a comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro se complementam: ambos os lados creem que a vontade de Deus é inquestionável.

Contudo, “a morte, de certo modo, continua mesmo depois de o corpo estar morto, proporcionando aos que ficam a experiência de desligamento gradual que ocorre graças aos ritos fúnebres pertinentes a cada sociedade” (RODRIGUES, 2006, p. 22). Em razão disso, os cemitérios passam a ser considerados como morada dos mortos, reduto de paz. Essas experiências sobrenaturais são muito fortes no catolicismo, por causa disso é oneroso o trabalho de se desvencilhar dessas práticas, que sempre ocuparam espaço no seio dos povos tradicionais. Munduruku (2009, p. 32) esclarece que “[...] todas as coisas merecem reverência por serem uma manifestação da criação”, incluindo os mortos.

Heidegger (2015, p. 312) esclarece: “o ‘finado’ que, em oposição ao morto, foi retirado do meio dos que ‘ficaram para trás’, é objeto de ‘ocupação’ [...] nas cerimônias e cultos dos mortos. [...] Na homenagem do culto, os que ficaram pra trás são e estão com ele”. Para o católico, portanto, não existe uma separação entre corpo e alma, diferente da concepção evangélica da morte. O autor ainda complementa: “o finado deixou nosso ‘mundo’ e o deixou para trás. É a partir do mundo que os que ficam ainda podem ser e estar com ele” (HEIDEGGER, 2015, p. 312). Essa profusão de pensamento denota a relevância que a presença do corpo, ainda que sem vida, ocupa no imaginário dos povos tradicionais.

Ricardo Castro expõe que

*[...] O movimento pentecostal é uma expressão religiosa que traz em seu bojo uma reação contra o extremo racionalismo institucionalizador do cristianismo ocidental. Os missionários suecos que chegaram em Belém do Pará, no ano de 1911, são provenientes de um país onde prevalecia uma*

*homogeneidade cultural e religiosa que marginalizava qualquer outra experiência diferente do luteranismo conservador (Entrevista, 2022).*

Pela sua característica imperialista, a religião evangélica procura, por meio de sua ideologia, recolonizar os pensamentos dos povos tradicionais em função da concepção europeia, pela via de ação do enfraquecimento dos outros conceitos religiosos que competem com a sua liturgia, especialmente aquilo que, segundo eles, é profano. Eliade (2018, p. 28-29) esclarece que “para um crente, essa igreja faz parte de um espaço diferente [...]. A porta que se abre para o interior da igreja significa, de fato, uma solução de continuidade. O limiar que separa os dois espaços indica [...] a distância entre os dois modos de ser, profano e religioso”.

Ora, para o evangélico, a igreja não é física, ele a carrega para onde quer que ele vá. Em razão disso, ele se considera sagrado ao trafegar por um mundo impregnado pelo profano. A visão católica, quando inserida na ordem cultural dos povos tradicionais, não demarca esses campos. Para eles, a igreja é apenas uma das partes que compõem seu macrocosmo. Na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, todos os seus aspectos são sagrados: as pessoas, as festas, a natureza, a magia, os mortos, a família, o trabalho, o lazer. Por essa razão, a perspectiva católica e a perspectiva evangélica entram em rota de colisão, visto que o evangelismo, fazendo uma analogia com o campo biológico, é como um vírus que tenta penetrar na célula (a comunidade), para alterá-la, e se espalhar para as outras células, a fim de impregnar o todo com seu *ethos*.

Janderson França (37 anos) explica que

*A bronca que os católicos têm é por causa das festas. Os católicos não pensam duas vezes antes de ir às festas deles. Os evangélicos sempre convidam, e os católicos vão, mesmo que não tenha bebida (alcoólica), música e festa (ao estilo mundano, conforme os evangélicos observam). Mas a coisa vira de lado quando os evangélicos não prestigiam a festa dos católicos. Pra eles é coisa do inimigo, é cultuar o mal. O que eu acho besteira, de verdade. Eu mesmo vou em todas as festas. Quando eu fui candidato a vereador, conheci uma senhora da comunidade São Benedito. Fui fazer campanha no Baixo Careiro. Achei ela muito gente boa. A gente conversou bastante, ela gostou de mim e me convidou pro aniversário dela que aconteceria dali a uns 4 dias. Eu não sabia que ela era mãe de santo. Cheguei lá com a minha família, ela nos recebeu com um negócio espiritual, uns gestos estranhos, mandou eu bater palma pra Mariana<sup>49</sup>, disse que ia me dar um banho pra eu ser eleito vereador. Eu disse que não precisava. Até brinquei que eu tomava banho todos os dias. Eu não acredito nessas coisas. Se isso funcionasse, muita gente estava bem de vida. Todo mundo ia procurar esses serviços. Mas isso não nos impediu de ficar lá e participar da festa. Não é porque a minha fé é diferente que eu vou me afastar. Hoje a gente tem uma amizade. Ela vem à minha casa,*

<sup>49</sup> Entidade das religiões de matriz-africana. As palmas são para saudá-la.

*eu vou à casa dela, e tá tudo bem. O sentimento de irmandade é maior que qualquer diferença. Eu não consegui me eleger vereador, e ela brinca até hoje que é porque eu não aceitei que ela me desse o banho (Entrevista, 2022).*

Maffesoli (2018, p. 234) esclarece que “essa tradição localista terá um desenvolvimento sólido e durável, que jamais será totalmente anulado pela tendência centralizadora da Igreja institucional”. Os laços de união são mais fortes que qualquer tentativa de dissolução do sentimento de fraternidade. Os povos tradicionais compreendem sua condição socioeconômica, biológica e cultural, ao passo que aqueles que se convertem à religião evangélica, são vistos como páreas sociais, pessoas que se desvirtuaram e perderam, de certa maneira, sua identidade comunitária. “O que é bom para a comunidade é bom para o indivíduo [...]. A vida é relacional. A sociedade é um corpo [...]. Os membros individuais não podem sobreviver se forem separados dela” (HOLLOWAY, 2019, p. 90). Esse conceito de cooperação é o que nutre os povos tradicionais.

“O cristianismo [...] instituiu como ideal a oposição aos instintos de conservação da vida forte; viciou até mesmo a razão das naturezas mais fortes no espírito ensinando a classificar aos valores mais elevados da intelectualidade como pecaminosos, [...] como tentações” (NIETZSCHE, 2019, p. 16). Ora, o cristianismo subverte a cultural tradicional, ao incorporar os elementos simbólicos da sua moral religiosa.

Uma das razões para Maria dos Santos (42 anos) ser contra a ação da IEADAM é justamente

*Pelo fato de que para eles tudo é feitiçaria. A crença da gente é uma ofensa, como se a gente cometesse alguma coisa muito grave. Eles são como Deus na terra e a gente é o diabo. Mas eles vivem incorporando esses espíritos também. Eles também são canais espirituais. Já quis ir embora daqui muitas vezes, por causa dessa hipocrisia toda, mas eu sempre penso no trabalho solidário que a Cáritas faz, que a gente organiza (a igreja católica). Tem muito crente aqui em pele de cordeiro, que não vive o que fala (Entrevista, 2022).*

Schweickardt (2002, p. 95) explica que “os protestantes associavam a sobrevivência da magia ao catolicismo, mesmo que no interior de suas práticas a magia também se manifestasse”. Quer dizer, as entidades que se manifestam nos cultos evangélicos servem ao propósito de sua liturgia, mas quando surgem no cosmo religioso católico, espírita ou das religiões de matriz africana, elas devem ser combatidas e afastadas, ainda que preguem a paz, a justiça, o bem-estar social e a liberdade.

Sobre a prática cristã, “[...] antes de dogmatizar-se como fé, a religiosidade popular, aquela das peregrinações, dos cultos [...], de superstição – foi expressão de socialidade. Mais do que [...] doutrina, é o viver e o sobreviver juntos que preocupa as comunidades de base” (MAFFESOLI, 2018, p. 107). É assim que a comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro se comporta, muito além de qualquer divergência ideológica que seus membros possam ter.

Maria dos Santos (42 anos) complementa: “eu vivi num casamento ruim, vivia em cárcere privado. A minha sogra incentivava meu marido a sair de casa, e o pastor também queria que meu marido ‘pegasse o beco’, pra ficar comigo. Por isso parei de frequentar a igreja” (Entrevista, 2022). Perguntamos se o pastor a que ela se referia era o da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. “Não. Isso aconteceu em Rio Preto da Eva (outro município), na igreja Macedônia. ‘Lá onde Judas perdeu as botas!’” (Entrevista, 2022).

Bourdieu (2020, p. 11) esclarece que “a dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser percebido (*percipi*), tem por efeito coloca-las em permanente estado de insegurança [...]”. A sogra que não apoia a condição da nora e o líder que se aproveita de sua fragilidade, foram determinantes quanto os espaços que a religião evangélica ocupa no âmbito de Maria dos Santos.

A atuação da IEADAM também trouxe problemas a Cedro (28 anos), no mesmo campo, o familiar, conforme ele explica:

*Eu frequentei a igreja durante um ano, mais ou menos, ia porque minha mãe insistia pra gente acompanhar ela. Eu e meus irmãos. Eu era casado na época, mas minha esposa não queria ir. Eu ia. Por causa disso a gente acabou se desentendendo. Ela era só em festa, ia sozinha, aí bebia e o pessoal vinha me falar que ela fazia isso, aquilo. Eu tinha outro entendimento, ficava em casa com nosso menino. Foi só eu entrar na igreja que o nosso casamento acabou. Hoje ela tá casada com um cara lá de Manaus, já tem outro filho. Eu saí da igreja pouco tempo depois que ela foi embora. Não posso dizer que foi só a igreja (que causou o divórcio), mas isso ajudou. Foi o empurrãozinho que faltava (Entrevista, 2022).*

Marshall (2007, p. 106) expõe que “para o protestantismo, a família era a instituição social por excelência, o tijolo da comunidade cristã e, ao mesmo tempo, um retrato em miniatura da estruturação da sociedade”. Com base nessa assertiva, é possível inferir que a religião evangélica não logrou êxito em seu intento, cometendo um duplo equívoco, ao não dar suporte a Maria dos Santos, quando a mesma passou por problema no seu seio familiar, e ao não conseguir ter ajudado a manter o casamento de Cedro. O entrevistado complementou: “quando eu fui procurar a igreja para falar do acontecido, eles até tentaram a nossa reaproximação (dele

com a esposa), mas não teve jeito. O pastor disse que Deus sabia o que estava fazendo” (Entrevista, 2022).

É a máxima de que a deidade cristã tem a seu favor a razão. Para o bem ou para o mal, Deus sabe o que faz. Ele conhece todos os caminhos. Ele atua por vias misteriosas, ainda que essas vias sejam prejudiciais à unidade cultural dos povos tradicionais. O cristianismo é o caminho mais fácil, porque Deus nunca “fecha uma porta sem abrir uma janela”. Aquele que crê só tem de permanecer firme em seus propósitos, fiel ao Todo Poderoso, que as mudanças em sua vida vão ocorrer.

Tal qual os pontos assertivos, levamos as opiniões negativas à administração da igreja, dando ênfase na questão da acusação de estupro/pedofilia, recente, e o estupro/pederastia cometido pelo pastor Wanderson, que já havia passado pela comunidade. Obtivemos a informação de que nenhum membro da igreja foi conversar com as vítimas, o que contribui para a insatisfação da comunidade com a forma que a IEADAM conduz os seus assuntos religiosos.

Ainda que a esfera criminal não seja de sua competência, sugerimos que houvesse uma reestruturação nas suas ministrações, a fim de que esses assuntos fossem tratados, ainda que delicadamente, pelo evangelho que eles disseminam. Que fosse realizado um trabalho de conscientização, para que a comunidade, como um todo, soubesse que a igreja evangélica se preocupa com o bem-estar dos povos tradicionais, não apenas com aqueles que fazem parte do seu corpo de membros. E, principalmente, que a comunidade entenda que esses comportamentos desviantes não serão tolerados.

Sobre o pastor Wanderson, a comunidade, sobretudo a parte católica, exigiu a sua expulsão imediata; embora o mesmo não tenha acontecido com o condutor da lancha, acusado de estupro. Mas a sua punição foi maior, além da perda financeira com advogados e a lancha SOS que afundou: ele foi banido para as margens da sociedade. A exceção é a IEADAM, que mantém as portas abertas para ele, bem como os seus irmãos de fé, que não o desamparam, sobretudo porque o seu desvio de conduta ainda não foi provado. O acusado tem de se manter afastado no mínimo 500 metros das vítimas, bem como tem de estar em casa antes das 20 horas, todos os dias da semana.

Bauman (2003, p. 7) explica que “[...] se alguém se afasta do caminho certo, frequentemente explicamos sua conduta reprovável dizendo ‘anda em má companhia’. As companhias ou a sociedade podem ser más; mas não a comunidade”. Berger (1985, p. 41-42) complementa que “ser separado da sociedade inflige também ao indivíduo intoleráveis tensões

psicológicas, tensões que se fundam no fato radicalmente antropológico da socialidade. O perigo supremo de tal separação é, portanto, o perigo da ausência de sentido”.

Certamente, na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, não há espaço para os desvios de conduta. As transgressões ideológicas até podem ser relevadas, isso se trata de liberdade, mas as transgressões físicas e psicológicas, oriundas da atitude de qualquer um de seus membros, são sumariamente combatidas.

### **3.3 Voz do morador mais antigo:** o antes e o depois da chegada da Assembleia de Deus na comunidade

Há dois vírgula cinco bilhões de anos, quando começou a evolução do gênero *homo*<sup>50</sup> na África, os agrupamentos e a comunicação começaram a se desenvolver. Várias espécies de *homo* surgiram ao longo da história. Contudo, o triunfo do *homo sapiens*<sup>51</sup>, há setenta mil anos, sobre as outras espécies que chegaram a coexistir em determinado ponto da história, se deu por meio da sua comunicação única, foi “graças sobretudo à sua linguagem ímpar” (HARARI, 2020, p. 30).

A comunicação, portanto, é o fator crucial para a nossa espécie. Sem essa capacidade, cuja principal característica é a oralidade que possibilita a criação de narrativas concisas e de ficções, nós jamais poderíamos existir tal qual somos. Durante milhões de anos, a comunicação oral foi o fator perpetuador da história de nossa espécie, aliada às pinturas rupestres. Como o surgimento relativamente tardio da escrita<sup>52</sup>, foi a oralidade, a ferramenta da memória, a principal responsável pela transmissão de nossa história.

De acordo com Graff, 1995, p. 38), “o fator biológico-histórico é que o *homo sapiens* é uma espécie que usa o discurso oral. [...] Seu uso da fala foi adquirido por processos de seleção natural. [...]”. Ora, os outros processos são apenas representações da forma oral humana do processo de comunicação. Pollack (1992, p. 2) afirma que “[...] na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes”. Portanto, a memória oral é a forma mais segura de se transmitir informação. Numa comunidade como a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, onde praticamente não existe memória escrita, é por meio da oralidade dos povos tradicionais que se conhece a história do lugar.

---

<sup>50</sup>Homem

<sup>51</sup>Homem sábio

<sup>52</sup>3.500 anos Antes de Cristo

Encontramos a pessoa mais velha da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro pela primeira vez em 2019. Mesmo com a sua idade, naquela época com 78 anos, ela era bem ativa. Turmalina nos recebeu com muita alegria. Foi uma conversa rápida, mas foi muito importante para que nós pudéssemos, agora, montar este capítulo. As percepções de vida de uma pessoa mais velha são muito mais ricas. Nós já tínhamos colhido um bom material no ano de 2019, porém as entrevistas dadas por ela no último ano foram muito importantes para compreender os modos de vida do passado e do presente de uma comunidade tradicional do Amazonas.

As narrativas de Turmalina foram muito lúcidas. Ela lembrou de aspectos da comunidade que muita gente, mesmo em idade aproximada a dela, não sabia. Conversamos durante várias vezes, especialmente pelo WhatsApp nos últimos dois anos, em razão da pandemia do Novo Coronavírus. Como a Internet no Careiro da Várzea não é das melhores, trocamos mais áudios que diálogos via vídeo chamada, mas em todas as situações as conversas foram muito proveitosas. Deixamos Turmalina a vontade para falar sobre o que ela quisesse, sem, contudo, esquecermos de enfatizar a comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro antes da chegada da Igreja Evangélica Assembleia de Deus.

*Eu era da putaria! Eu gostava mesmo era de festa, e aqui era festa pelo menos duas, três vezes na semana. A comunidade era feita de festa. Era tudo integração. Quando eu vim pra cá, eu tinha quase 50 anos já, que foi quando a comunidade Nossa Senhora foi fundada. Mas a idade nunca tirou minha energia. Eu me metia em tudo. Se tinha alguma coisa que a comunidade estava organizando, eu estava no meio. A gente organizou muita coisa aqui. Nossa Senhora era uma das comunidades mais ativas, que tinha mais vida. O pessoal vinha das outras comunidades festejar com a gente. Todo mundo saía satisfeito. Eu lembro que tinha um grupo que recebia as doações em dinheiro pra cozinhar pra comunidade toda. E era banquete, meu filho, não era pouca coisa, não! Ainda sobrava dinheiro pra pagar a banda e a bebida pra quem quisesse. Isso dava muita força pra gente. Quem vinha muito tocar aqui era Pinduca, - que Deus o tenha -, cantor paraense, que morava em Manaus. A diversão sempre foi a força desse povo. Não tinha muitas outras coisas pra fazer. Eu dançava a noite toda. Nessa época os homens eram quem tiravam as mulheres pra dançar. Era pé no chão até o dia raiar (Entrevista, 2022).*

Bezerra (2016, p. 273), ao se referir às festas do Careiro da Várzea, esclarece que elas “[...] estavam em plena atividade, e eram sempre animadas [...] pelos nossos músicos, filhos da terra. A banda de música, no Careiro denominada orquestra, àquela época, era um conjunto de instrumentos de sopro, o saxofone e o trombone, raramente um trompete, o banjo, o pandeiro”. No período em questão, portanto, era pela ação do próprio povo que se dava a sua maior forma de sociabilidade: o lazer. Turmalina explica, ainda, que “era a gente, da igreja católica, que

tomava a organização de tudo. Tinha muita festa de Santo. Era Nossa Senhora, São Lázaro, São Benedito, São Sebastião. A gente saía pela comunidade buscando os recursos (Entrevista, 2022). Uma das funções da igreja católica, cujos membros se referiam a si como irmandade, era organizar a folia dos santos.

Wagley (1988, p. 195) ao mencionar os preparativos para a realização da folia, explica que “[...] os administradores da irmandade levam a imagem do santo numa canoa [...] enfeitada, em visita a outras aldeias rurais. [...] Vão parando de casa em casa, e, ao ritmo dos tambores, das matracas e do raspador, cantam em homenagem ao santo e pedem donativo”. Turmalina esclarece que “raramente a gente ia a outras comunidades pedir as doações. A gente fazia tudo aqui mesmo e o pessoal de fora ficava sabendo. Já tinha todas as datas das festas no ano, então o pessoal já sabia. Vinha muito gente festejar e pagar suas promessas” (Entrevista, 2022). Maffesoli (2018, p. 235) aponta que “[...] se acreditarmos nos especialistas, o que caracteriza as práticas religiosas populares – piedade, peregrinações, culto aos santos – é o caráter local, enraizamento quotidiano e a expressão do sentimento coletivo”.

Ora, ao se analisar o cenário e o confrontar com o que explica Maffesoli (2018), fica claro que a religiosidade de um povo é um dos meios pelos quais a sua malha social é fortalecida. As pessoas da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro professaram o catolicismo desde o começo, e as lembranças, representadas aqui por uma visita ao passado da comunitária Turmalina corroboram essa assertiva.

Questionamos Turmalina a respeito do modo de atuação da IEADAM em relação ao catolicismo

*Eu não gosto. Nunca visitei a igreja deles e nunca deixei que eles visitassem minha casa. Quando eles vinham, eu fechava a porta. Eu não queria ouvir. Não era, como os jovens falam hoje, ‘a minha praia’. Eu gostava era do mundo. Eu vivo no mundo e não vejo problema nenhum em estar nele, como eles dizem. A vida é só uma. Não dá pra ficar se limitando a essas regras. Ano passado mesmo uma amiga de anos veio aqui tentar me levar pra igreja (evangélica), porque eu estou velha, que sempre é tempo de ir pra Deus, que antes tarde do que nunca. Eu falei que ela me desculpasse, mas que eu já tinha vivido 81 anos, criado 5 filhos e 10 netos, como ainda hoje ajudo, e nunca mudei meu jeito de viver. Eu até me lembrei de uma música que tocava no rádio aqui, quase toda tarde, ali por 1970, 1980, e cantei pra ela. É muito famosa até hoje. Não me lembro direito a letra, meu filho, mas falava de esse pessoal que quer se comportar bem, ser certo, e fazer besteira. Não adianta nada. Eu não sei que ideia é essa de eles dizerem que só o Deus deles é que salva. Eu to aqui até hoje. Não sei quem disse aos crentes que a gente precisa ser salva. A salvação é individual. Se Deus julgar que eu fui errada ou certa, Ele vai saber o que fazer comigo. Se eu fosse crente, eu não ia ficar me preocupando em salvar ninguém. Se eles estão certos, como vivem falando, quanto menos gente tiver lá em cima (no céu) com eles, melhor. Já pensou o*

*céu lotado? Eu penso que religião é liberdade! Os crentes não querem que os outros sejam livres pra escolher. Eu fiz minha escolha e não me arrependo. Sem liberdade, a vida não vale a pena (Entrevista, 2022).*

A música a que Turmalina se refere é *Sorte tem quem acredita nela*, interpretada por Fernando Mendes. O trecho específico é o “não adianta ir à igreja rezar e fazer tudo errado” (MARCOS; RODRIGUES, 1976). Turmalina confirmou que era essa a música de que ela se lembrava. Morin (2018, p. 86) esclarece que “a cultura de massa, o *happy end*, oferece um novo modo estético-realista que substitui a salvação religiosa, na qual o homem, por procuração, realiza a sua aspiração na eternidade”. Ora, à humanidade, importa a produção dos seus sentidos intramundanos.

O ser, que é metafísico, se realiza por meio da materialidade, que só é possível em razão de sua presença no mundo, nas associações mutualistas que o indivíduo constrói com seus pares, sobretudo pela configuração do estar-junto, que se manifesta melhor no lazer. Heidegger (2015, p. 101) determina que “um ente só poderá tocar um outro ente simplesmente dado dentro do mundo se, por natureza, tiver o modo do ser-em, se, com sua presença, já se lhe houver sido descoberto um mundo”. Em suma, as relações só podem ser verdadeiramente construídas por meio das experiências materiais, embora a dimensão da memória seja o fator perpetuador da conexão que se estabeleceu. Dessa maneira, numa comunidade como a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a ação pentecostal se traduz em entrave para a permanência/fortalecimento dessas relações.

A concepção religiosa de salvação evangélica é *demodé*<sup>53</sup>, conforme o seu modo de atuação, tendo em vista que o neopentecostalismo procura uma forma mais aberta de trabalhar a religiosidade humana dentro do próprio mundo material, embora não seja, também, adequada ao modelo de vida dos povos tradicionais, cujo macrocosmo é muito amplo. Velho (1989, p. 70) esclarece que “o que é moderno deve ser alegre, e a variedade é uma das condições essenciais. Opõem-se a monotonia, a rotina etc. Uma vida interessante é uma vida em que acontecem coisas, em que se encontram pessoas diferentes, ou seja, uma vida que vale a pena”. O método cartesiano, estruturalista e positivista que a IEADAM trabalha, a sua *doxa*, interfere na cultura dos povos tradicionais, justamente pelo seu caráter de desculturação. Esse é o nó górdio do pentecostalismo.

Turmalina continua

---

<sup>53</sup> Que saiu de moda

*Nós somos o próprio mundo. Se Deus nos colocou aqui, é porque queria que a gente vivesse nele. É impossível a gente se desvencilhar disso tudo. Minha mãe dizia que o pecado não é o ato, é o pensamento. Não tem como a gente fugir da nossa própria consciência. Nossos pensamentos são livres. Se a gente faz um esforço pra não pensar, não desejar isso ou aquilo, é em vão. É loucura tentar ser o crente que a religião prega. A terra corre nas nossas veias. Essa própria terra aqui, nossa natureza, nosso trabalho, nossas casas, nossos amigos e nossas famílias. Quando eu vejo um crente depondo contra isso, não deixo de pensar que ele, na verdade, é quem está se impondo contra o princípio de Deus. Deus é a própria natureza. Se a gente serve a natureza, que a gente faz parte, a gente tá servindo a vontade Dele. Por que Deus teria, então, dado ao homem o livre-arbítrio? A gente tem mais é que gozar disso tudo. Gozar, meu filho. A vida passa rápido. Tantos dos nossos (companheiros de comunidade) já foram embora, deixando saudade. Mas viveram. Não se privaram de nada (Entrevista, 2022).*

Morin (2015, p. 42) expõe que “se o sujeito reflete o mundo, isso pode também significar que o mundo reflete o sujeito”. Se o mundo se apresenta dessa maneira, é porque a sociedade o constituiu dessa forma. Tudo aquilo que enxergamos são nossas concepções de vida, os ruídos de nossa própria existência. Nós somos constituídos dos mesmos materiais que formam as estrelas, pois somos formados de átomos. “Os átomos, em suma, são muito abundantes. [...] São fantasticamente duráveis. [...] Cada átomo de seu corpo já deve ter passado por várias estrelas e feito parte de milhões de organismos no caminho até você” (BRYSON, 2005, p. 144). Portanto, esse é o conceito científico de imortalidade. A imortalidade não é, necessariamente, oriunda da prática religiosa. Quando nos desintegramos, os átomos de nosso corpo irão em busca de outra coisa para compor. Se pensarmos bem, de fato, como apregoou Turmalina, nós somos o próprio mundo. Somos o resultado da matemática precisa do intrincado sistema que forma o universo.

Sagan (2008, p. 51) defende que, “se um Deus existe, [...] vai preferir que Seus devotos admirem o universo em toda a sua totalidade [...]. Minha crença [...] é que, se existe um Deus do tipo tradicional, nossa curiosidade e nossa inteligência não são dadas por esse mesmo Deus”? O ponto que a ciência defende é a de que se Deus nos dotou de expertise, é porque queria que explorássemos todo nosso potencial humano. Que descobríssemos os fundamentos de Sua obra. Que contestássemos as falácias sobre as quais qualquer forma de religiosidade busca sustentar sua ideologia.

Essa concepção universal humana é encontrada nos povos tradicionais. É em razão dela que é tão difícil implantar um sistema religioso que não compactua com o macrocosmo que constitui sua cultura. O careirense resiste pela composição daquilo que o nutre: as relações sociais e a natureza. Para ele, humanidade e natureza caminham juntas. “Só existe objeto em

relação a um sujeito” (MORIN, 2015, p. 41). Munduruku (2019, p. 50), ao se referir à pesquisa da antropologia que tem estudado os povos tradicionais, “[...] chegou à conclusão de que essas, são, na verdade, sociedades sem poder, ou seja, nelas não há uma pessoa que mantenha o poder em decorrência apenas de um carisma pessoal”.

Ora, essas sociedades são livres, e primam por sua liberdade. A sua estrutura não é hierárquica, embora exista um cacique para os indígenas, e uma autoridade política para os povos tradicionais não indígenas, a sua forma de organização é coletiva. Ela acontece do todo para o centro comunitário, não do centro para o todo. Ela só funciona pela força independente, mas paradoxalmente coletiva, das partes.

A respeito de como a comunidade era e o que ela se tornou após a chegada da religião evangélica, Turmalina desenha o seguinte quadro:

*Do tempo da minha vivência, desde que cheguei aqui, muitas coisas foram mudadas. A nossa forma de conviver, o respeito, a comunidade mesma, já não é como antes. Aqui a gente não tinha essas diferenças. Era todo mundo bem unido, de todos ajudarem todos, do problema de um ser o problema de muitos. Isso ainda existe, mas com menor força. Nossas relações agora são muito mais cordiais que amistosas. A gente ainda divide a comunidade, as experiências, chora e ri junto, como foi nessa época do vírus (covid-19), mas nossos laços não são os de antes. Os crentes interferem em muitas coisas, e tem gente aqui, como eu, que não aceita. Já vieram aqui me visitar e falar dos meus santinhos, do meu terço, que não deviam estar aqui. Quem eles pensam que são pra dizer o que é certo ou errado? Pra gente organizar qualquer coisa, é sempre uma dificuldade. Festa agora é uma fraqueza. Não tem mais as procissões. Acho que até os santos foram embora daqui (Entrevista, 2022).*

Mariano (2014, p. 193) argumenta que “quanto à esfera do lazer, os pentecostais tradicionalmente a consideram antro de perdição por estar intimamente associada aos vícios, desejos e prazer da carne ou por denotar apego às coisas do mundo”. Dessa referência vem o seu incessante combate à forma como os povos tradicionais produzem o seu sentido de vida. O cristianismo, quando se trata de seu *ethos* e de sua moral, sustenta em seu histórico uma veia opressora que decompõe a cultura amazônica, seu folclore e suas formas de lazer, quando eles não são substituídos por prazeres modernos. Morin (2018, p. 55) aponta que “as velhas festas patronais das aldeias muda de conteúdo: as antigas danças, os antigos jogos desaparecem para dar lugar [...] às corridas de ciclistas, às gincanas, e outros jogos popularizados pelas *mass-media*”.

Atualmente, as festas de santo, outrora carro-chefe dos festejos da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo, tem dado lugar às rinhas de galo e às corridas de cavalo – sendo o último

o principal evento local –, promovidos pelos donos do capital. São fazendeiros que, em sua maioria, se autodenominam evangélicos. “Certos temas folclóricos são absorvidos pela cultura de massa e, com ou sem modificações, são universalizados” (MORIN, 2018, p. 55). Paradoxalmente, é a produção de sentidos antimundano promovido pela igreja Assembleia de Deus que abre a comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro para ser impregnada pela cultura dita mundana.

Essa nova forma de lazer, das rinhas de galo e das corridas de cavalo, não são combatidas pela religião evangélica, sobretudo porque quem as promove são uma parte do grupo que frequenta a IEADAM. Essas novas modalidades são formas de agressão à natureza, visto que os galos travam batalhas violentas até a morte, enquanto os cavalos são impregnados por uma substância que os deixa agitados, a fim de que a única alternativa para eles é correr, numa vã tentativa frustrada de se livrar da química que os aflige.

As asserções supracitadas deixam claro que o evangelho é trabalhado da forma que é mais conivente à atuação da igreja, independentemente de qualquer referência bíblica. Os mais abastados são os principais “patrocinadores” da igreja. Se a congregação necessita de um telhado novo, de um ventilador, de uma rede de proteção, de uma lancha, de um motor, ou da morte de boi, seus membros sempre estão de prontidão, de modo que esses dizimistas, naturalmente, jamais serão incomodados pela IEADAM.

A impressão deixada pelas narrativas de Turmalina é que o evangelho pentecostal só serve ao lado de menor recurso da comunidade, ou melhor, serve para submeter a classe mais baixa às vontades da classe mais alta. Nietzsche (2019, p. 39) explica que “o cristianismo quer se tornar senhor de animais de rapina; sua estratégia consiste em torna-los doentes – o enfraquecimento é a receita cristã para a domesticação, para ‘civilizar’”.

Mas os povos tradicionais são resistência. Mesmo os de menor poder aquisitivo resistem, seja pela ação dos movimentos sociais, ou pelas associações mutualistas de seus membros. A comunidade subleva seus imperativos. Ela se reconhece como força produtiva. É seu fator interno que dá a ela a sua razão de existir. As forças externas, inclusive da natureza, só são bem recebidas se a intenção for contribuir. Qualquer coisa diferente disso é empurrada para a margem.

Capra (2006, p. 158) determina que “[...] a natureza [...] se revela [...] mais parecida com a natureza humana. [...] A maneira apropriada de nos aproximarmos da natureza [...] não é pelo meio da dominação [...], mas sim por meio do respeito, da cooperação, do diálogo”. Esse é o sentimento incutido na mente e, sobretudo, no coração do careirense. No período colonial, os povos tradicionais indígenas não tiveram êxito em se desvencilhar do controle europeu,

encontrando no apoio religioso, sobretudo na figura do jesuíta, a fementida proteção que lhe assegurava a sua saúde física, posto que a cultural já havia sido dizimada.

“Os índios<sup>54</sup> considerados como um segmento social, [...] não conseguem criar, unitariamente, uma força política capaz de romper com a dominação colonial” (SILVA, 2012, p. 140). Mas os tempos são outros. A luta agora não é mais física, é ideológica, e a organização comunitária dos povos tradicionais está sempre pronta para agir contra os opressores religiosos que, antigamente, fingiram os proteger.

Turmalina explica como foi que os evangélicos começaram a ganhar espaço na comunidade

*Eu não sei exatamente quando foi (o ano) que eles vieram, mas eu lembro que teve muita confusão nessa época. O pessoal da comunidade quebrava o pau e expulsava mesmo, às vezes na pancada. Ninguém aceitou. No começo era só um, dois, que queriam pregar no meio das nossas festas, em bar. Mas eles sempre eram expulsos. Eles não eram daqui mesmo, de Nossa Senhora, vinham de Manaus, da vila, sei lá. Mal desciam aqui e já voltavam pra rabetá. Os donos de comércio não vendiam pra eles. Tinha gente que negava até água, o que não se faz a nenhum cristão, só pra eles não terem mais força pra falar. Garganta seca não funciona. Mas esse pessoal é persistente, tanto que eles estão aqui, já tem um monte de igreja nas comunidades, e eles continuam se espalhando como câncer. O negócio já ficou tão grande que não tem nem como combater. Eu não suportava eles. Naquela época eles eram bem chatos. Teve domingo que eles atrapalhavam a missa. Era um desrespeito enorme. Mas eles nunca tiveram vergonha. Aí tinha gente que adoecia, eles vinham. Gente que tinha morrido, eles vinham conversar com os parentes, compartilhavam do luto. Eles foram ganhando a simpatia do povo. Tanto que começaram a ministrar na nossa igreja católica, mas a gente não aceitou. Aí eles fundaram a igreja deles e estão aí até hoje. Hoje eu até poderia ir no culto deles, apesar de eles não terem a mesma consideração pela gente. Mas é a gente cá, eles lá. Assim a gente vai vivendo (Entrevista, 2022).*

Berger (1985, p. 55) aponta que “o esquema microcosmo/macrocosmo da legitimação da ordem social [...] sofre transformações nas civilizações mais antigas desenvolvidas. Essas transformações são [...] inevitáveis com certo desenvolvimento do pensamento humano”. Ora, a religião evangélica seguiu uma tendência, além do caráter estático do catolicismo. O espaço dado ao evangelismo surge por meio da inevitabilidade de estagnar o desenvolvimento humano. Nossos processos, em sua maioria, são mentais. Pela impossibilidade de nivelamento das consciências, sobretudo numa comunidade pretensamente homogênea, como é a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, o processo só é um pouco mais lento. Deduz-se, portanto, que as bases do catolicismo não são projetadas forte o suficiente para impedir que uma nova ordem religiosa

---

<sup>54</sup>O termo correto hoje é indígenas.

seja instalada nas comunidades amazônicas, visto que, apenas no pequeno município do Careiro da Várzea, a IEADAM já possui 52 congregações.

Para explicar a sua saudade, Turmalina cantou um samba que ela identificou como da Velha Guarda da Vila Isabel<sup>55</sup>, “Ah! Quantas lágrimas eu tenho derramado, só em saber que não posso mais, reviver, o meu passado. Eu vivia cheio de esperança... e de alegria. Eu chorava, eu sorria. Mas hoje em dia eu não tenho mais a alegria de tempos atrás” (BUARQUE, 1975) (Entrevista, 2022). O samba a que Turmalina se refere é uma música interpretada por Cristina Buarque, de autoria de Manacéia, na década de 1970. Uma música que lamenta a impossibilidade de retomar a juventude.

*Eu tenho muita saudade daquele tempo. Não só dos amigos que já se foram. Muitos. Eu sinto. Dá uma angústia no peito, mas eu sinto mais saudade da comunidade, daquilo que a gente fazia. Da nossa alegria. É até difícil explicar. Era uma coisa natural, uma forma de viver de verdade. Eu sinto. Eu sinto muito. Parece até que esse sentir é lamento, mas não é, é falta mesmo. Mas a gente não pode voltar. A pedra atirada jamais volta. A gente vive e só espera que tenha valido a pena. Se posso falar da minha vida, é que ela valeu. Valeu muito. Sou uma velha realizada!* (Entrevista, 2022).

Nas muitas vivências dos povos tradicionais, a ausência é presença. O ser que sente falta é capaz de transmutar a angústia ou saudade em uma espécie de ente que é ao mesmo tempo abstrato e material. Heidegger (2015, p. 443) explica que “se o deixar e fazer em conjunto não aguardasse ‘desde sempre’ aquilo de que se ocupa e se o aguardar não se temporalizasse na unidade com sua atualização, a presença jamais poderia ‘achar’ que algo está faltando”. Todas as relações na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro são temporais, mas também são atemporais. São intangíveis e ao mesmo tempo palpáveis. São vislumbradas por uma perspectiva diacrônica, mas é estática, onde passado, presente e futuro se misturam.

A própria comunidade faz parte da comunidade, ela é um ente, ainda que não seja humano, é um organismo vivo, como o tecido do universo que se curva pela pressão da matéria, como a força que sustenta suas interações. Comunidade e humanidade, no macrocosmo dos povos tradicionais, são uma coisa só. Essa saudade daquilo que “a gente faz”, como acentuou Turmalina, se refere a ela e ao espaço onde sua vivência foi e ainda é dada.

Se, por via de um experimento, a comunidade desaparecesse, ela permaneceria viva na memória e nos corações de seu povo. Não importa onde essas pessoas estivessem, tal qual uma concha que, independentemente da distância do mar, transporta o som de um oceano inteiro, a

---

<sup>55</sup> Escola de samba da cidade do Rio de Janeiro

comunidade permaneceria viva. Ainda assim, ela seria presença. Heidegger (2015, p. 455) esclarece que “o mundo não é algo à mão nem algo simplesmente dado. Ele ‘é’ ‘presença’ [...]”. Se não existir presença alguma, nenhum mundo se faz ‘pre’-sente”. O sujeito só existe por meio de suas relações com o mundo.

A forma de desligamento com o material, que o pentecostalismo propõe, se trata de uma violência simbólica exercida contra os povos tradicionais. A relação não pode ser considerada sagrada se o *ethos* e a moral religiosa afetam o equilíbrio e a permanência da malha social. Capra (2006, p. 40) expõe que “[...] as propriedades essenciais de um [...] sistema vivo, são propriedades do todo [...]. Elas surgem das interações [...] entre as partes. Essas propriedades são destruídas quando o sistema é dissecado, física ou teoricamente [...]”. Ora, notoriamente, a religião evangélica causa rupturas na malha social da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, de modo que a relação não é saudável, nem para os membros que a compõe, nem para a própria comunidade, que é ente.

#### Turmalina complementa

*Antes dos crentes chegarem, a comunidade sempre se manteve. Esses serviços aí que eles dizem fazer, de cura, as rezadeiras faziam. Minha mãe era rezadeira. Ela resolvia qualquer problema. Se o problema era espiritual, nossa igreja (católica) sempre deu conta. Tinha uma senhora aqui, que morreu há muitos anos, que sabia tudo que era simpatia pra afastar o mal. Era essa a nossa tradição. De tristeza (depressão) a queda de cabelo, tudo as rezadeiras davam conta. O padre só vinha mesmo quando era pra missa, pra enterrar um morto ou pra alguma festa. A gente sempre se ajudou. Hoje ninguém mais vê rezadeira aqui. Ainda deve ter em outras comunidades. Mas nessas aqui próximas, não se vê mais nenhuma. Pelo menos onde a igreja evangélica está, essa profissão desaparece. Nas comunidades aqui de perto, não tem. Eu sempre acompanhava a minha mãe nas rezas, era uma coisa bonita. Um ato de bondade. Era uma declaração de amor aos nossos irmãos de comunidade. Eu vi muitos nascimentos feitos pelas parteiras, que é outra profissão que sumiu. Era lindo. Mas para o crente, isso tudo é associação com o mal. Quando eu me engasguei com uma espinha de peixe, na minha infância, foi a minha mãe que tirou pela fé dela. Nem água nem farinha davam jeito de a espinha descer. Minha mãe rezou e o problema foi resolvido. A nossa gente é feita dessas coisas. A gente precisa de misturar realidade e coisas que não dão pra explicar. Eu acredito nas coisas sobrenaturais, nos espíritos da natureza, porque eu vivi eles. Eu tive as minhas experiências. Alguns até podem não acreditar (Entrevista, 2022).*

Quando entrevistamos os comunitários para elaborar o item anterior, sobre as vozes dissonantes a respeito da ação da IEADAM na comunidade, o ofício das rezadeiras não apareceu em nenhum depoimento, a não ser esse de agora, dado por Turmalina. O ofício da reza é realizado, sobretudo, por mulheres, mas existem homens que realizam esse trabalho. Araújo

(2008, p. 110) explica que “rezas, benzeduras e cumprimentos de promessas revelaram uma prática religiosa sincrética. Era a junção de pajelança indígena, dos cultos afros, do catolicismo lusitano e das experiências que surgiram no cotidiano”. Prática que mais tem a ver com caridade, com compromisso, visto que quem exerce esse ofício não aceita pagamento, pelo menos não no sentido tradicional. Contudo, sua composição possui tudo aquilo que a religião pentecostal combate, daí o desaparecimento, ou afastamento, desses ofícios onde as igrejas evangélicas se estabelecem.

A própria composição da religiosidade amazônica é múltipla, e difere da proposta cartesiana que os evangélicos acreditam. Schweickardt (2022, p. 99-91) aponta que “a religião praticada [...] na Amazônia [...] estava impregnada [...] de elementos mágicos que traziam da Europa, e de outros [...] acrescentados no contato com os povos afros e ameríndios”. A religião no Amazonas é sagrada e profana, ela precisa das duas formas de concepção do mundo para que atinja o seu objetivo.

Durkheim (1989, p. 68) esclarece que as “[...] crenças, os mitos, os gnomos, as lendas são [...] sistemas de representações que exprimem a natureza das coisas sagradas, as virtudes, e os poderes que lhes são atribuídos, sua história, suas relações entre si e com as coisas profanas”. Sagrado e profano não são opostos, são complementos. O sagrado existe no campo do ser, das coisas metafísicas, espirituais, enquanto que o profano é o ente, o material, as experiências com o mundo palpável, palatável. É a relação do pescador com a vara, com a linha e com a malhadeira, enquanto o sagrado é a esperança de que o rio haverá de cumprir com as promessas divinas de que ao homem do campo a fartura jamais há de faltar.

Quando se trata da Amazônia, não houve declínio da magia, tampouco desencantamento do mundo, ao menos não no sentido completo, “[...] pois as próprias imagens sobre a Amazônia impediam que se separasse a natureza da cultura. [...] O mundo não é somente natural, mas também sobrenatural, havendo um comércio entre os deuses e os espíritos” (SCHWEICKARDT, 2002, p. 80). Romper essa estrutura é retirar dos povos tradicionais uma das maneiras de eles manterem ser e ente em equilíbrio.

A ação evangélica até pode tentar imprimir os seus sentidos de vida nas mentes do povo que forma a comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, sem, contudo, atingir, ao menos satisfatoriamente, a sua meta. Sobre essa realidade, as instituições religiosas, como é o caso da igreja católica da comunidade em questão, Berger (1985, p. 188) argumenta que elas podem contar “[...] com laços tradicionais que refreiam certos grupos da população com relação a uma liberdade muito drástica de escolha religiosa – em termos de mercado, ainda há forte ‘lealdade

ao produto’ entre certos grupos de ‘velhos fregueses’”. Enquanto houver comunidade tradicional, a força religiosa local há de prevalecer.

Turmalina nos conta que por inúmeras vezes

*Eu fui chamada pra servir ao Deus dos crentes. Desde quando eles chegaram na comunidade, até hoje eu recebo convite. Se fosse pela propaganda, o Deus deles é mesmo infalível. Não existe povo mais fiel. Mas eu não abandono meus santos das causas impossíveis. Acredito que não dá pra Deus saber e fazer tudo, por isso ele precisa desses auxiliares, os anjos, os santos. A gente só tem que escolher aquele que mais se aproxima da nossa causa. Aqui é a Virgem Maria ou São Lázaro, mas a gente gosta dos outros também. Tudo que vier somar com nossa causa é bem-vindo. Não tinha um dia que meu marido saísse pra pescar sem que a gente rezasse pra que São Lázaro o protegesse. Ele voltou todas as vezes. Morreu porque tinha que morrer. O tempo não tem piedade, principalmente com quem é velho. A gente viveu no melhor tempo que essa comunidade já teve (Entrevista, 2022).*

O conceito de tempo, no depoimento de Turmalina, é permanente, é presente. Essas vivências são atuais justamente porque são dadas no ser. Turmalina traz consigo as lembranças que são aquilo que mais fielmente lhe constituem enquanto ente, portanto o ente, tal qual a memória, é atemporal. “A substância do homem é a existência” (HEIDEGGER, 2015, p. 282). Turmalina existe tanto no tempo presente como no tempo da sua memória, embora, em um dos casos, apenas ela tenha acesso por meio de sua consciência.

A comunidade de outrora não é a mesma, ela se configurou – e se reconfiguraria, de toda maneira – por meio da ação do tempo. Mas o tempo, para alguns de nós, é apenas um detalhe. Numa comunidade tradicional, o tempo é passado por meio das interações que ocorrem em sua malha, pela oralidade e pelas experiências divididas pelos mais velhos com os de idade mais tenra, que se tornam atuais pela tradição experimentada. Quando se trata das comunidades tradicionais, “[...] o poder não está concentrado na pessoa. O poder pertence, sobretudo, à comunidade. Esta, sim, tem um poder soberano, muitas vezes formalizado pela palavra de um conselho de anciãos que decide o que todos – inclusive o cacique, devem fazer” (MUNDURUKU, 2009, p. 50). A comunidade é ativa pela força coletiva e igualitária de seu povo. É por isso que ela vive, é desse modo que ela pulsa, tal qual um coração, produzindo a si mesma. Essas asserções trafegam muito distantes da relação de alteridade proposta pelo evangelismo pentecostal.

A religião evangélica, naturalmente, produz os sentidos de vida de parte dos comunitários, daqueles que, por alguma razão, adotaram o *ethos* e a moral religiosa da IEADAM; seja pelo interesse político, econômico, espiritual ou profissional, eles se

submeteram aos seus dogmas em busca de uma nova identidade social ou de atenuar seus próprios pecados. Os motivos são distintos, posto que cada ser é único, preenchido com idiossincrasias que só fazem sentido às suas consciências.

Turmalina encerra sua narrativa:

*Se a gente tivesse que se separar do mundo, esquecer o mundo, como os crentes dizem, por que a gente haveria de ser enterrada na terra? Talvez o espírito da gente seja outra coisa, que eu ainda não sou. Se Deus me deu esse corpo foi pra colocar ele em contato com as coisas que eu tanto amo, que são a minha comunidade, a minha família, os amigos que já se foram e os que ainda permanecem aqui. Os que vêm me visitar, seja pra “jogar conversa fora”, tomar café, falar da vida de alguém. Não importa. Ninguém muda de comportamento assim, do nada. Meu filho, são anos sendo desse jeito. ‘Pau que nasce torto, permanece torto’. É até uma falta de consideração com Deus, no final da minha vida, eu mudar e viver, a partir de agora, depois de ter me gastado toda nas festas, na bebida, nas danças e nas coisas que eu acredito, que tenho fé, pra poder garantir uma vaga lá em cima. Deus é um só, mas também é todas as coisas. Ele sabe do que nós somos feitos, o que somos, o que pensamos e o que fazemos. Se somos assim, é porque Ele deixou que a gente fosse. O que eu não vou é mudar o comportamento das pessoas, obrigar elas a se curvar a uma coisa que eu acredito, como eles (os evangélicos) fazem. Tenho obrigação, sim, com Deus, e sou grata a tudo que Ele me permitiu viver nesses 81 anos em que estou nessa terra, mas minha obrigação primeira é com a minha felicidade. O que vem depois, só Deus sabe. Ele haverá de entender (Entrevista, 2022).*

Bauman (2003, p. 133-134) explica que, independentemente de qualquer força externa, “[...] somos todos interdependentes [...]. O que quer que nos separe [...], torna a administração dessas tarefas ainda mais difícil. [...] Precisamos ganhar controle sobre [...] os desafios da vida – mas para a maioria de nós esse controle só pode ser obtido coletivamente”. Nossa Senhora do Perpétuo Socorro resiste às forças externas que tentam de toda maneira decompor aquilo que a sustenta: o seu povo.

Recentemente, voltamos a entrar em contato com Turmalina, assim como com os outros participantes da pesquisa, a fim de saber se eles tinham novas informações a passar. Os outros, nada comentaram, mas Turmalina foi categórica nas suas palavras, e disse uma frase que é inerente à riqueza da sua personalidade: “tudo já foi dito e não me arrependo” (Entrevista, 2022). Encontramos a mulher mais velha da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro gozando de boa saúde e com perfeito domínio sobre suas faculdades mentais. Ela nos convidou, quando fosse seguro, para visita-la presencialmente, assim que a pandemia do Novo Coronavírus estivesse, pelo menos, satisfatoriamente controlada. Ela manifestou a vontade de visitar os seus melhores anos por meio dos nossos diálogos.

Turmalina demonstra que a comunidade Nossa Senhora do Perpétuo permanece viva. O lugar transcende o tempo, se reconfigurando à mercê da vontade dos povos tradicionais. Embora ações externas tentem alterar seu macrocosmo, a força da comunidade permanece ativa. Ela resiste, como um ente que é membro dela mesma. A comunidade é mais um dos comunitários, é parte integrante da natureza humana, fortemente alicerçada na sua cultura. Tal qual a variedade de cores das pedras de Turmalina, por mais divergentes que sejam os meios para muda-la, ela sempre haverá de se adaptar sem perder sua essência. As cores até podem parecer opacas por enquanto, mas a comunidade sempre guardará a força e o brilho que esteve com ela desde o seu surgimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A maioria das religiões antigas era local e exclusiva. Seus seguidores acreditavam em divindades e espíritos locais, e não tinham nenhum interesse em converter toda a raça humana / Há 70 mil anos, o Homo sapiens era ainda um animal insignificante levando sua vida num canto da África. Nos milênios seguintes, ele se transformou no dono de todo o planeta e no terror do ecossistema. Hoje, está prestes a se tornar um deus, capaz de conquistar não apenas a juventude eterna como também capacidades divinas de criação e destruição*

(Yuval Noah Harari)

A hipótese de que a Igreja Evangélica Assembleia de Deus, por meio do seu *ethos* e de sua moral religiosa, produz os sentidos de vida da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, localizada no município de Careiro da Várzea, Amazonas, se confirmou parcialmente, visto que o pentecostalismo tem influência de apenas uma parte menor da comunidade, formada, em sua grande maioria, por aqueles que dispõem do maior capital. A outra parte resiste às sucessivas investidas dos evangélicos, sem, contudo, sair ilesa desse processo, justamente pelo caráter de interdependências desses povos.

Ainda que a influência da IEADAM seja parcial, a sua ação é sentida por todos os comunitários, visto que os povos tradicionais são constituídos por uma intrincada malha social, onde todos os seus membros são partes de sua sustentação, fundamentais para manter seu equilíbrio e a sua coesão. Quando um desses membros se desvia, toda a estrutura sente a modificação. Pelo seu caráter coercitivo, a ação evangélica decompõe as fortes relações entre a natureza e esses povos, o que não só caracteriza uma grave ruptura no seu sistema cultural, como contribui para a desestruturação do sentimento de irmandade que todo o grupo compartilha.

Observamos que a IEADAM, embora tenha contribuído em muitos aspectos para a comunidade, sobretudo no incentivo dos jovens ao estudo e ao trabalho, bem como no combate às drogas ilícitas e nas ações para controlar a proliferação do Novo Coronavírus, ou na mudança de comportamento de um esposo que era violento com a esposa, sua ação se traduz muito mais em impasses para a sociabilidade local. Notamos que a congregação afeta diretamente a convivência dos povos tradicionais, seja por sua omissão no caso de crimes tão graves, como o estupro, tendo em vista que a igreja não tomou nenhuma atitude a respeito dos casos, nem mesmo utilizou seu espaço de culto para ministrar contra esses desvios de conduta, seja pela

questão do cemitério, pelos impedimentos da forma de lazer ou da influência da relação de amizades desfeitas.

Foi possível perceber que a IEADAM não interfere apenas nos processos mentais, ela altera a própria geografia do lugar, numa espécie de *apartheid* entre evangélicos e católicos, visto que as pessoas estão aproveitando o processo de erosão fluvial para afastar suas casas das moradias cujos habitantes professam uma fé diferente. A religião evangélica cria zonas que separam os de maior poder aquisitivo daqueles que possuem menor poder aquisitivo, representados, respectivamente, por evangélicos e católicos. Essa ação é muito prejudicial para a comunidade, que não consegue resolver coletivamente seus principais problemas sem inserir questões religiosas na discussão.

Sobre o cemitério, além de se tratar de uma questão biológica, é também uma questão espiritual. Embora os comunitários tenham a intenção de resolver o problema, o impasse trazido pela ação evangélica tem sido bastante prejudicial nesse processo. O sofrimento é redobrado pela impossibilidade de preservar os corpos de seus entes queridos. É uma espécie de luto revivido. Um segundo adeus, que afeta os processos mentais da comunidade.

A IEADAM também interferiu na saúde conjugal de um casal, sendo apontada, pelo ex-marido, como a facilitadora do seu processo de separação, uma vez que ele começou a produzir seus sentidos de vida por meio do *ethos* religioso evangélico, enquanto a sua ex-esposa permaneceu fiel ao seu lazer. A separação o fez romper com a igreja. O homem retornou ao seu antigo modo de vida, contudo não tenha sido mais possível reaver seu casamento.

Os impedimentos oriundos do evangelismo são ainda mais nocivos para o catolicismo local. A IEADAM tenta de todas as maneiras combater o *ethos* religioso católico, associando seus ritos à idolatria e ao culto a forças malignas. Os evangélicos não têm pelos católicos o sentimento de irmandade que os católicos têm por eles. A asserção que ratifica essa realidade é o fato de que os evangélicos não devolvem a gentileza dos católicos ao ir às suas festas.

O evangelismo nas comunidades tradicionais se assemelha ao processo imperialista do colonizador europeu. A proposta é submeter os povos tradicionais àquilo que sua religião preconiza, sem levar em consideração o processo de desculturação e as rupturas das tradições de fé que sempre fizeram parte desses agrupamentos. A IEADAM busca ocupar o território e alterá-lo à sua própria vontade. Seus meios de atuação, embora sejam aparentemente repletos de boas intenções, não demonstram respeito pelo modo de vida dos povos tradicionais. Para os evangélicos, sempre há de prevalecer os seus impedimentos.

No campo do lazer, as restrições são apenas para o lado católico da comunidade, que é censurado por jogar futebol, dominó ou baralho, enquanto os membros da igreja evangélica, os

mais abastados, não são censurados pelos maus tratos aos animais, como na corrida de cavalo e na rinha de galo. A questão é que aqueles que patrocinam esses esportes que abusam dos animais irracionais são os mesmos que patrocinam as obras da congregação evangélica.

Ainda que a ação da IEADAM esteja notoriamente em desacordo com os modos de vida dos povos tradicionais, ela consegue se manter em franco funcionamento na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, embora o cenário não pareça alterar. Em contrapartida, já são 52 congregações apenas no Careiro da Várzea. É provável que a abertura da IEADAM para uma proposta neopentecostal tenha contribuído para o sucesso da sua expansão.

A Assembleia de Deus tem se reproduzido por todo Estado do Amazonas, assim como muitas outras congregações evangélicas, em velocidade parecida com a contaminação pela Novo Coronavírus no pico da pandemia. Embora ela encontre facilidade em se proliferar nos centros urbanos, ela perde força no contexto rural, sobretudo no seio dos povos tradicionais. O homem e a mulher do campo são constituídos por idiosincrasias totalmente diferentes, sincréticas, que agregam tanto os sentidos sociais, quanto os metafísicos e materiais, reforçados pela aura espiritual que compõe o catolicismo.

Um dos fatores que ratificam o crescimento do movimento evangélico tem a ver com o desenvolvimento de uma nova corrente pentecostal intitulada *The Send*, ou O Envio, em tradução livre, oriundo dos Estados Unidos, cujo objetivo é converter os jovens, por meio da ministração *pop*, sem, contudo, deixar de lado o seu caráter regulador. As suas igrejas são tomadas por neon e fumaça, a fim de dar a elas uma aura de *show* com características mundanas, mas que não passa de um estratagema para atrair os jovens.

Ainda existem poucas pesquisas acerca desse novo fenômeno religioso, mas o seu surgimento e rápido crescimento são o ateste de que o evangelismo acompanha as tendências do mundo. Essa habilidade “camaleônica”, ainda que usemos uma metáfora com a natureza, não se realiza no seio da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, ao menos não satisfatoriamente. Provavelmente, esse processo também vai encontrar resistência no seio das outras comunidades tradicionais, sobretudo pela experiência religiosa baseada no culto aos santos.

O macrocosmo dos povos tradicionais é matéria, natureza, abstração, mito, lazer, comunicação, tradicionalismo, sagrado e profano. É composição imaterial, é química e física. Transita pelo sobrenatural e o inexplicável. Na realidade, são os fenômenos, e os causos contados, que rendem a sua mais autêntica forma de sociabilidade: a relação intrapessoal. Combater essa cultura é dessacralizar aquilo que melhor representa o senso de comunidade tradicional.

O que a igreja evangélica propõe é uma drástica mudança de comportamento, que logrou êxito na classe mais alta daquela sociedade, mas que não é bem-vinda pela classe mais numerosa, a de menor poder aquisitivo, sobretudo porque ela é sustentada pelo comprometimento das lideranças e dos movimentos sociais. Um dos fatores de maior dissonância na atuação da IEADAM é justamente o seu caráter passivo e agregador, que possibilita a um criminoso, no caso do pastor que cometeu transgressão física em sua passagem pela congregação, e um suspeito de ter cometido o crime de estupro contra duas menores de idade, cujo fator agravante é a pedofilia, permanecerem isentos, na visão evangélica, de qualquer sanção moral em razão dos seus atos.

A impressão, após a realização da pesquisa de campo, é que as vítimas, mulheres, são, em termos sociais, sumariamente silenciadas e desacreditadas por um evangelho que contribui com os mecanismos que sustentam o patriarcado. Parte dessa realidade permanece atuante quando se analisa a performance do Ministério de Mulheres da IEADAM, na medida em que ele é o principal mecanismo de atuação, tanto religioso quanto na assistência social, nos mais variados campos da condição humana. Não obstante, as mulheres são pouco valorizadas no seio da congregação, sendo o sucesso do seu trabalho apenas um reflexo da pretensa competência administrativa do pastor João Ramalho.

Reiteramos, portanto, ao ponderarmos os pontos assertivos e negativos da ação de uma igreja pentecostal no seio de uma comunidade tradicional amazonense, que ela é nociva, pois mais prejudica do que contribui na produção dos sentidos dos comunitários. Ainda que a religião seja uma das forças indissociáveis para a consolidação do seu modo de vida, a fé transgressora dificilmente ocupará espaço na maioria das consciências das pessoas que dão vida à comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ALENCAR, Gedeon Freire de. **Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia – 1911-2011**. Tese de Doutorado em Ciências da Religião. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

ALENCAR, Gedeon Freire de. **Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus: Assembleia de Deus - origem, implantação e militância nas quatro primeiras décadas - 1911-1946**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais e Religião. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno. Agroestratégias e Desterritorialização: os direitos territoriais e étnicos na mira dos estrategistas dos agronegócios. In: **O Plano IIRSA na visão da Sociedade Civil Pan-Amazônica**. Alfredo Wagner Berno de Almeida & Guilherme Carvalho, (org.). Belém: Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional/FASE; Observatório COMOVA/UFPA, 2010, p. 57-105.

ALMEIDA, Erinelma de Azevedo. **Rede de proteção a crianças e adolescentes em situação de violência sexual na cidade de Manaus**. Dissertação de mestrado em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2020.

ALMEIDA, Rute Salviano; PINHEIRO, Jaqueline Sousa. **Reformadoras: mulheres que influenciaram a reforma e ajudaram a mudar a igreja e o mundo**. Rio de Janeiro: GodBooks, 2021.

AMETISTA. **Entrevista**. [Jun. 2022]. Entrevistador: Felipe Magno Silva Pires. Manaus, 2022.

ARAGÃO FILHO, Iran Lima. **Religião e gênero: o imaginário sobre o lugar da mulher na igreja neopentecostal**. 2011. 87 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). Departamento de filosofia e teologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiás, 2011. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/831/1/IRAN%20LIMA%20ARAGAO%20FILHO.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2022.

ARAÚJO, Ordália Cristina Gonçalves. Entre o real e o ideal: a tentativa de protestantização do campo religioso goiano. In: SERPA, Élio C., MAGALHÃES, Sônia M. de (Orgs.). **História de Goiás: memória e poder**. Goiânia: Ed; da UCG, 2008

ARISTÓTELES. **La politique**. Paris: Vrin, 1982.

ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ASSIS, Machado de. Ideias de Canário. In: ASSIS, Machado de. **Páginas Recolhidas**. São Paulo: Globo, 1997.

ATWOOD, Margaret. **O conto da aia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

AUGUSTO, Jackson. The Send: o que está por trás do plano de evangelização em massa no Brasil. In: **The intercepted Brasil**. 2022. Disponível em: <[www.theintercept.com/2020/08/12/the-send-plano-de-evangelizacao-em-massa-brasil/](http://www.theintercept.com/2020/08/12/the-send-plano-de-evangelizacao-em-massa-brasil/)>. Acesso em: 20 maio 2022.

BANDINI, Claudirene. **Religião e política**: a participação política dos pentecostais nas eleições de 2002. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2003.

BAPTISTA, Douglas Roberto de Almeida. **História das Assembleias de Deus**: o grande movimento pentecostal do Brasil. Curitiba: InterSaberes, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BERGER, Pierre. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

BEZERRA, Antonio Carlos Marinho. **Careiro da várzea**: história, memórias, atualidades. Manaus: Editora Valer, 2016.

BÍBLIA. Gênesis. Português. In: **Bíblia Sagrada**. Tradução do Novo Mundo. São Paulo: Associação torre de vigia de bíblias e tratados, 2015.

BÍBLIA. João. Português. In: **A Bíblia da mulher que ora**. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

BÍBLIA. João. Português. In: **Bíblia de estudo pentecostal**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: CPAD, 1995.

BITUN, R. **A igreja mundial do poder de Deus**. rupturas e continuidades no campo religioso neopentecostal. [Tese de doutorado]. São Paulo: PUC, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 7. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BRYSON, Bill. **Breve história de quase tudo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CÂMARA, Samuel. **Lições para a Escola Dominical**: centenário da Assembleia de Deus. Belém: Assembleia de Deus em Belém do Pará, 2011.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 2012.

CARRANÇA, Thais. Jovens ‘sem religião’ superam católicos e evangélicos em SP e Rio. In: **BBC Brasil**. 2022. Disponível em: <[www.bbc.com/portuguese/brasil-61329257](http://www.bbc.com/portuguese/brasil-61329257)>. Acesso em: 20 maio 2022.

CASTRO, Ricardo. **Entrevista**. [Jun. 2022]. Entrevistador: Felipe Magno Silva Pires. Manaus, 2022.

CEADAM. Mobilização Evangelística - 2020. Disponível em: <<https://ieadam.com.br/ceadam/>>. Acesso em: 19 dez. 2020.

CECÍLIA Maria **Entrevista**. [Jun. 2022]. Entrevistador: Felipe Magno Silva Pires. Manaus, 2022.

CEDRO. **Entrevista I**. [Jun. 2022]. Entrevistador: Felipe Magno Silva Pires. Manaus, 2022.

CGADB. **Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil** – Estatuto (2016). Disponível em: <[www.cgadb.org.br](http://www.cgadb.org.br)>. Acesso em: 30 dez. 2020.

CHAGAS, Conceição Corrêa das. **Interdição e sagrado**: um estudo sobre a identidade étnica de participantes de terreiros de candomblé no Estado do Rio de Janeiro. Tese de doutorado em Psicossociologia de comunidades e ecologia social. Rio de Janeiro: Universidade do Rio de Janeiro, 2011.

CUNHA, Euclides da. **Amazônia**: um paraíso perdido. Manaus: Editora Valer, 2011.

DAWKINS, Richard. **Deus**: um delírio. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DIAMANTE. **Entrevista**. [Jun. 2022]. Entrevistador: Felipe Magno Silva Pires. Manaus, 2022.

DIAS, Leonardo Guimarães Vaz. Gentios de curso: os Mura na conquista e colonização do norte da América português. In: **ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História**. João Pessoa: UFF, 2003.

DORNELLES, V. **Cristãos em busca do êxtase**. São Paulo: Unaspess, 2002.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Os irmãos Karamazov. São Paulo: Martin Claret, 1970.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Lisboa: Livros do Brasil, 1992.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: WMF, 2018.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**: seguido de “envelhecer e morrer”. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1980

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

EMBAÚBA. **Entrevista**. [Jun. 2022]. Entrevistador: Felipe Magno Silva Pires. Manaus, 2022.

ESMERALDA. **Entrevista**. [Jun. 2022]. Entrevistador: Felipe Magno Silva Pires. Manaus, 2022.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. De Lutero a Berg e Vingren: uma aproximação possível?! In: **Reforma Protestante e Pentecostalismo**: convergências e divergências. 1ª ed. Vitória: Unida, 2018.

FERNANDEZ, Cristiane Bonfim. **Infância violada**: políticas públicas de enfrentamento da violência sexual infanto-juvenil no Amazonas. Manaus: Edua, 2012.

FERNANDO, Adelson da Costa. **Nas teias do comunitarismo carismático católico**: uma análise sociológica da comunidade Vida Nova, em Parintins/AM. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) Escola de Formação de Professores e Humanidade, Pontífica Universidade Católica de Goiás: Goiânia, 2018.

FIGUEROA, Ana Claudia. Presença religiosa na Amazônia. **Pesquisa e Recriação**, n. 5, p. 1-10. PROPESP/EDURFO, 2002.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANÇA, Janderson. **Entrevista**. [Jun. 2022]. Entrevistador: Felipe Magno Silva Pires. Manaus, 2022.

FRANGIOTTI, R. **História das heresias (séculos I-VII)**: conflitos ideológicos dentro do cristianismo. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens**: um estudo da vida religiosa em ITÁ, Amazonas. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

GAMBINI, Roberto. **Outros 500**: uma conversa sobre a alma brasileira. São Paulo: Senac, 1999.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: L.T.C, 2017.

GERBER, Rose Mary. Entre particularidades e diversidade: a experiência de organização de famílias agricultoras de Santa Catarina, Brasil, no projeto Microbacias 2. In: WIGGERS,

Raquel; RATIER, Hugo; RODRIGUES, Cintya. **Comunidades rurais**: organização, associações e lideranças. Manaus: EDUA, 2012.

GRAFF, Harvey. **Os labirintos da alfabetização**. Poero Alegre, 1995.

GRANELL, Antonio Filol. **A rebelde**. 1914. Realismo. Disponível em: <File:AntonioFillol Granell-Larebelde(1914).jpg-Wikimedia Commons>. Acesso em: 17 fev. 2022.

GUEDES, Pedro. **Entrevista**. [Jun. 2022]. Entrevistador: Felipe Magno Silva Pires. Manaus, 2022.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens**: uma breve história da humanidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

HOLLOWAY, Richard. **Uma breve história da religião**. Porto Alegre: L&PM, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo demográfico**, 2010. Disponível em: <www.ibge.gov.br> Acesso em: 10 out. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo demográfico**, 2013. Disponível em: <www.ibge.gov.br> Acesso em: 11 out. 2020.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LINHARES, Juliana. Marcela Temer: bela, recatada e do lar. In: **Revista Veja**. 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em: 18 fev. 2022.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa: Rio de Janeiro: Forense, 2018.

MANACÉIA (es). Quantas lágrimas. In: BUARQUE, Cristina. **O fino do samba**. Rio de Janeiro: Clack, 1975. LP

MAPBOX. (2020). **Mapa de Careiro da Várzea, Amazonas**. Disponível em: <https://mapasapp.com/brasil/amazonas/careiro-da-varzea-am>. Acesso em: 11 out. 2020.

MARCOS, Mario; RODRIGUES, Zequinha (es). Sorte tem quem acredita nela. In: MENDES, Fernando. **Fernando Mendes**. Barueri: Odeon, 1976. LP.

MARSHALL, Peter. **Reforma protestante**: uma breve introdução. Porto Alegre: L&PM, 2017.

MARIANO, Ricardo. Laicidade à brasileira: católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. In: **Civitas**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, maio-ago, 2011.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 5. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MATOS, Gláucio Campos Gomes de. **Ethos e figurações na hinterlândia amazônica**. Manaus: Editora Valer/Fapeam, 2015.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Martins Fontes: São Paulo, 1996.

MILL, Stuart. **A sujeição das mulheres**. São Paulo: Lafonte, 2019.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no Século XX: o espírito do tempo**. Rio de Janeiro: Forense, 2018.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. Complexidade e ética da solidariedade In: CASTRO, Gustavo de; CARVALHO, Edgard de Assis; ALMEIDA, Maria da Conceição (ORGs.). **Ensaio de complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

MUNDURUKU, Daniel. **O banquete dos deuses: conversa sobre a origem e a cultura brasileira**. São Paulo: Global, 2012.

NEVES, Delma Pessanha; GARCIA, Ângela Maria. Santa Luzia do Boiá (AM): vida comunitária em consagração. In: WIGGERS, Raquel; RATIER, Hugo; RODRIGUES, Cintya (Orgs.). **Comunidades rurais: organização, associações e lideranças**. Manaus: EDUA, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. **O anticristo: ensaio de crítica do cristianismo**. São Paulo: Lafonte, 2019.

NOGUEIRA, Oracy. Os estudos de comunidade de comunidades no Brasil. In: **Reunião Brasileira de Antropologia**. Rio de Janeiro, 8-14 nov., 1953. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ra/article/download/110330/108906/198232>>. Acesso em: 7 maio de 2022.

OLIVEIRA, Betty Antunes de. **Metodistas no Brasil antes de 1900**. 2006. Disponível em: <[www.pibrj.org.br/historia](http://www.pibrj.org.br/historia)>. Acesso em: 07 out. 2020.

OLIVEIRA, Liliane Costa de. **Catolicismo e Protestantismo: O Poder Simbólico da Igreja no Amazonas**. Curso de Ciências Teológicas. Manaus: Faculdade Boas Novas de Ciências Teológicas, Sociais e Biotecnológicas – FBN, 2010.

OLIVEIRA, Liliane da Costa; PINTO, Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra. Os primeiros passos do protestantismo na Amazônia. In: **Estudos de Religião**, v. 31, n. 2, p. 101-125. Maio-ago, 2017.

OPALA. **Entrevista**. [Jan. 2022]. Entrevistador: Felipe Magno Silva Pires. Manaus, 2022.

ORO, Ari Pedro. Podem passar a sacolinha: um estudo sobre as representações do dinheiro no neopentecostalismo brasileiro. **Cadernos de Antropologia**. V. 9, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS, 1992, p. 7-44.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**: umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

O SÉTIMO selo. Direção de Ingmar Bergman. Roteiro: Ingmar Bergman. 1959. (96 min.), VHS, son., P&B. Legendado.

PADUA, Eliane Alabe. Abuso sexual infantil: para combater, é preciso denunciar. In: **Bonde**. 2008. Disponível em: <<https://www.bonde.com.br/comportamento/em-dia/abuso-sexual-infantil-para-combater-e-preciso-denunciar-85208.html>>. Acesso em: 12 fev. 2022

PANTOJA, Mariana Ciavatta. A várzea do médio Amazonas e a sustentabilidade de um modo de vida. In: LIMA, Deborah (org.). **Diversidade socioambiental nas várzeas do Rio Solimões e Amazonas**: perspectivas para o desenvolvimento da sustentabilidade. Manaus: Ibama, ProVárzea, 2005.

PINHEIRO, Paulo Sérgio; ANICAMA, Cecília. A infância em risco. In: **Lemond Diplomatic Brasil**, n. 2009, p. 36-52.

PLATÃO. **O mito da caverna**. São Paulo: Edipro, 2005.

POLLACK, Michael. Memória e identidade. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RAMALHO, João. **Entrevista**. [Jun. 2022]. Entrevistador: Felipe Magno Silva Pires. Manaus, 2022.

RIBEIRO, Joaquim Hudson de Souza. **Espaços violados**: uma leitura geográfica e psicossocial da violência sexual infanto-juvenil na área urbana de Manaus-AM (2006-2010). Tese de doutorado em Geografia Humana. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2011.

RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. Protestantismo Rural: um Protestantismo genuinamente brasileiro. In: FERREIRA, João Cesário Leonel (org.). **Novas Perspectivas sobre o Protestantismo Brasileiro**. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2009, p. 189-229.

RIBEIRO, Tadeu. Assembleia de Deus consagra 1ª pastora mulher da denominação no Brasil. **Portal do Trono**. 2020. Disponível em: < [Assembleia de Deus consagra 1ª pastora mulher da denominação no Brasil \(portaldotrono.com\)](http://portaldotrono.com)>. Acesso em: 23 fev. 2022.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil**: uma análise sócio-religiosa. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

RUBI. **Entrevista I**. [Jun. 2022]. Entrevistador: Felipe Magno Silva Pires. Manaus, 2022.

SAGAN, Carl. **Variedade da experiência científica**: uma visão pessoal da busca por Deus. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SALVADOR, José Gonçalves. O Metodismo no Norte e Nordeste do Brasil. In: **História do Metodismo no Brasil: dos Primórdios à Proclamação da República (1835-1890) Volume I**. Centro Metodista Vila Isabel: Rio de Janeiro, 1982.

SANTOS, Maria dos. **Entrevista**. [Jun. 2022]. Entrevistador: Felipe Magno Silva Pires. Manaus, 2022.

SCHWEICKARDT, Júlio César. **Magia e religião na modernidade**: os rezadores de Manaus. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2002.

SILVA, Marilene Corrêa da. **O paiz do amazonas**. 3 ed. Manaus: Valer, 2012.

SILVA, V. G. **Intolerância religiosa**: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

STERNBERG, Hilgard O'Reilly, **A Água e o Homem na Várzea do Careiro**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998.

SUASSUNA, Ariano. **O auto da compadecida**. Rio de Janeiro: AGIR, 1975.

SUMAÚMA. **Entrevista**. [Jun. 2022]. Entrevistador: Felipe Magno Silva Pires. Manaus, 2022.

TORRES, Iraildes Caldas. **As novas amazônidas**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005.

TORRES NETO, Diogo Gonzaga. **A ética protestante e o espírito da Amazônia**: os escritos, pensamentos e obra de Leo B. Halliwell. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas: Manaus, 2019.

TURMALINA. **Entrevista**. [Jan. 2022]. Entrevistador: Felipe Magno Silva Pires. Manaus, 2022.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana**: um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

VISGUEIRO. **Entrevista**. [Jun. 2022]. Entrevistador: Felipe Magno Silva Pires. Manaus, 2022.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. **Economía y sociedad**. México: Fondo de Cultura, 1984.

WEBER, Max. **Sociologia das religiões**. São Paulo: Ícone, 2015.

WIGGERS, Raquel. Programa bolsa floresta: comunidades rurais em unidades de conservação ambiental do Amazonas. In: WIGGERS, Raquel; RATIER, Hugo; RODRIGUES, Cintya M. Costa (ORGs.). **Comunidade rurais**: organização, associações e lideranças. Manaus: EDUA, 2012.

WREGGE, Rachel Silveira. O ideário das igrejas neopentecostais. In: **Congresso Internacional de História**. Maringá: Universidade Federal de Maringá, 2011.



Universidade Federal do Amazonas – UFAM  
Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais – IFCHS  
Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia –  
PPGSCA

**ANEXO 1**

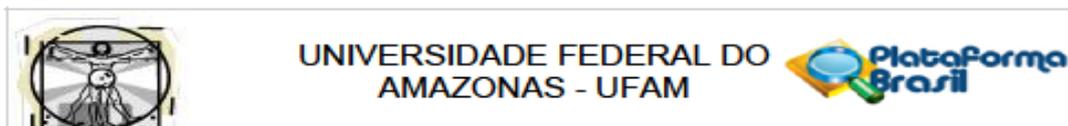
**ROTEIRO DE PERGUNTAS**

(Intelectual da religião)

- 1 – Como o movimento pentecostal chega na Amazônia?
- 2 – Que propostas esse movimento traz?
- 3 – Qual a forma de arregimento do movimento pentecostal?
- 4 – Como você vê a religiosidade do povo Amazônico?
- 5 – De que forma a religião pentecostal interfere nos modos de vida dos povos tradicionais?

## ANEXO 2

## SUBMISSÃO AO COMITÊ DE ÉTICA



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

## DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** O impacto da religião evangélica na vida dos moradores da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, do município Careiro da Várzea, Amazonas: impasses e perspectivas.

**Pesquisador:** FELIPE MAGNO SILVA PIRES

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 55405222.6.0000.5020

**Instituição Proponente:** INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

## DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.300.401

**Apresentação do Projeto:**

A proliferação das igrejas evangélicas no Brasil é uma realidade, e a região amazônica não foge à regra; desde a década passada, quando os dados apontaram mais de 2.000 (duas mil) igrejas evangélicas no Amazonas, esse número só vem crescendo (IBGE, 2010c). Esse dado e os demais resultados, oriundos do Censo Demográfico já apresentados neste projeto, colocam em voga pesquisas que envolvem o tema, muitas delas realizadas nos últimos anos, estudos que denotam o lato interesse pelo tema religião na região amazônica, sendo a maioria desses estudos sob a perspectiva do catolicismo e as relações sociais, a exemplo dos trabalhos do pesquisador Adelson da Costa Fernando, sobre manifestações carismáticas em Manaus, e de Liliane Costa de Oliveira, sobre religiosidade ribeirinha, estudo esse que mescla o catolicismo e o protestantismo, bem como o trabalho de Elder Monteiro de Araújo, que fala sobre a influência do pentecostalismo na formação de identidades sociais de uma comunidade amazonense. Além disso, o tema religião é encontrado nos autores mais clássicos da Sociologia como Durkheim, em *As formas elementares da vida religiosa*, e Weber em *Sociologia das religiões e A ética protestante e o espírito do capitalismo*, bem como na antropologia de Clifford Geertz, que apresenta a religião como um sistema cultural, tema abordado no livro *A interpretação das culturas*. Nesse sentido, a religião pode ser analisada tanto pela perspectiva da Ciência da Religião, quanto da Antropologia e da

**Endereço:** Rua Teresina, 4950

**Bairro:** Adrianópolis

**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**CEP:** 69.057-070

**Telefone:** (92)3305-1181

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com